UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Giuseppe Potrick Stefani

Uso do Ensaio Cometa em Diferentes Modelos Experimentais de Treinamento de Força, Suplementação Nutricional e de Insuficiência Cardíaca em Ratos.

Porto Alegre
2015

Giuseppe Potrick Stefani

Uso do Ensaio Cometa em Diferentes Modelos Experimentais de Treinamento de Força, Suplementação Nutricional e de Insuficiência Cardíaca em Ratos.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Dra. Cláudia Ramos Rhoden
Co-orientador: Dr. Ramiro Barcos Nunes

Porto Alegre
2015

Catalogação na Publicação

Stefani, Giuseppe
Uso do ensaio cometa em diferentes modelos experimentais de treinamento de força, suplementação nutricional e de insuficiência cardíaca em ratos / Giuseppe Stefani. -- 2015.
129 f. : il., graf., tab. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2015.

Orientador(a): Cláudia Rhoden ; coorientador(a): Ramiro Nunes.

1. Dano em DNA. 2. Treinamento de força. 3. L-arginina. 4. Insuficiência cardíaca. 5. Função hemodinâmica. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família **Potrick Stefani** por todo apoio e incentivo que depositaram nesta minha fase acadêmica.

Ao meu **pai**, agradeço por me ensinar o valor da sinceridade, gentileza e amizade. Sempre muito claro e muito confiante em acreditar nas minhas escolhas, demonstrou ser indispensável para o meu crescimento pessoal e profissional. Agradeço muito pelo aprendizado de vida.

À minha **mãe**, sou muito grato por me incentivar constantemente a buscar o melhor, a valorizar a família, a saber ser responsável e me mostrar o caminho acadêmico. Muito obrigado por tudo.

À minha **irmã**, sou muito grato por todo apoio e admiração que tens por mim. Sou muito orgulhoso em poder participar da tua vida.

À minha namorada, **Samantha Peixoto Silva**, agradeço enormemente pelo apoio e compreensão que tivestes ao longo deste período. Mesmo vivendo em uma etapa acadêmica similar, sempre me mostrou o caminho mais fluente para o sucesso. Sou muito grato pelos ensinamentos e momentos que vivemos dia-a-dia.

À minha orientadora, Professora **Cláudia Ramos Rhoden**, sou eternamente grato pela oportunidade e pela confiança que tiveste na minha pessoa. Foste a primeira professora a despertar o meu interesse pelo estresse oxidativo. Por isso, agradeço muito pelos ensinamentos, paciência e confiança. Tu és a minha referência de responsabilidade, ética e competência acadêmica. Muito obrigado por me proporcionar a melhor experiência que já tive.

Ao meu co-orientador, colega, Professor **Ramiro Barcos Nunes**, agradeço imensamente pela confiança e parceria. Desde o início da minha participação no laboratório, como iniciação científica voluntário, sempre me incentivou e me mostrou o lado ético e correto da ciência. Através de muita transparência nunca pude ter qualquer pensamento diferente de orgulho e exemplo. Obrigado por toda oportunidade e confiança que tiveste em mim desde o princípio.

Ao Professor **Pedro Dal Lago**, agradeço muito a oportunidade em poder fazer parte do grupo de pesquisa e contribuir com trabalhos da Fisiologia. Sou eternamente grato pela oportunidade que me proporcionou desde a minha graduação. Além de um grande líder, sempre mostrou o caminho eticamente correto e o trabalho em equipe. Muito obrigado por tudo, Professor, és uma grande referência para mim.

Ao Professor **Thiago Gomes Heck**, muito obrigado pela confiança e incentivo ao desenvolvimento de trabalhos robustos. A empolgação que tens é passada para as pessoas próximas de ti, por isso agradeço pelos ensinamentos, confiança e parceria. Admiro muito a pessoa e profissional que és.

Ao meu colega e amigo **Jadson Pereira Alves**, o qual admiro muito pela sua história, valores, profissionalismo e confiança. Sempre muito solícito a ajudar o próximo e sempre foi o primeiro a me incentivar a sempre buscar mais. Muito obrigado por tudo, és um grande exemplo pra mim.

Aos meus colegas e amigos do laboratório da fisiologia, **Vitor Scotta Hentschke, Rodrigo Boemo Jaenisch, Douglas Dalcin Rossato, Edson Quagliotto, Luís Fernando Deresz**, agradeço muito por todo apoio e por todos ensinamentos que me proporcionaram desde o início desta jornada. Todos foram indispensáveis para o meu crescimento pessoal e profissional e sem vocês, a minha formação seria completamente diferente. Muito obrigado por tudo.

Aos meus colegas e amigos do laboratório de estresse oxidativo e poluição atmosférica, **Alan da Silveira Fleck, Marlise Di Domenico, Gabriela Almeida Motta, Paulo Guilherme Markus Lopes** pelo constante apoio e incentivo desta etapa acadêmica. As longas discussões sobre artigos e resultados sempre foram muito enriquecedoras. Sem o suporte de todos, não seria possível desenvolver os trabalhos que desenvolvemos juntos. Muito obrigado à todos!

Às minhas queridas alunas de iniciação científica, **Bruna Marmett** e **Gabriella Berwig Moller**, agradeço muito por todo suporte, interesse e dedicação ao longo dos experimentos, as quais foram essenciais para a realização desde trabalho. Vocês realmente viveram todas as etapas de um trabalho científico. Muito obrigado!

Ao técnico de laboratório e meu amigo **Paulo Guilherme Markus Lopes,** muito obrigado por me ensinar tanto sobre tudo em um laboratório. Sempre muito paciente e solícito, foste uma peça primordial no bom andamento de todos os experimentos. Sou extremamente agradecido por todo o suporte e abertura com o laboratório.

SÚMARIO

Capítulo II - Artigo 1 em Inglês

Capítulo III - Artigo 2 em Inglês

Capítulo III - Artigo 3 em Inglês

LISTA DE ABREVIATURAS

$^1O_2$: Oxigênio singlete

1RM: Teste de Uma Repetição Máxima

AST: Área de Secção Transversa

ATP: Adenosina Trifosfato

BH_4: Tetrahidrobiopterina

Ca^{2+}: Cátion Bivalente de Cálcio

DNA: Ácido Desóxirribonucléico

ERN: Espécie Reativa de Nitrogênio

ERO: Espécie Reativa de Oxigênio

FAD: Flavina Adenina Dinucleotídeo

FMN: Flavina Mononucleotídeo

GMPc: Guanosina-3,5-monofosfato

H_2O_2: Peróxido de hidrogênio

IAM: Infarto Agudo do Miocárdio

IC: Insuficiência Cardíaca

LAC: Ligação da Artéria Coronariana

NaCl: Cloreto de Sódio

NADPH: Nicotinamida Adenina Dinucleotídeo Fosfato

NO: Óxido Nítrico

NOS: Óxido Nítrico Sintase

$O_2^{-\bullet}$: Ânion radical superóxido

$OH^{\bullet}$: Radical Hidroxil

$ONOO^-$: Peróxinitrito

PDFVE: Pressão Diastólica Final do Ventrículo Esquerdo

PEVK: Proteínas Cinases Prolina Glutamato Valina Lisina)

pH: Potencial de Hidrogênio

RNA: Ácido Ribonucléico

LISTA DE ANEXOS

ABSTRACT

Introduction: The Comet Assay has been used as a very sensitive tool to detect damage to nuclear DNA. Although its use is almost strictly to the *in vitro* and *in vivo* toxicology studies, its application is poorly explored in sports nutrition and in cardiology. Resistance training (RT) is able to induce physiological and biochemical adaptations. It has been observed that some ergogenic supplements could increase their observed effect on biochemical parameters. The supplementation of L-arginine (Arg) is underexplored of genotoxic tests. As well as in experimental models of sports nutrition, experimental studies in cardiology, especially regarding chronic heart failure (CHF), have not been investigated on the point of view of DNA damage. The lingering damage to DNA can induce significantly harmful outcomes for affected cells and thus, increasing the risk of developing organic dysfunctions or even participate directly and indirectly in the pathogenesis of diseases. **Aims**: Using the technique of the Comet Assay in different experimental situations of RT associated with Arg supplementation, and the CHF induced by myocardial infarction (MI) in rats. **Methods**: A total of 35 male Wistar rats was used. Of these, 23 animals were allocated to the study 1 and 2, involving the association of RT with Arg on biochemical parameters. Finally, 12 animals were allocated to the study 3, which were submitted to MI surgery for coronary artery ligation (CAL) to assess DNA damage and its relationship with hemodynamic variables. For study 1 and 2, the protocols lengthened eight weeks of RT and Arg supplementation which succeeded in hemodynamic, biochemical analysis and DNA damage in lymphocytes. For the study 3, the CHF animals underwent MI by CAL and Sham rats had not the artery ligation. After six weeks, it was performed the analysis of hemodynamic function, area of infarction, cardiac hypertrophy, hepatic and pulmonary congestion and DNA damage in different cells (left ventricle, lungs, diaphragm, gastrocnemius and soleus). **Results**: Regarding the study 1, with preliminary results, the RT showed protection of DNA damage in lymphocytes and the association with Arg protected further genotoxic damage. Regarding the study 2, it was further observed that after statistical analysis, Arg supplementation significantly influenced the protection against DNA damage in lymphocytes, a larger extent than RT alone. The Arg influenced to a greater concentration of total testosterone, extracellular HSP72 and lower uric acid concentration, as well as influenced cardiac hypertrophy in the sedentary supplemented group. In relation to the study 3, the CHF group showed greater DNA damage in all different tissues and it was positively correlated with left ventricular dysfunction and with pulmonary congestion. **Conclusion**: The protection and results in DNA damage both in lymphocytes and in different cells reflect that by appropriate experimental designs, the Comet Assay can be used as a sensitive and enriching tool for scientific investigation, in order to render more robust results.

Key-words: DNA damage. Resistance training. L-arginine. Heart failure. Hemodynamic function.

RESUMO

Introdução: O Ensaio Cometa tem sido utilizado como uma ferramenta muito sensível ao detectar dano ao DNA nuclear. Apesar de seu uso ser quase estritamente à ensaios *in vitro* e *in vivo* toxicológicos, sua aplicação é pouco explorada em estudos de nutrição esportiva e de cardiologia. O treinamento de força (TF) é capaz de induzir adaptações fisiológicas e bioquímicas. Tem se observado que algumas suplementações ergogênicas poderiam aumentar o seu efeito observado sobre parâmetros bioquímicos. A suplementação de L-arginina (Arg) é pouco explorada do ponto de vista genotóxico. Assim como modelos experimentais de nutrição esportiva,trabalhos em cardiologia experimental, principalmente em relação à estudos com insuficiência cardíaca (IC), ainda não foram investigados sobre o ponto de vista de dano em DNA. O dano persistente em DNA pode trazer desfechos significativamente prejudiciais para células afetadas e, portanto, aumentando o risco de gerar disfunções ou até mesmo participar direta e indiretamente na patogênese de doenças. **Objetivos**:Utilizar a técnica do ensaio cometa em diferentes situações experimentais de TF associado a suplementação de Arg, bem como à IC induzida pelo infarto agudo do miocárdio (IAM) em ratos. **Métodos**: Foi utilizado um total de 35 ratos machos Wistar. Destes, 23 animais foram alocados ao estudo 1 e 2, envolvendo a associação do TF com Arg sobre parâmetros bioquímicos. Por fim, 12 animais foram alocados ao estudo 3, os quais foram submetidos à cirurgia de IAM pela ligadura da artéria coronariana (LAC) para avaliar dano em DNA e sua relação com variáveis hemodinâmicas. Para o estudo 1 e 2 foram realizados protocolos de oito semanas de TF e suplementação de Arg a que se sucedeu em análise hemodinâmica, análise bioquímica e dano em DNA em linfócitos. Para o estudo 3, os animais IC sofreram IAM pela LAC e os animais Sham não sofreram oclusão da artéria coronariana. Após seis semanas, foi realizado a análise da função hemodinâmica, área de infarto, hipertrofia cardíaca, congestão hepática e pulmonar e dano em DNA em diferentes células (ventrículo esquerdo, pulmão, diafragma, gastrocnêmio e sóleo). **Resultados**: Quanto ao estudo 1, com resultados preliminares, o TF demonstrou proteger o dano em DNA em linfócitos e a associação com Arg protegeu ainda mais o dano genotóxico. Em relação ao estudo 2, foi observado que após análise estatística mais aprofundada, a suplementação de Arg influenciou significativamente a proteção contra o dano em DNA em linfócitos, em maior intensidade que o TF. A Arg influenciou em maior concentração de testosterona total,HSP72 extracelular e menor concentração de ácido úrico, bem como influenciou na hipertrofia cardíaca no grupo sedentário suplementado. Em relação ao estudo 3, a IC demonstrou maior dano em DNA em todas as células de diferentes tecidos e foi positivamente correlacionada com disfunção ventricular esquerda e congestão pulmonar. **Conclusão**: Os resultados de proteção e dano em DNA tanto em linfócitos e em diferentes células refletem que através de desenhos experimentais apropriados é possível utilizar o Ensaio Cometa como uma ferramenta sensível e enriquecedora da investigação científica a fim de tornar o resultado observado mais robusto.

Palavras-chave: Dano em DNA. Treinamento de força. L-arginina. Insuficiência cardíaca. Função hemodinâmica.

CAPÍTULO I - REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Introdução

A molécula de DNA é uma estrutura complexa que desempenha papeis primordiais na manutenção da vida. O DNA é formado por um grupo fosfato, uma pentose e uma base nitrogenada (púrica ou pirimídica) e é com esta combinação que confere à esta estrutura notáveis funções. O DNA é responsável por armazenar informações genéticas de expressão de peptídeos e proteínas-chave envolvidos em processos fisiológicos (1, 2).

Apesar de desempenhar funções essenciais, o DNA está suscetível a uma série de fatores que podem colocar a sua integridade em risco, como os agentes oxidantes. Os agentes oxidantes são formados endogenamente e o excesso de sua produção pode levar a danos à estrutura de DNA. Algumas situações podem aumentar a formação de agentes oxidantes, como doenças degenerativas e o estresse físico excessivo, como por exemplo, o exercício físico agudo (3).

O exercício físico tem demonstrado ser uma excelente ferramenta para promoção de saúde, de um modo geral (4). Por desempenhar efeitos positivos sobre diferentes órgãos e sistemas, o treinamento crônico tem sido demonstrado aumentar defesas imunológicas, reduzir o risco do desenvolvimento de doenças crônicas não-transmissíveis, bem como aumentar a qualidade de vida em diferentes faixas etárias (5-7). No entanto, ao abordar exercício físico, deve-se segregar o exercício de característica aeróbia de exercício de força, uma vez que seus efeitos fisiológicos são muito distintos (8, 9).

Apesar de diversos estudos já demonstrarem benefícios do exercício aeróbio sobre defesas antioxidantes, bem como proteção ao dano oxidativo (10), um número significativamente menor de investigações científicas abordam os efeitos do treinamento de força.

Estratégias coadjuvantes que envolvem a suplementação de nutrientes em associação com o treinamento de força tem sido alvo de investigações científicas nos últimos anos. Os efeitos da suplementação de aminoácidos tem sido amplamente estudados, pois estes apresentam efeitos peculiarmente interessantes sobre o desempenho atlético e estado redox (11). A L-arginina é uma aminoácido com notáveis funções fisiológicas que poderia desempenhar efeitos diferenciados ao associar com o treinamento de força. Uma de suas principais funções é a formação de óxido nítrico e creatina, além de ser intermediário de síntese de proteínas celulares (12).

O óxido nítrico desempenha um papel importante na regulação a curto prazo da pressão arterial, mas seu efeito perpassa modulações fisiológicas, podendo atuar como agente oxidante ou até mesmo antioxidante (13). O paradoxo do óxido nítrico é uma discussão extensa que parece tanto ser um promotor de saúde, quanto pode ser um agente causador de danos celulares. No entanto, em algumas investigações, a suplementação de L-arginina demonstrou ser antioxidante (14) e até mesmo proteger o dano ao DNA (15). A sua função antioxidante ainda não é muito clara, uma vez que poderia atuar como varredor de radicais livres tanto no meio intra, quanto no meio extracelular.

Doenças degenerativas possuem um cenário muito mais prejudicial que em situações de ausência das mesmas, especificamente sobre a biologia do oxigênio. As vias de formação de espécies reativas são ativadas de forma exacerbada, tornando o microambiente celular vulnerável ao dano de biomoléculas essenciais para a manutenção da função celular (16). A insuficiência cardíaca é uma síndrome que acomete não apenas o coração, mas o organismo como um todo. Ela se caracteriza pela inadequada capacidade do coração em manter níveis adequados de suprimento sanguíneo para os tecidos (17).

Nesta condição clínica de insuficiência cardíaca, os efeitos indiretos do prejuízo da função cardíaca desempenham efeitos deletérios sobre outros órgãos, mais especificamente sobre o balanço redox celular (18).

Tendo em vista os diferentes efeitos de situações distintas, como o sedentarismo, o treinamento de força, bem como síndromes degenerativas (insuficiência cardíaca) o mapeamento do dano à estrutura de DNA se torna um importante tema a ser explorado. Por isso, o objetivo da presente revisão de literatura é abordar os pontos-chave de estresse oxidativo, possíveis danos sobre a estrutura do DNA, bem como abordar de forma aprofundada o seu papel e aplicabilidade em situações de treinamento de força, associado ou não à suplementação de L-arginina, bem como em situações de insuficiência cardíaca.

1.2 Estresse Oxidativo

A definição de estresse oxidativo se baseia no desequilíbrio entre a produção de agentes oxidantes com a produção de agentes antioxidantes (19). Os agentes oxidantes

podem ser divididos em dois grandes grupos: as Espécies Reativas de Oxigênio (ERO) e as Espécies Reativas de Nitrogênio (ERN). Da mesma forma, os agentes antioxidantes podem ser divididos em dois grupos: agentes antioxidantes enzimáticos e agentes antioxidantes não-enzimáticos.

As espécies reativas são necessárias e essenciais para a sinalização para a síntese de defesas antioxidantes celulares em processos fisiológicos (20). Por serem formadas em processos fisiológicos, as EROs e ERNs estão presentes na modulação de uma série de situações, como na sua participação em erradicar antígenos via explosão respiratória, no vazamento de elétrons da mitocôndria e também processos de isquemia-reperfusão (21). Na tabela 1 pode ser observado alguns exemplos de EROs e ERNs.

Tabela 1 - Espécies Reativas de Oxigênio e Nitrogênio encontradas em processos biológicos.

Espécies Reativas de Oxigênio	
Oxigênio Singlete	$^1O_2$
Ânion Radical Superóxido	$O_2^{-\bullet}$
Peróxido de Hidrogênio	H_2O_2
Radical Hidroxil	$OH^\bullet$
Radical Perhidroxil	$HO_2^\bullet$
Radical Alcoxil	$RO^\bullet$
Radical Peroxil	$ROO^\bullet$
Radical Hidroperoxil	$ROOH^\bullet$
Ácido Hipocloroso	HOCl
Ozônio	O_3
Espécies Reativas de Nitrogênio	
Óxido Nítrico	NO
Dióxido nítrico	NO_2
Peróxinitrito	$ONOO^-$

Fonte: Bloomer RJ. Effect of exercise on oxidative stress biomarkers. *Adv in Clin Chem*, 2008; 46:1-50.

Por definição, todo radical livre é uma espécie reativa, no entanto, nem toda espécie reativa é um radical. Radical livre é toda molécula que possui um ou mais

elétrons desemparelhados na última camada de valência e é capaz de existir de forma independente, tornando-o altamente instável e com uma afinidade extremamente alta a moléculas adjacentes ao seu local de formação (23).

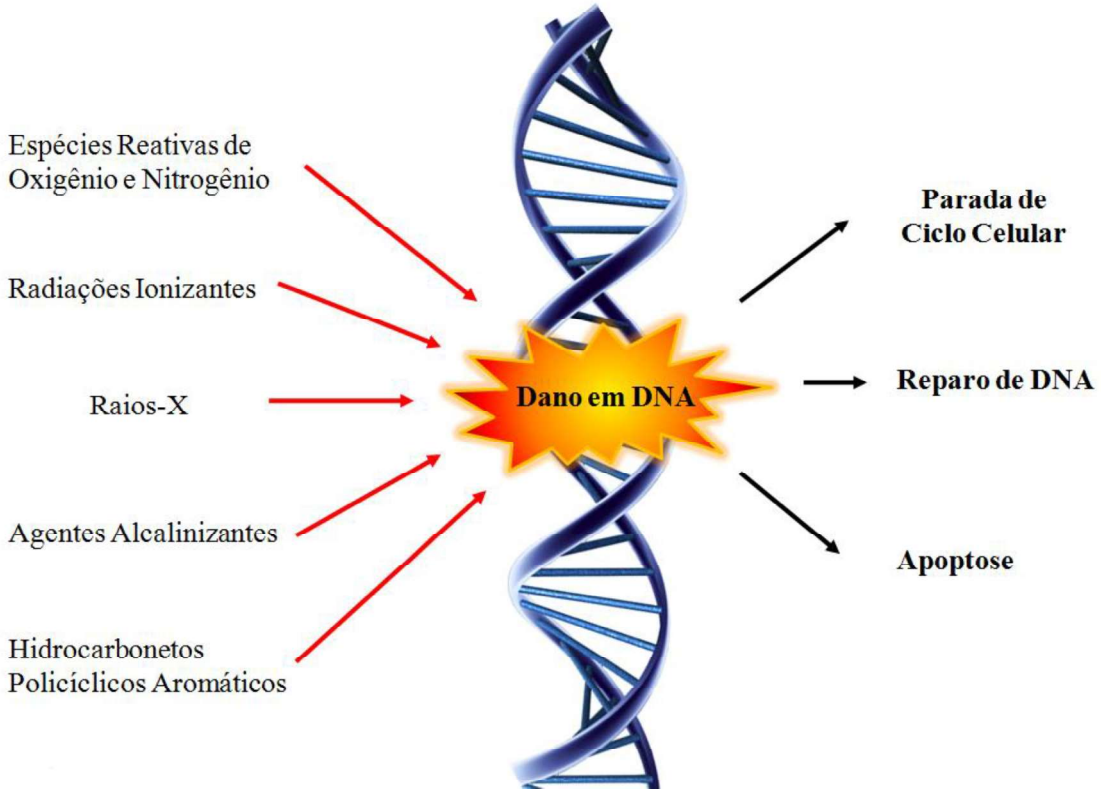
O excesso da produção destas espécies reativas pode levar a prejuízos biológicos. Por haver uma formação generalizada de diferentes espécies reativas em diferentes células, o dano oxidativo pode ocorrer a diferentes biomoléculas (20). As espécies reativas podem causar danos oxidativos a lipídeos (lipoperoxidação ou peroxidação lipídica), proteínas (carbonilação de proteínas) e em DNA (quebras em fitas ou oxidação de bases) (24, 25).

1.3 Dano à Estrutura de DNA

O ácido desoxirribonucléico (DNA) é um composto químico essencial para processos biológicos. A sua atuação não se restringe apenas no armazenamento de códigos genéticos, mas também atua diretamente sobre processos básicos da transcrição de sequências genéticas em compostos de ácidos ribonucléicos (RNA), os quais traduzem este sequenciamento em peptídeos e proteínas essenciais para todos os processos biológicos (1).

Este DNA é formado por grupamentos de fosfatos, bem como por açúcares e bases nitrogenadas (púricas e pirimídicas). Esta conformação estável pode ser alvo de agentes danosos. Dos mais diversos tipos de agentes exógenos e endógenos podem lesionar o DNA, como a radiação ionizante (26, 27), raios-X (28), hidrocarbonetos policíclicos aromáticos (29), agentes alcalinizantes (3) e espécies reativas de oxigênio e nitrogênio (30) (Figura 1). O tipo de dano mais frequente é o dano oxidativo causado por EROs e ERNs (24).

Figura 1 - Diferentes agentes genotóxicos e a suas respectivas respostas celulares ao dano em DNA.



As implicações do dano ao DNA e o seu não-reparo são altamente impactantes no metabolismo celular. O DNA possui o sequenciamente necessário para a sua transcrição em RNA mensageiros e posterior tradução à proteínas com funções biológicas. Uma vez oxidado o esqueleto do DNA, seja em oxidação de base púrica ou pirimídica, ou até mesmo a indução de ligações intermoleculares excessivas entre fitas de DNA, a sua lesão pode ter repercussões devastadoras na homeostase celular (20).

O dano em DNA desempenha um papel importante na mutagênese, carcinogênese e envelhecimento (24). O DNA oxidado está presente em elevada frequência em diversos tecidos, especialmente em células tumorais (31-33). Dentre as ERO que mais danificam o DNA, podem ser destacadas o $O_2^{-}\bullet$, H_2O_2, $^1O_2$ e $OH\bullet$. O $ONOO^-$ é a ERN que possui maior capacidade genotóxica por se difundir facilmente pela célula, podendo reagir com a estrutura de DNA (34).

As ERO e ERN podem causar lesões no DNA de diferentes formas, dentre elas a oxidação de bases púricas/pirimídicas, quebras de fitas simples e fitas duplas (35), O radical hidroxil é considerada a ERO mais perigosa, pois não existe defesas

antioxidantes enzimáticas para neutralizar o seu efeito oxidativo (36). Para reagir com o DNA, este radical livre necessita ser formado próximo ao núcleo celular. O ânion radical superóxido é uma das ERO mais presentes no dano endógeno ao DNA. Entretanto, há defesas antioxidantes enzimáticas próximas ao núcleo, como a superóxido dismutase, que são capazes de dismutar o radical livre no momento que é formado, impedindo seu dano oxidativo (37).

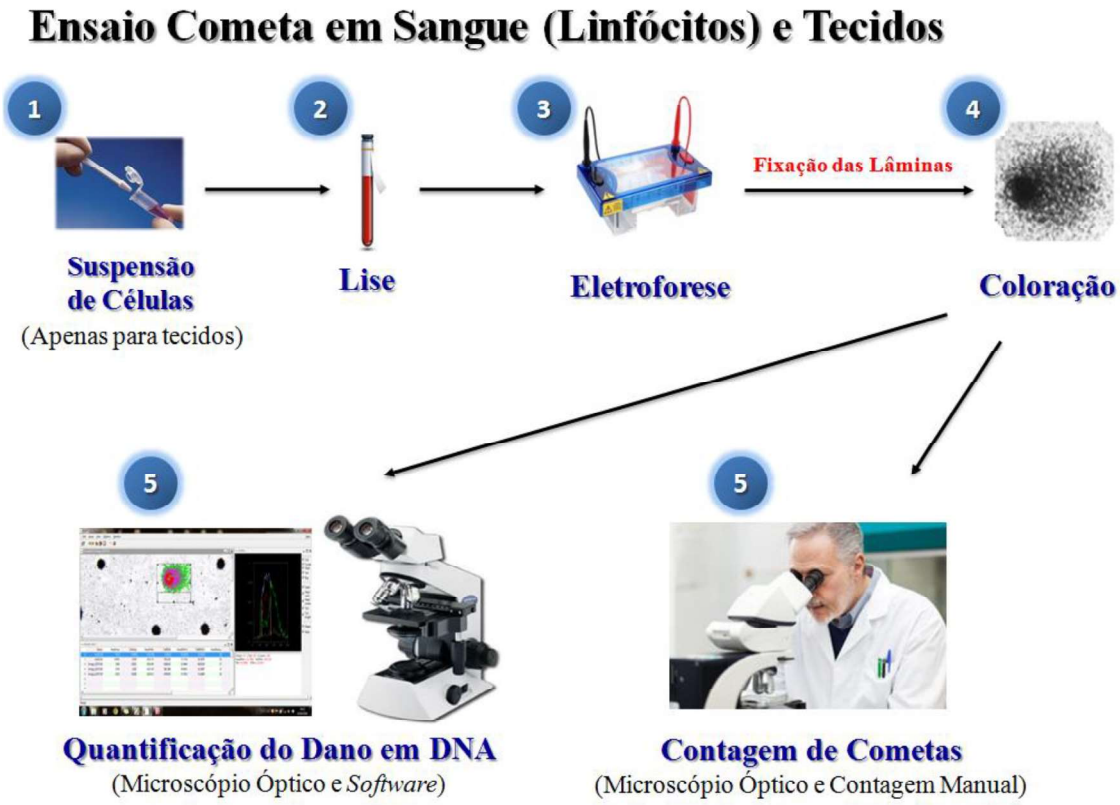
Em situações onde a formação de radical livre é muito superior à defesa antioxidante, ocorre o dano à estrutura de DNA. Dependendo do tipo de lesão, a célula é capaz de identificar a natureza do dano e reparar por diferentes vias (3). Se as lesões genotóxicas persistirem em uma velocidade muito superior ao seu reparo, aumenta o risco de iniciar processos mutagênicos no genoma (33). O acúmulo de bases oxidadas no DNA por radicais livres e EROs tem se demonstrado como um risco para o desenvolvimento de doenças, como o câncer, doenças cardiovasculares e envelhecimento (35, 38).

1.4 Ensaio Cometa

A técnica foi desenvolvida inicialmente com o nome de *Single Cell Gel Eletrophoresis* na década de 70 por Cook e colaboradores (39). Através de uma série de experimentos, foi possível pela primeira vez anexar a estrutura de DNA à uma matriz. Com uma solução detergente de NaCl, o rompimento de membranas plasmáticas permitia que estruturas similares à nucleóides fossem anexadas à uma matriz de agarose. Enquanto o material genético nuclear fosse extraído de proteínas, como histonas, e estivesse na sua forma relaxada, seria possível que fragmentos da sua estrutura, oriundos de quebras simples e duplas de DNA, pudessem se deslocar do centro do nucleóide.

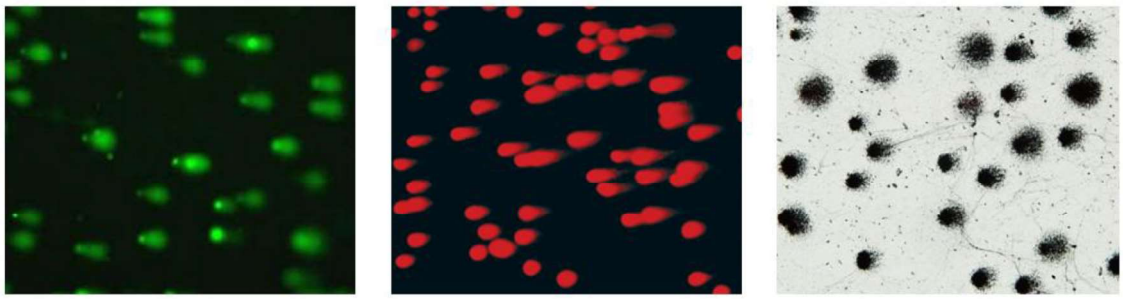
O nome da técnica também é denominado de ensaio cometa, pois a estrutura formada se assemelha à um cometa. Nesta metodologia, os nucleóides embebidos em uma solução de agarose são submetidos à uma corrente eletroforética. Os principais passos da metodologia estão demonstrados na Figura 2. Os fragmentos de DNA são atraídos pelo ânodo, formando a "cauda do cometa". Diferentes densidades de fragmentos de DNA possuem mobilidades diferentes, portanto, fragmentos menores são capazes de se deslocar mais que fragmentos maiores, podendo influenciar diretamente no comprimento da cauda de cometa (40).

Figura 2 - Representação das etapas do Ensaio Cometa (*Single Cell Gel Eletrophoresis*) em sangue (linfócitos) e em tecidos resumido em cinco diferentes etapas.



Após a etapa de eletroforese, é realizado a fixação das lâminas e posterior coloração. A coloração é uma etapa que pode haver diferenças entre protocolos. As colorações disponíveis variam desde reagentes fluoróforos, até reagentes com prata. A escolha do método de coloração depende mais da disponibilidade do laboratório em possuir um microscópio de fluorescência, o que eleva o custo da técnica, ou até mesmo o tipo de *software* de quantificação de dano em DNA. A grande maioria de *softwares* que mensuram o dano em DNA possui apenas versões para lâminas coradas com fluoróforos. Muito frequentemente as condições laboratoriais não permitem a aquisição da metodologia com fluorescência, por isso é amplamente utilizado a coloração de nitrato de prata (41). A coloração de nitrato de prata é capaz de reproduzir os mesmos padrões de dano que reagentes fluorescentes (42). A Figura 3 demonstra as diferenças de coloração do ensaio cometa.

Figura 3 - Tipos de coloração de lâminas (fluorescentes e não-fluorescentes) utilizadas no Ensaio Cometa.



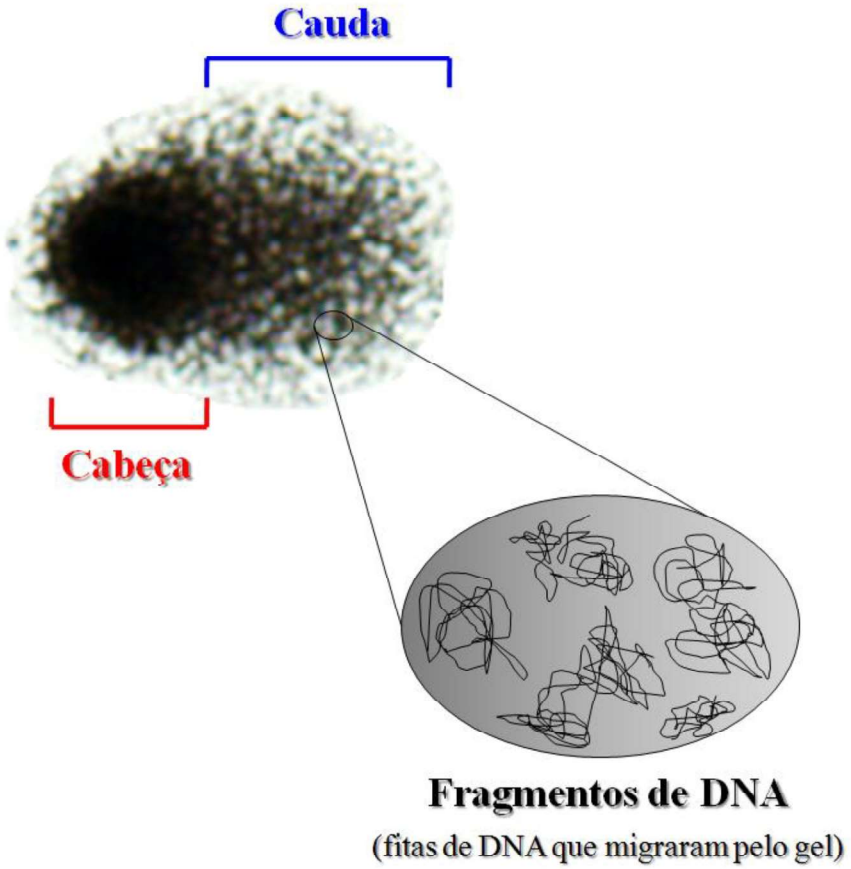
Coloração com Verde SYBR | **Coloração com Brometo de Etídio** | **Coloração com Nitrato de Prata**

Após a coloração de lâminas, é necessário realizar a análise e posterior apresentação dos resultados obtidos no experimento. Há duas grandes possibilidades em apresentar os resultados: contagem de cometas e quantificação direta do dano em DNA. A primeira linha de resultados apresentados com investigações de compostos genotóxicos foi mediante com a utilização de contagem de cometas. Neste processo, há um avaliador que irá distribuir as células em cinco diferentes classes: 0, sem dano; 1 a 4, presença de cauda (indica que há dano em DNA). Nesta classificação o dano é classificado de forma crescente, da classe 1 a 4. Para o final da contagem, é necessário contar 100 células e a partir do número de células com dano de 0 a 4 são gerados resultados como a frequência e índice de dano, sendo o primeiro apresentado em percentual e o último em um escore de 0 a 400 (43). Este método apresenta uma série de limitações, embora seja amplamente utilizado e reflita resultados verdadeiros. Uma das principais limitações é o fato da avaliação ser majoritariamente subjetiva e avaliador-dependente. A fim de reduzir o viés de avaliação, é possível recrutar de dois a três avaliadores, cegados, e analisarem as mesmas lâminas (44). Este tipo de método para mensuração do dano em DNA é recomendado quando não há a possibilidade de realizar a quantificação por *software* das lâminas de interesse.

Por fim, o método mais utilizado e mais confiável é a quantificação direta do dano em DNA. A principal diferença entre a estimativa visual do dano para a quantificação é a isenção da subjetividade do avaliador. Neste caso, *softwares* de análise de imagens medidas de dimensões, comprimentos, diâmetros e raios, bem como densidade e luminosidade por áreas de cada cometa (45). A grande maioria dos

programas utilizados para a quantificação de dano em DNA é realizado um cometa por vez e poucos quantificam com coloração de nitrato de prata, sendo quase uma exclusividade de laboratórios que trabalham com microscópio de fluorescência. Através da análise de cometas por programas específicos é possível obter algumas variáveis, como: percentual de DNA na cauda (% DNA na cauda), comprimento da cauda, momento da cauda e momento da cauda de Olive (42, 43, 46). A Figura 4 representa as diferentes estruturas identificáveis de um cometa com presença de dano.

Figura 4 - Estruturas de um cometa. Nesta figura é possível observar a presença de cabeça, estrutura com DNA íntegro sem dano, e da cauda, estrutura com fragmentos de DNA que são compostos por quebras simples e duplas da fita de DNA.



O cometa possui uma série de protocolos adaptados para diferentes aplicações. Esta técnica pode ser utilizada desde experimentos com cultura de células, como linfócitos (sangue total), até mesmo em células de tecidos. É importante ressaltar que o Ensaio Cometa pode ser utilizado para avaliar quebras simples e/ou duplas. A primeira versão do protocolo foi criada com um pH neutro (pH = 7,0) na etapa de eletroforese.

Esta versão do Ensaio Cometa era capaz de fornecer dano em quebras duplas de fitas de DNA. Mais tarde foi criada uma adaptação por Singh e colaboradores (1988), cuja investigação demonstrou que utilizar pH altamente alcalino (pH > 13,0) sítios apurínicos/apirimídicos em fitas de DNA eram revelados e suas quebras eram observadas de forma mais expressivas após a coloração (48). A partir deste momento, destacou-se ainda mais a importância de realizar o Ensaio Cometa na sua versão alcalina, pois esta adaptação permitia observar todo o dano em DNA, tanto de quebras simples, quanto de quebras duplas (42).

1.5 Aplicabilidade do Ensaio Cometa

O Ensaio Cometa tem sido extensivamente utilizado em investigações toxicológicas das suas mais diversas ramificações. A sua aplicação tem sido investigada além do mapeamento transversal de dano em DNA. O ensaio cometa tem sido utilizado como uma ferramenta a fim de observar proteção de dano genotóxico por irradiação (49), proteção por adequação nutricional (50, 51), proteção de extratos de ervas sobre o fígado (52, 53), proteção hormética entre poluição atmosférica e gravidez (54), bem como em estudos de biomonitoramento ambiental (55).

Recentemente tem sido criticada a utilização do ensaio cometa em estudos que utilizassem nanopartículas, uma vez que resultados falsamente positivos/negativos podem ser encontrados. Por serem muito pequenas, as moléculas de nanopartículas poderiam se ligar ao DNA nuclear, criando um complexo DNA-nanopartícula criando uma instabilidade genômica que seria mascarada pelo aumento da densidade da cabeça do cometa (56). No entanto, mesmo com esta limitação metodológica, o ensaio cometa demonstrou ser confiável no monitoramento do dano em DNA. Em uma recente revisão de Karlsson e colaboradores (2014), demonstram a robustez do ensaio cometa acompanhado com o teste do micronúcleo em células tratadas com nanopartículas de dióxido de titânio. Apesar destes dois testes avaliarem diferentes tipos de lesões, os dois testes demonstraram serem altamente sensíveis e específicos para avaliar o dano em DNA, mesmo com um possível fator confundidor (57).

1.5.1 Aplicação da Técnica de Ensaio Cometa em Modelo Experimental de Treinamento de Força e Nutrição

O Ensaio Cometa tem sido amplamente utilizado em estudos de nutrição (42). São poucos os trabalhos que fizeram uso dessa técnica com o objetivo de investigar os efeitos do treinamento de força sobre o dano em DNA. Já foi demonstrado que o *overtraining* é capaz de danificar o DNA de linfócitos e de músculo esquelético (58). Por esta razão, surgiu o interesse em investigar o efeito crônico do treinamento de força sobre o dano em DNA. Recentemente, alguns trabalhos em humanos têm procurado mostrar o efeito do treinamento de força em idosos sobre a estabilidade genômica (59, 60).

Entretanto, o número de investigações associando suplementos nutricionais com treinamento de força é ainda menor. Por isto, surge um novo campo para investigação cuja aplicação pode se basear em efeitos protetores, sinérgicos ou não com o treinamento de força, ou até mesmo efeito tóxico de substâncias utilizadas em suplementos nutricionais.

1.5.1.1 Adaptações Fisiológicas ao Treinamento de Força

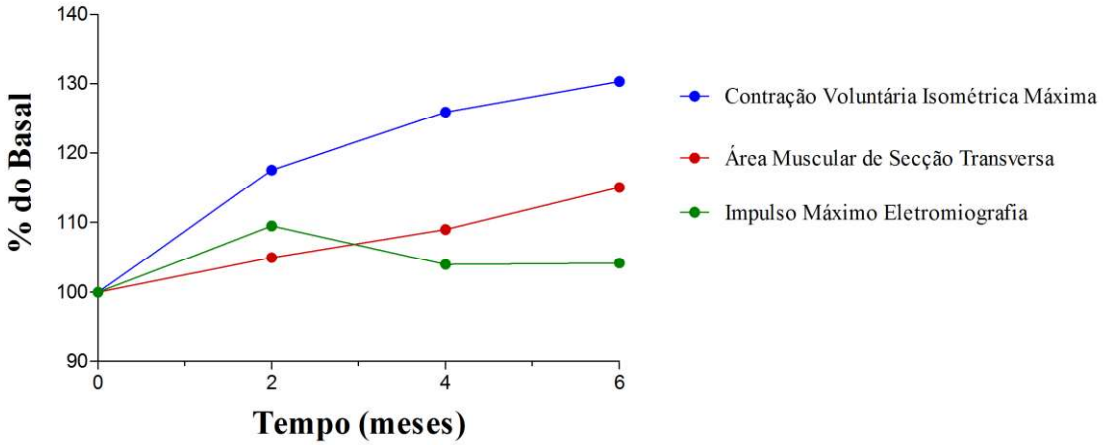
O treinamento de força tem sido utilizado de forma ampla pela população em geral como um método muito eficaz na promoção de ganho de força muscular, aumento de desempenho em esportes de potência, prevenção de lesões musculares e melhora da qualidade de vida (61).

O treinamento de força é conhecido por causar adaptações notavelmente divergentes do treinamento aeróbico. A realização do treinamento de força traz adaptações fisiológicas características do estímulo de força. Dentre elas, pode-se citar o aumento de força máxima, hipertrofia muscular, mudanças na composição de miosina de cadeia pesada e adaptações neurais (62).

O treinamento de força é caracterizado pela imposição de sobrecarga tensional de moderada a alta intensidade, gerando respostas adaptativas diferentes, de acordo com o tipo de fibra muscular, portanto, algumas fibras musculares demonstram maior responsividade à este estímulo do que outras. As fibras musculares do tipo II cujas características metabólicas glicolíticas anaeróbias são mais predominantes, são mais responsivas ao treinamento de força, comparado às fibras musculares do tipo I, as quais possuem metabolismo energético predominantemente oxidativo (8).

Esta seletividade mais expressiva de estímulo por fibras musculares glicolíticas demonstra hipertrofia muscular como principal consequência decorrente do treinamento de força (63-65). Hipertrofia muscular é o processo onde uma célula muscular esquelética aumenta o seu volume e dimensões. Apesar deste último processo ser o efeito mais discutido na literatura científica em relação ao treinamento de força, o seu efeito é observado após meses de treinamento regular (66, 67). O processo inicial do treinamento de força é o aumento de força máxima. Entretanto, nas primeiras semanas de treinamento, o aumento de força é predominantemente influenciado por adaptações neurais (62, 68, 69). A figura 5 demonstra alguns efeitos decorrentes do treinamento de força ao longo de um período de seis meses.

Figura 5 - Efeitos adaptativos morfológicos e fisiológicos de quadríceps no treinamento de força de seis meses. Adaptado de Narici e colaboradores (1996).



Compreende-se por adaptações neurais ao treinamento de força processos estimulatórios que aumentam o recrutamento de unidades motoras musculares esqueléticas (71). Este aprimoramento no recrutamento é afetado por fatores intrinsicamente relacionados ao aumento de força, como a frequência de disparo de despolarização de motoneurônios, potencial de membrana e resistências e capacitância da membrana plasmática de células musculares (72, 73).

Em torno de oito a doze semanas já é possível observar o aumento de área de secção transversa (AST) de fibra muscular, a qual é um marcador de hipertrofia muscular (66, 74). O aumento de AST se correlaciona positivamente com o aumento de volume muscular (75).

A força muscular pode ser mensurada por diferentes metodologias (Tabela 2). O método mais aceito para realização de protocolos de treinamento de força são percentuais calculados a partir do resultado do teste de uma repetição máxima (1RM) (76, 77). O 1RM é considerado o valor máximo de força para determinado exercício, portanto a fim de estabelecer as cargas de treinamento é relativizado em percentual do valor obtido no teste de 1RM.

Tabela 2 - Métodos para calcular a intensidade de exercício de força. RM: Repetição Máxima.

Intensidade Relativa (% de RM)	Intensidade de Uma Sessão Única de Exercício
Carga de RM	Intensidade de Treinamento
Intensidade Média de Exercício	Percepção de Esforço (percepção subjectiva)
Intensidade Absoluta	

Fonte: Fry AC. Resistance exercise intensity and muscle fibre adaptations. *Sports Med*, 2004; 34 (10):663-679.

A intensidade escolhida para o treinamento determina os efeitos observados, como a hipertrofia muscular. O comportamento de intensidade segue uma curva de dose-resposta sobre adaptações musculares (71). Embora o padrão de estímulo hipertrófico seja de dose-resposta, existe um ponto ótimo para a sua intensidade. Tem se observado que tanto em humanos, quanto na grande maioria de animais o maior estímulo para hipertrofia muscular varia entre 80 e 95% de 1RM (68, 78, 79). Protocolos de treinamento de força superiores à 95% de 1RM teoricamente não forneceriam benefícios superiores, em relação à hipertrofia muscular (80).

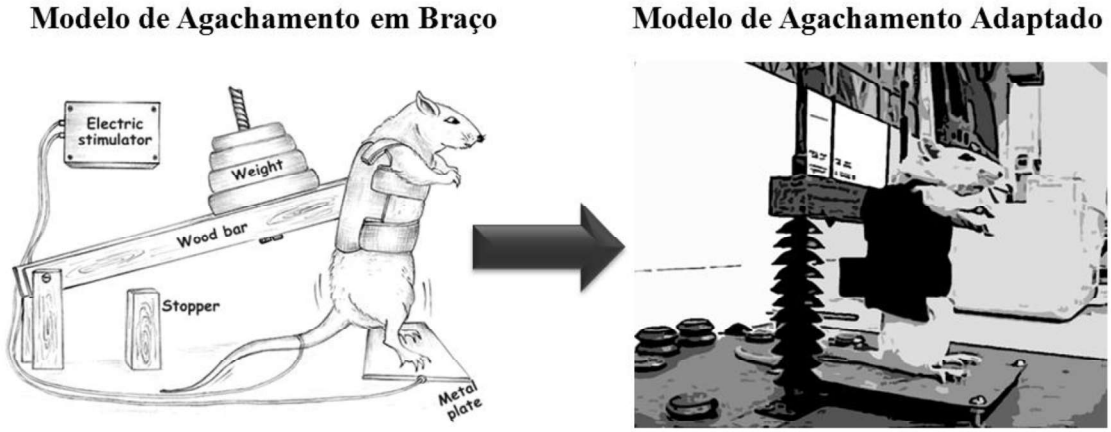
1.5.1.2 Modelos Experimentais de Treinamento de Força

Desde o início da década dos anos 90, o treinamento de força tem sido investigado por meio de modelos experimentais. O objetivo de realizar experimentos com o exercício e treinamento de força com animais era de poder gerar mais conhecimento sobre adaptações fisiológicas, bioquímicas, genéticas, bem como adaptações moleculares.

A primeira tentativa foi realizada por Tamaki e colaboradores (1992), cujo objetivo era criar um modelo de agachamento para ratos. Com este modelo foi possível observar dados reprodutíveis sobre parâmetros de hipertrofia muscular de membros inferiores em ratos. A inovação foi utilizar um estímulo elétrico padronizado para realizar extensão e flexão de membros inferiores. O estímulo elétrico desenvolvido neste trabalho mostrou não lesionar os animais (81). Neste modelo de agachamento, os animais eram posicionados com um colete de neoprene e sua cauda era acoplada a um eletrodo. Com o contato com uma placa metálica (condutor de eletricidade), os animais recebiam o estímulo elétrico para realizar as contrações musculares.

Uma limitação deste modelo era o equipamento de agachamento que era em modelo de braço, tornando-o instável na amplitude máxima durante as repetições. Por isso, em 2004 um grupo de pesquisadores da Inglaterra desenvolveu um equipamento de agachamento com barras guiadas (82). Neste trabalho, Krisan e colaboradores conseguiram trazer o modelo mais próximo da realidade de agachamento com humanos. É possível notas as diferenças entre os dois modelos de agachamento para ratos, apontando principalmente pela barra guiada (Figura 6).

Figura 6 - Ilustração da evolução de modelos experimentais de agachamento para ratos. À esquerda é representado o modelo desenvolvido por Tamaki e colaboradores (1992). À direita é representado o modelo de Krisan e colaboradores (2004) e desenvolvido por Alves e colabores (2014).



Com o passar do tempo, novos modelos foram sendo desenvolvidos. Podem ser citados desde modelos de escaladas com carga acoplada à cauda (83), saltos verticais

em cilindro com água (84) e treinamento de força de membros inferiores em roda suspensa (85). No entanto, o modelo mais representativo e que demonstra maior reprodutibilidade, bem como menor grau de estresse aos animais é o agachamento adaptado. A sua execução com estímulo elétrico garante o mesmo estímulo para contração da musculatura esquelética, não havendo fatores interferentes ao efeito hipertrófico do treinamento.

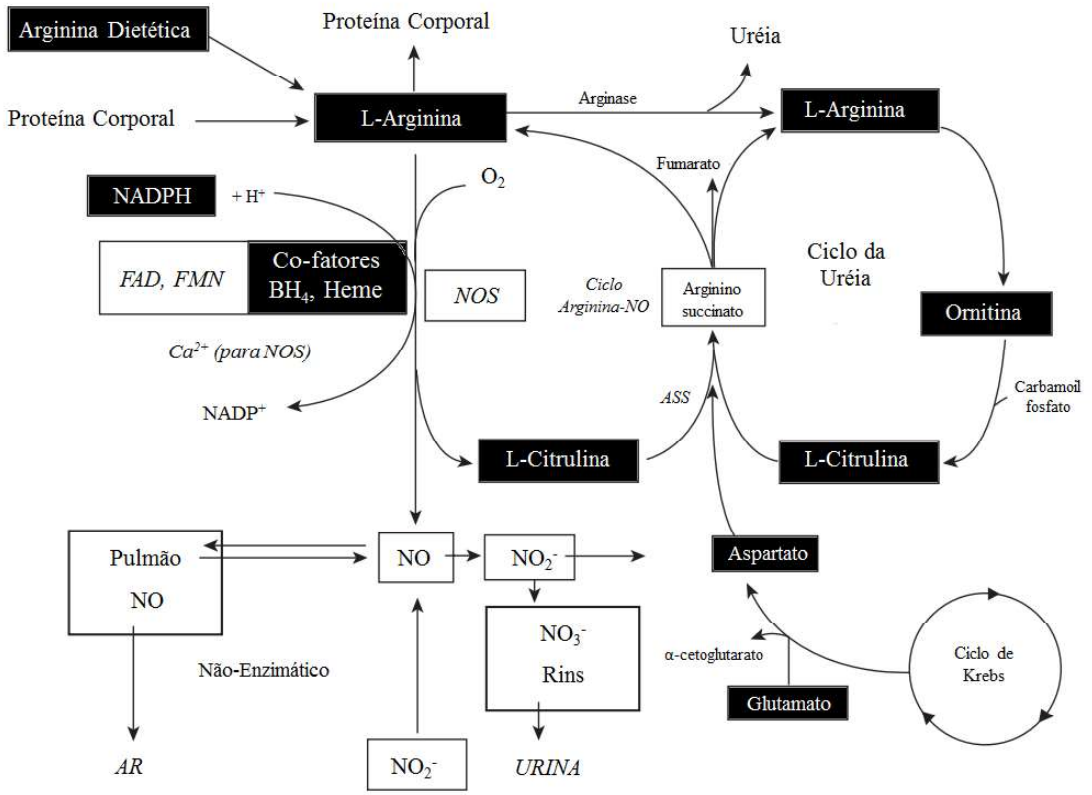
1.5.1.3 Metabolismo da L-Arginina

A L-arginina é um aminoácido proteogênico e condicionalmente essencial, se tornando essencial ou não-essencial dependendo do estágio de desenvolvimento do indivíduo (86). Aminoácidos essenciais não são produzidos pelo organismo humano, mas são necessários para a sua homeostase. Diferentemente, os aminoácidos não-essenciais são produzidos de forma endógena. A arginina é derivada principalmente da citrulina – um produto intermediário do metabolismo intestinal e hepático da glutamina. Uma vez que a citrulina é liberada à circulação sanguínea, os rins a recaptam para sua conversão em arginina (87). Aproximadamente metade da arginina ingerida é rapidamente convertida em ornitina pela arginase, sendo que esta pode ser convertida em outras substâncias ou degradada pela via de poliaminas (88).

A arginina é precursora de diversas substâncias com notáveis funções fisiológicas, como o óxido nítrico (NO), creatina ou proteínas de função diversificadas (89). Quando a arginina não é metabolizada pela arginase e convertida em ornitina, ela é processada por uma destas três possíveis enzimas: oxido nítrico sintase (NOS) - cuja função é sintetizar NO -, arginina-glicina amidinotransferase (sintetização de creatina) ou arginil-RNAt sintetase (sintetização de arginil-RNAt, que é um precursor de essencial à síntese de proteínas) (90).

A fim de sintetizar NO, a NOS necessita de alguns co-fatores para que a reação ocorra, como nucleotídeos doadores de elétrons (FAD, FMN e NADPH) e BH_4 (tetradihidrobiopterina) (91, 92). Ainda é possível sustentar de forma indireta a síntese de NO a partir da citrulina. Intermediários sintetizados no ciclo de Krebs são degradados até formarem aspartato, o qual é metabolizado a arginino succinato, é possível convertê-lo em arginina. A partir da síntese de arginina, o aminoácido serve como substrato para a NOS, sintetizando NO. A Figura 7 demonstra a interrelação de diferentes vias metabólicas da L-arginina no organismo humano.

Figura 7 - Metabolismo da L-Arginina e suas diferentes vias de síntese de intermediários e subprodutos. ASS: Arginino succinato sintase, BH_4: tetrahidrobiopterina, FAD: flavina adenina dinucleotídeo, FMN: flavina mononucleotídeo, NOS: óxido nítrico sintase. Adaptado de Luiking e colaboradores (2010).



O NO é um gás lipossolúvel sintetizado não apenas dependente de NOS, também pode ser formado a partir de nitratos e nitritos (94). O NO possui diversas funções, como vasodilatador no endotélio vascular, mediador na de neurotransmissores noradrenérgicos e não-colinérgicos, plasticidade neuronal e neuroproteção (95, 96). Seu efeito mais notável sobre o controle a curto prazo de pressão arterial é sua difusão no endotélio vascular, onde por ativação da guanilato ciclase, a guanosina trifosfato é degradada à guanosina-3,5-monofosfato (GMPc). Este subproduto atua como segundo mensageiro em uma cascata de sinalização no processo de relaxamento da musculatura lisa de vasos sanguíneos, reduzindo assim a pressão arterial (97).

Além de funções cardiovasculares, o NO é uma espécie reativa de oxigênio e nitrogênio com alta reatividade e taxa de difusão (98). A formação na sua forma reativa pode causar danos oxidativos em biomoléculas, incluindo o DNA (13). Apesar de

investigações demonstrarem efeitos antioxidantes e pró-oxidantes do NO, ainda não está bem estabelecido o seu comportamento no balanço redox celular (99).

1.5.1.3 Suplementação de L-Arginina

O NO desempenha uma série de papeis na regulação da função de diversos órgãos, dependendo do tipo de célula, tecido, bem como a isoforma de NOS responsável (13). Depois de demonstrar notável importância do NO sobre a fisiologia humana, hipóteses foram surgindo de substâncias precursoras deste gás poderia desempenhar efeito ergogênico em situações de exercício físico (100). Através de sua ação vasodilatadora, mediada na reação da conversão da arginina em citrulina, produzindo NO pela catalisação da NOS. A produção de NO teoricamente aumentaria a perfusão sanguínea local, capacitando o músculo esquelético em ter maior acesso à nutrientes essenciais à contração muscular, aumentando assim o desempenho durante o exercício físico.

Outro possível efeito da suplementação de arginina seria o aumento de massa muscular pela modulação positiva na síntese e liberação de hormônio do crescimento (100). Embora esta hipótese pareça muito vaga, nenhum estudo buscou avaliar o efeito crônico da sua suplementação associada ao treinamento de força sobre a massa muscular.

Apenas uma investigação demonstrou efeito ergogênico em exercício isocinético, mesmo com um tamanho amostral pequeno (101). Mais recentemente, em um estudo similar a administração oral de arginina demonstrou aumentar o volume sanguíneo durante o exercício isocinético, entretanto não demonstrou efeitos sobre o desempenho (102). Das poucas investigações que demonstraram efeitos positivos da sua suplementação (14, 103), a grande maioria falhou em demonstrar aumento de força máxima ou desempenho (104-106). A abordagem da suplementação de arginina como um possível antioxidante em situações do exercício de força é escassa. O seu mecanismo ergogênico observados em alguns estudos ainda não está bem estabelecido.

Ainda são necessários mais estudos para avaliar se os efeitos evidenciados são replicáveis no meio científico, para que em um futuro mais distante, seja possível planejar a suplementação de L-arginina como um suplemento eficaz para atletas e praticantes de exercício físico.

1.5.2 Aplicação da Técnica em Modelo Experimental de Insuficiência Cardíaca

1.5.2.1 Epidemiologia

A Insuficiência Cardíaca (IC) é uma síndrome degenerativa com progressão agressiva e de difícil controle (107). Segundo a *American Heart Association*, em uma recente publicação demonstra o impacto de doenças cardiovasculares em desfechos fatais comparado a outras causas de morte. As doenças cardiovasculares representam mais de 30% das causas de morte, tanto em homens, quanto em mulheres, permanecendo em primeiro lugar, seguido por neoplasias (aproximadamente 24%) (17).

No Brasil, o quadro é muito similar ao reportado pelo *American Heart Association*. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cardiologia, no Brasil em torno de 30% das mortes são causadas por doenças cardiovasculares (108). Apesar da severidade que a síndrome da IC apresenta, com o passar dos anos, o número de mortes a cada 1.000 pessoas apresenta-se em declínio desde 2000 (17). Através de novas estratégias terapêuticas, foi possível aumentar a expectativa de vida de portadores de IC, bem como aumentar a sua qualidade vida.

Alguns fatores externos desempenham importantes papéis na progressão de doenças cardiovasculares, como o tabagismo, maus hábitos alimentares e inatividade física (17). Por ser uma síndrome com progressão contínua de seus sintomas, a IC representa em torno de 70% dos custos, tanto diretos, quanto indiretos gerados por pacientes portadores de IC (109). A progressão da síndrome por si só não é a única dificuldade à ser enfrentada, um fator que atinge diretamente os custos gerados pela IC é a baixa adesão ao tratamento farmacológico, e de forma mais expressiva ao tratamento não-farmacológico (109).

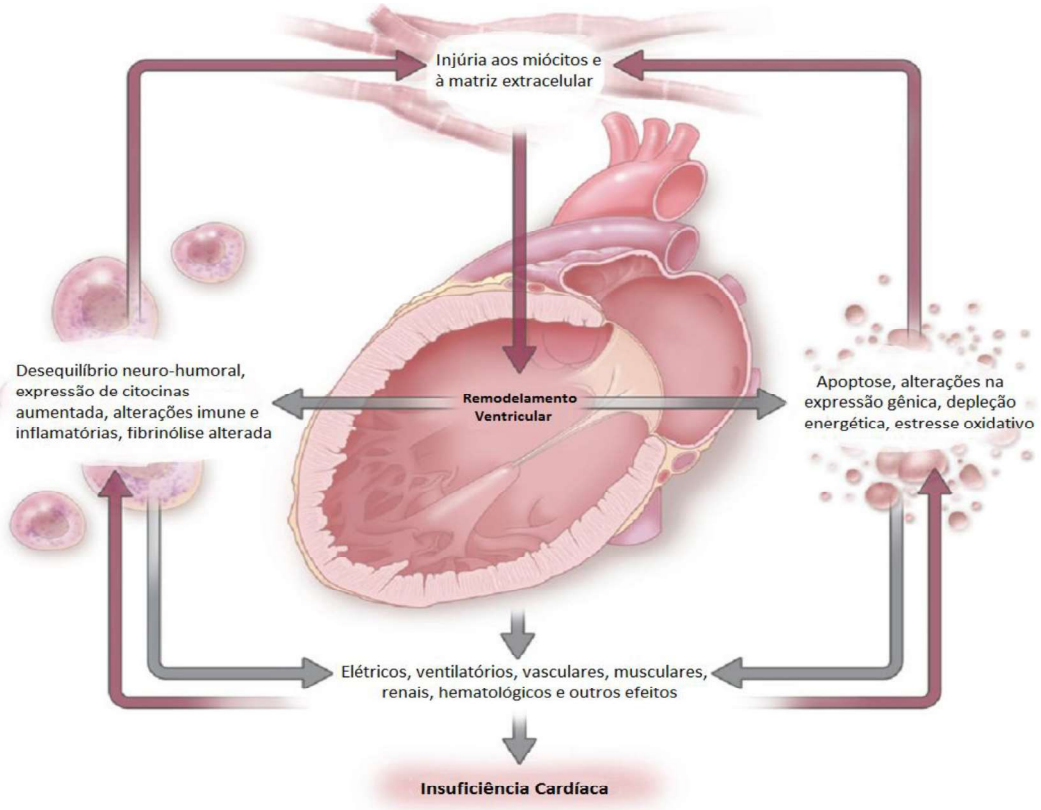
1.5.2.2 Fisiopatologia da Insuficiência Cardíaca

A insuficiência cardíaca (IC) é caracterizada por distúrbios estruturais e funcionais do coração (17). Estas alterações levam à redução do fluxo sanguíneo necessário às atividades metabólicas do organismo, o que pode induzir a sintomas como dispneia, fadiga, congestão pulmonar e sinais, como edema periférico (110, 111). Além disso, muitos destes fatores limitantes estão intimamente relacionados com a perda de

massa magra, bem como redução da capacidade respiratória (112), o que demonstra um cenário característico encontrado em pacientes com IC (113).

Apesar dos grandes progressos em relação às terapias farmacológicas, pacientes com IC possuem uma reduzida capacidade funcional e uma baixa qualidade de vida (114). Este cenário, característico de pacientes com IC, está, em parte, relacionado às alterações tanto estruturais quanto funcionais do sistema cardiovascular e do músculo esquelético, prejudicando a função hemodinâmica e a atividade muscular (115). Como é demonstrado na Figura 8, a fisiopatologia da IC é dependente de alguns fatores-chave para o seu surgimento e progressão.

Figura 8 - Fisiopatologia da Insuficiência Cardíaca e fatores-chave no remodelamento ventricular e progressão da síndrome. Adaptado de McMurray, 2010.



Os pacientes com IC apresentam um severo desequilíbrio do estado redox e alguns marcadores de estresse oxidativo têm sido correlacionados com a disfunção miocárdica e severidade global da IC (117). Um dos mecanismos evidentes pelo qual o estresse oxidativo do miocárdio pode prejudicar a função cardíaca é através de dano oxidativo a proteínas e a membranas celulares, induzindo assim disfunção de organelas celulares, como a mitocôndria, ou morte por apoptose e necrose (118).

O tecido cardíaco é notavelmente suscetível ao estímulo adrenérgico exacerbado. A modulação neuro-humoral pelo aumento na atividade simpática com concomitante redução da atividade parassimpática, eleva a secreção de catecolaminas em pacientes com IC (116). A hiperativiação do componente simpático tem como principal efeito sobre o cardiomiócito aumentar a força de contratilidade, o qual é diretamente modulado pela abertura de canais de Ca^{2+}. A IC tem como característica apresentar uma alteração do metabolismo intracelular de Ca^{2+}. O excesso de liberação de Ca^{2+}, bem como a disfunção da mitocôndria em gerar ATP no cardiomiócito está intimamente relacionado à abertura de poros de permeabilidade transitória mitocondriais, os quais acabam permitindo a saída de espécies reativas de oxigênio e nitrogênio formados na microestrutura mitocondrial (119).

O coração é um órgão com capacidade regenerativa e reparadora limitada. Agudamente após o infarto, o miocárdio sofre uma série de lesões de características hemodinâmicas (120), necróticas e apoptóticas (121), inflamatórias (122), oxidativas e nitrosativas (16), bem como autofágicas (123). Cronicamente, o coração demonstra um panorama diferente. Ao se adaptar com disfunção ventricular esquerda, o coração demonstra uma taxa apoptótica e necrótica muito reduzida, quando comparada ao evento de infarto agudo do miocárdio (124), no entanto é em torno de 10 a 100 vezes superior à um coração saudável (125-127). Entretanto, o cenário de produção de radicais livres e mediadores pró-inflamatórios se torna um fator de notável importância na progressão da IC (128).

1.5.2.3 Remodelamento Cardíaco

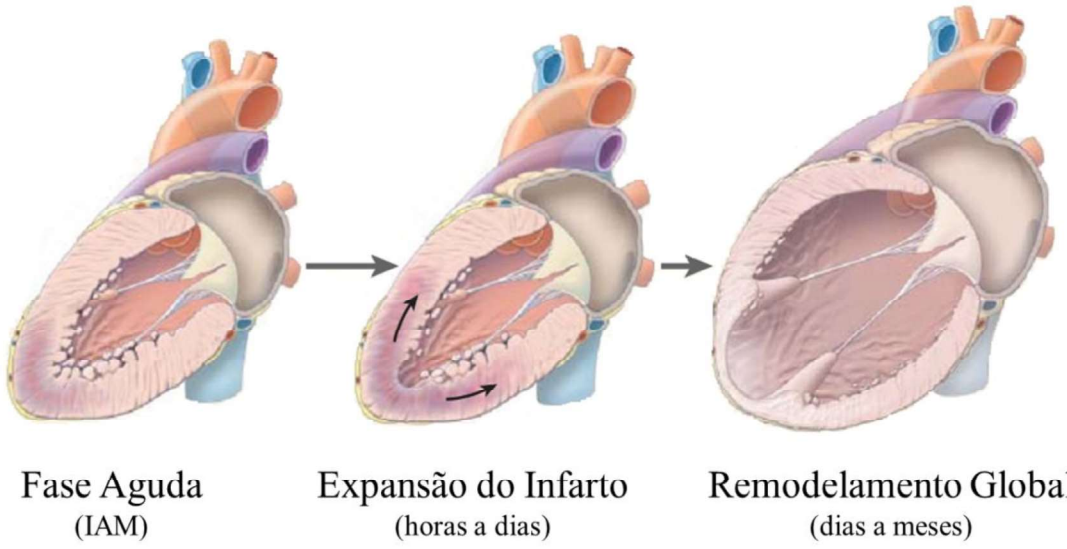
Remodelamento cardíaco é um processo decorrente de elevada demanda cardíaca. A hipertrofia cardíaca é um tipo de remodelamento cardíaco. A hipertrofia cardíaca pode ser subdividida em dois grandes grupos: fisiológica e patológica. A hipertrofia fisiológica é observada em indivíduos fisicamente ativos e mulheres grávidas e não está associado à alterações de funcionamento cardíaco (129). Já a hipertrofia cardíaca patológica é resultante da sobrecarga de volume, pressão ou até mesmo eventos cardiovasculares, como o infarto agudo do miocárdio (130).

A hipertrofia muscular do ventrículo esquerdo na IC é construída a partir de um conjunto de alterações estruturais decorrentes de apoptose e necrose das células endoteliais e miocárdicas, progressiva disfunção da contratilidade do miócito, alteração

na função do fibroblasto cardíaco e extenso remodelamento da matriz extracelular (131). Neste processo, o estresse oxidativo causa alterações morfológicas na mitocôndria, induzindo inchaço da matriz e aumento da espessura do espaço intermembrana mitocondrial. Estas alterações resultam na produção desenfreada de ânion radical superóxido, redução na eficiência da produção de ATP e alterações transcricionais dos genes associados com a IC em relação à contratilidade cardíaca (132). Este processo na IC é denominado de disfunção mitocondrial (118) e está intimamente relacionada em todos os estágios do remodelamento cardíaco.

O remodelamento cardíaco pode apresentar características distintas ao longo do tempo após o infarto (Figura 9). A fase aguda refere-se ao infarto do ventrículo esquerdo o qual causa morte de cardiomiócitos que foram afetados diretamente à isquemia (133). Após algumas horas e até mesmo dias, a área necrótica antes atingida é expandida atingindo o tecido cardíaco adjacente. Por fim, ao longo de semanas e meses, o coração já não possui mais uma área necrótica, mas uma área cicatricial e a alteração da sua forma geométrica original para um formato globóide (134). O coração infartado demonstra elevado acúmulo de tecido fibroso, o qual altera o seu comportamento elétrico, bem como a função ventricular esquerda (135). A cicatriz fibrosa cardíaca reduz a contratilidade e dilatação do ventrículo e esta é dependente da área afetada pelo infarto agudo do miocárdio (136).

Figura 9 - Representação da progressão do remodelamento ventricular esquerdo após o infarto agudo do miocárdio. IAM: Infarto Agudo do Miocárdio. Adaptado de Jessup & Brozena, 2003.



O remodelamento cardíaco resulta no aumento da massa ventricular (hipertrofia muscular cardíaca), no entanto, sem ocorrer um aumento no volume do ventrículo esquerdo (dilatação). Essa alteração é definida como hipertrofia concêntrica patológica, que tem como característica a organização dos sarcômeros em paralelo, consequência de uma sobrecarga por pressão, induzindo aumento do diâmetro celular do cardiomiócito (137).

Com a progressão do remodelamento ventricular, é iniciada a fase de dilatação do ventrículo esquerdo relativo ao aumento da massa ventricular. Este processo é definido como hipertrofia excêntrica e está diretamente ligado à sobrecarga de volume, resultando em adição de sarcômeros em série, que aumenta a célula no seu comprimento (138, 139).

O acúmulo de tecido fibroso no coração infartado altera o comportamento elétrico e também as funções sistólica e diastólica do ciclo cardíaco. A fibrose intersticial em excesso indica um importante aspecto negativo da hipertrofia ventricular esquerda crônica e da IC, além disso, o estresse oxidativo desempenha um importante papel no processo pró-fibrótico em vários órgãos, incluindo coração (140).

1.5.2.4 Alterações Hemodinâmicas

Além de repercussões deletérias sobre a estrutura do miocárdio, a IC leva uma série de alterações hemodinâmicas que afetam indiretamente diversos órgãos e sistemas (141). Após o infarto agudo do miocárdio, é comum que aconteça uma queda do volume ejeção do ventrículo esquerdo, o qual é consequência da perda de tecido muscular cardíaco, aumentando desta forma, a tensão diastólica (pré-carga) e o volume do ventrículo esquerdo e restabelecendo, inicialmente, sua função normal (111, 139, 142).

A disfunção sistólica e diastólica do ventrículo esquerdo permite um ciclo vicioso de prejuízo na distribuição sanguínea à todos órgãos e estruturas periféricas , levando à progressão e severidade da IC (143). A rigidez miocárdica usualmente é o maior determinante sobre a rigidez de câmaras ventriculares cardíacas, sendo mais proeminente que estruturas adjacentes do coração, como o pericárdio e a pressão intratorácica (144, 145). Desta forma, torna-se importante buscar opções farmacológicas e não-farmacológicas que possam atenuar a rigidez do miocárdio que é apresentada em pacientes portadores de IC.

Na IC, comumente é observado disfunção diastólica, na qual se diferencia as alterações hemodinâmicas da IC sistólica no comprometimento da função hemodinâmica (146). Através do processo fibrótico após o infarto agudo do miocárdio, é observado um aumento na rigidez do ventrículo esquerdo (135). Um dos fatores moleculares principais que contribuem para o aumento da rigidez passiva do ventrículo esquerdo na diástole, é a hiperfosforilação de resíduos da estrutura da titina. Nesta proteína, dois resíduos de serina de proteínas cinases prolina-glutamato-valina-lisina (PEVK) são particularmente sensíveis à esta modulação, como a região 26 (S26) e região 170 (S170). A PEVK S26 demonstra ser ainda mais suscetível à hiperfosforilação, o que levaria ao encurtamento de sarcômeros de miofibrilas cardíacas a qual aumentaria, por sua vez, a rigidez passiva na diástole (147).

Outro fator importante que participa na função hemodinâmica do coração é a formação de radicais livres, como o ânion radical superóxido. Este radical livre é formado, além do vazamento de elétrons na mitocôndria, pela xantina oxidase durante o ciclo de contração-relaxamento da musculatura cardíaca (148). Recentemente, tem sido observado que inibidores da xantina oxidase são capazes de atenuar alterações hemodinâmicas sistólicas e, principalmente, diastólicas após sobrecarga de volume (149).

Existem parâmetros que refletem a disfunção ventricular esquerda em pacientes com IC. Um dos parâmetros utilizados que demonstram disfunção no ventrículo esquerdo é a pressão diastólica final do ventrículo esquerdo (PDFVE) (150, 151). Esta pressão indica um aumento de pressão dentro da câmara ventricular esquerda, a qual não deveria estar aumentada em relação à indivíduos sem IC diastólica (152). Alguns fatores contribuem para o seu aumento, como a conteúdo de colágeno na área cicatricial de infarto do miocárdio, o aumento na rigidez passiva do ventrículo esquerdo durante a diástole, bem como alterações no remodelamento do ventrículo esquerdo (153). Recentemente tem sido recomendado a estratificação de valores obtidos de PDFVE de pacientes a fim de estabelecer risco de desfechos cardiovasculares, bem como o seu tratamento (154).

1.5.2.5 Modelos Experimentais de Insuficiência Cardíaca

Modelos experimentais de infarto agudo do miocárdio tem sido extensivamente utilizados em estudos de mecanismos fisiopatológicos, bem como em efeitos de

tratamentos farmacológicos e não-farmacológicos. O infarto agudo do miocárdio é uma das principais causas para o desenvolvimento de IC em humanos (116), por isso torna-se relevante desenvolver modelos experimentais a fim de testar novas alternativas no tratamento da IC.

O modelo mais utilizado para indução do infarto agudo do miocárdio em ratos é a ligação da artéria coronariana (LAC) esquerda descendente (155-157). Em função do seu baixo custo e da sua praticidade, a LAC leva à áreas extensas de infarto, remodelamento cardíaco, bem como disfunção do ventrículo esquerdo (158, 159). Cirurgias de indução de infarto do miocárdio, como a LAC, demonstram taxas de mortalidade variando entre 30 e 50%, dependendo da experiência do cirurgião.

Todo modelo experimental necessita de parâmetros ou um conjunto deles a fim de estabelecer o diagnóstico de IC. Diferentemente de humanos, onde o diagnóstico se baseia em sinais, sintomas e análises ecocardiográficas, modelos experimentais de IC utilizam a PDFVE como um dos principais parâmetros no diagnóstico da IC em ratos (160). De fato, apenas a elevação da PDFVE não é suficiente para estabelecer a presença de IC em ratos. Pelo menos outros critérios devem ser preenchidos, como congestão pulmonar e hipertrofia do ventrículo esquerdo (161).

1.6 Referências Bibliográficas

1. Iyer LM, Tahiliani M, Rao A, Aravind L. Prediction of novel families of enzymes involved in oxidative and other complex modifications of bases in nucleic acids. Cell Cycle. 2009;8(11):1698-710.

2. Watson JD, Crick FH. Molecular structure of nucleic acids; a structure for deoxyribose nucleic acid. Nature. 1953;171(4356):737-8.

3. Ciccia A, Elledge SJ. The DNA damage response: making it safe to play with knives. Molecular cell. 2010;40(2):179-204.

4. Umpierre D, Ribeiro PA, Kramer CK, Leitao CB, Zucatti AT, Azevedo MJ, et al. Physical activity advice only or structured exercise training and association with HbA1c levels in type 2 diabetes: a systematic review and meta-analysis. Jama. 2011;305(17):1790-9.

5. American College of Sports Medicine position stand. Progression models in resistance training for healthy adults. Medicine and science in sports and exercise. 2009;41(3):687-708.

6. Chodzko-Zajko WJ, Proctor DN, Fiatarone Singh MA, Minson CT, Nigg CR, Salem GJ, et al. American College of Sports Medicine position stand. Exercise and physical activity for older adults. Medicine and science in sports and exercise. 2009;41(7):1510-30.

7. Garber CE, Blissmer B, Deschenes MR, Franklin BA, Lamonte MJ, Lee IM, et al. American College of Sports Medicine position stand. Quantity and quality of exercise for developing and maintaining cardiorespiratory, musculoskeletal, and neuromotor fitness in apparently healthy adults: guidance for prescribing exercise. Medicine and science in sports and exercise. 2011;43(7):1334-59.

8. Farup J, Kjolhede T, Sorensen H, Dalgas U, Moller AB, Vestergaard PF, et al. Muscle morphological and strength adaptations to endurance vs. resistance training. Journal of strength and conditioning research / National Strength & Conditioning Association. 2012;26(2):398-407.

9. Hawley JA. Molecular responses to strength and endurance training: are they incompatible? Applied physiology, nutrition, and metabolism = Physiologie appliquee, nutrition et metabolisme. 2009;34(3):355-61.

10. Powers SK, Jackson MJ. Exercise-induced oxidative stress: cellular mechanisms and impact on muscle force production. Physiological reviews. 2008;88(4):1243-76.

11. Cicero AF, Borghi C. Evidence of clinically relevant efficacy for dietary supplements and nutraceuticals. Current hypertension reports. 2013;15(3):260-7.

12. Luiking YC, Ten Have GA, Wolfe RR, Deutz NE. Arginine de novo and nitric oxide production in disease states. American journal of physiology Endocrinology and metabolism. 2012;303(10):E1177-89.

13. Boger RH. The pharmacodynamics of L-arginine. The Journal of nutrition. 2007;137(6 Suppl 2):1650S-5S.

14. Shan L, Wang B, Gao G, Cao W, Zhang Y. L-Arginine supplementation improves antioxidant defenses through L-arginine/nitric oxide pathways in exercised rats. Journal of applied physiology. 2013;115(8):1146-55.

15. Stefani GP, Nunes RB, Alves JP, Domenico MD, Marmett B, Moller GB, et al. L-Arginine Supplementation and Resistance Training Promotes Increase of Maximum Strength and Protection from DNA Damage in Rats. J Nutr Health Food Eng. 2014;1(4):4.

16. Vanlangenakker N, Vanden Berghe T, Krysko DV, Festjens N, Vandenabeele P. Molecular mechanisms and pathophysiology of necrotic cell death. Current molecular medicine. 2008;8(3):207-20.

17. Mozaffarian D, Benjamin EJ, Go AS, Arnett DK, Blaha MJ, Cushman M, et al. Heart disease and stroke statistics-2015 update: a report from the american heart association. Circulation. 2015;131(4):e29-e322.

18. Tsutsui H, Kinugawa S, Matsushima S. Oxidative stress and heart failure. American journal of physiology Heart and circulatory physiology. 2011;301(6):H2181-90.

19. Halliwell B. The antioxidant paradox: less paradoxical now? British journal of clinical pharmacology. 2013;75(3):637-44.

20. Ray PD, Huang BW, Tsuji Y. Reactive oxygen species (ROS) homeostasis and redox regulation in cellular signaling. Cellular signalling. 2012;24(5):981-90.

21. Murphy MP, Holmgren A, Larsson NG, Halliwell B, Chang CJ, Kalyanaraman B, et al. Unraveling the biological roles of reactive oxygen species. Cell metabolism. 2011;13(4):361-6.

22. Bloomer RJ. Effect of exercise on oxidative stress biomarkers. Advances in clinical chemistry. 2008;46:1-50.

23. Halliwell B. Reactive oxygen species in living systems: source, biochemistry, and role in human disease. The American journal of medicine. 1991;91(3c):14s-22s.

24. De Bont R, van Larebeke N. Endogenous DNA damage in humans: a review of quantitative data. Mutagenesis. 2004;19(3):169-85.

25. Jacobson J, Lambert AJ, Portero-Otin M, Pamplona R, Magwere T, Miwa S, et al. Biomarkers of aging in Drosophila. Aging cell. 2010;9(4):466-77.

26. Ibuki Y, Toyooka T. Evaluation of chemical phototoxicity, focusing on phosphorylated histone H2AX. Journal of radiation research. 2014.

27. Jeong MH, Yang KM, Jeong DH, Lee CG, Oh SJ, Jeong SK, et al. Protective activity of a novel resveratrol analogue, HS-1793, against DNA damage in 137Cs-irradiated CHO-K1 cells. Journal of radiation research. 2014;55(3):464-75.

28. Teodori L, Giovanetti A, Albertini MC, Rocchi M, Perniconi B, Valente MG, et al. Static magnetic fields modulate X-ray-induced DNA damage in human glioblastoma primary cells. Journal of radiation research. 2014;55(2):218-27.

29. Borska L, Andrys C, Krejsek J, Palicka V, Chmelarova M, Hamakova K, et al. Oxidative damage to nucleic acids and benzo(a)pyrene-7,8-diol-9,10-epoxide-DNA adducts and chromosomal aberration in children with psoriasis repeatedly exposed to crude coal tar ointment and UV radiation. Oxidative medicine and cellular longevity. 2014;2014:302528.

30. Iyama T, Wilson DM, 3rd. DNA repair mechanisms in dividing and non-dividing cells. DNA repair. 2013;12(8):620-36.

31. Iida T, Furuta A, Kawashima M, Nishida J, Nakabeppu Y, Iwaki T. Accumulation of 8-oxo-2'-deoxyguanosine and increased expression of hMTH1 protein in brain tumors. Neuro-oncology. 2001;3(2):73-81.

32. Li D, Firozi PF, Zhang W, Shen J, DiGiovanni J, Lau S, et al. DNA adducts, genetic polymorphisms, and K-ras mutation in human pancreatic cancer. Mutation research. 2002;513(1-2):37-48.

33. Marteijn JA, Lans H, Vermeulen W, Hoeijmakers JH. Understanding nucleotide excision repair and its roles in cancer and ageing. Nature reviews Molecular cell biology. 2014;15(7):465-81.

34. Chen W, Jia Z, Zhu H, Zhou K, Li Y, Misra HP. Ethyl pyruvate inhibits peroxynitrite-induced DNA damage and hydroxyl radical generation: implications for neuroprotection. Neurochemical research. 2010;35(2):336-42.

35. Gates KS. An overview of chemical processes that damage cellular DNA: spontaneous hydrolysis, alkylation, and reactions with radicals. Chemical research in toxicology. 2009;22(11):1747-60.

36. Asano M, Doi M, Baba K, Taniguchi M, Shibano M, Tanaka S, et al. Bio-imaging of hydroxyl radicals in plant cells using the fluorescent molecular probe rhodamine B hydrazide, without any pretreatment. Journal of bioscience and bioengineering. 2014;118(1):98-100.

37. Sharif R, Thomas P, Zalewski P, Fenech M. The role of zinc in genomic stability. Mutation research. 2012;733(1-2):111-21.

38. Thanan R, Oikawa S, Hiraku Y, Ohnishi S, Ma N, Pinlaor S, et al. Oxidative Stress and Its Significant Roles in Neurodegenerative Diseases and Cancer. International journal of molecular sciences. 2014;16(1):193-217.

39. Cook PR, Brazell IA, Jost E. Characterization of nuclear structures containing superhelical DNA. Journal of cell science. 1976;22(2):303-24.

40. Azqueta A, Collins AR. The essential comet assay: a comprehensive guide to measuring DNA damage and repair. Archives of toxicology. 2013;87(6):949-68.

41. Nadin SB, Vargas-Roig LM, Ciocca DR. A silver staining method for single-cell gel assay. The journal of histochemistry and cytochemistry : official journal of the Histochemistry Society. 2001;49(9):1183-6.

42. Collins AR. Measuring oxidative damage to DNA and its repair with the comet assay. Biochimica et biophysica acta. 2014;1840(2):794-800.

43. Lovell DP, Omori T. Statistical issues in the use of the comet assay. Mutagenesis. 2008;23(3):171-82.

44. Garcia O, Romero I, Gonzalez JE, Moreno DL, Cuetara E, Rivero Y, et al. Visual estimation of the percentage of DNA in the tail in the comet assay: evaluation of different approaches in an intercomparison exercise. Mutation research. 2011;720(1-2):14-21.

45. Collins AR. The comet assay for DNA damage and repair: principles, applications, and limitations. Molecular biotechnology. 2004;26(3):249-61.

46. Olive PL, Banath JP, Durand RE. Heterogeneity in radiation-induced DNA damage and repair in tumor and normal cells measured using the "comet" assay. Radiation research. 1990;122(1):86-94.

47. Singh NP, McCoy MT, Tice RR, Schneider EL. A simple technique for quantitation of low levels of DNA damage in individual cells. Experimental cell research. 1988;175(1):184-91.

48. Collins AR. The comet assay: a heavenly method! Mutagenesis. 2015;30(1):1-4.

49. Katiyar SK, Mantena SK, Meeran SM. Silymarin protects epidermal keratinocytes from ultraviolet radiation-induced apoptosis and DNA damage by nucleotide excision repair mechanism. PloS one. 2011;6(6):e21410.

50. Joray ML, Yu TW, Ho E, Clarke SL, Stanga Z, Gebreegziabher T, et al. Zinc supplementation reduced DNA breaks in Ethiopian women. Nutrition research. 2015;35(1):49-55.

51. Song Y, Chung CS, Bruno RS, Traber MG, Brown KH, King JC, et al. Dietary zinc restriction and repletion affects DNA integrity in healthy men. The American journal of clinical nutrition. 2009;90(2):321-8.

52. Acharyya N, Chattopadhyay S, Maiti S. Chemoprevention against arsenic-induced mutagenic DNA breakage and apoptotic liver damage in rat via antioxidant and SOD1 upregulation by green tea (Camellia sinensis) which recovers broken DNA resulted from arsenic-H2O2 related in vitro oxidant stress. Journal of environmental science and health Part C, Environmental carcinogenesis & ecotoxicology reviews. 2014;32(4):338-61.

53. Santos FJ, Moura DJ, Peres VF, Sperotto AR, Caramao EB, Cavalcante AA, et al. Genotoxic and mutagenic properties of Bauhinia platypetala extract, a traditional Brazilian medicinal plant. Journal of ethnopharmacology. 2012;144(3):474-82.

54. Kalemba-Drozdz M. The interaction between air pollution and diet does not influence the DNA damage in lymphocytes of pregnant women. Environmental research. 2015;136:295-9.

55. Fleck Ada S, Vieira M, Amantea SL, Rhoden CR. A comparison of the human buccal cell assay and the pollen abortion assay in assessing genotoxicity in an urban-rural gradient. International journal of environmental research and public health. 2014;11(9):8825-38.

56. Karlsson HL. The comet assay in nanotoxicology research. Analytical and bioanalytical chemistry. 2010;398(2):651-66.

57. Karlsson HL, Di Bucchianico S, Collins AR, Dusinska M. Can the comet assay be used reliably to detect nanoparticle-induced genotoxicity? Environmental and molecular mutagenesis. 2014.

58. Pereira BC, Pauli JR, Antunes LM, de Freitas EC, de Almeida MR, de Paula Venancio V, et al. Overtraining is associated with DNA damage in blood and skeletal muscle cells of Swiss mice. BMC physiology. 2013;13:11.

59. Ceci R, Beltran Valls MR, Duranti G, Dimauro I, Quaranta F, Pittaluga M, et al. Oxidative stress responses to a graded maximal exercise test in older adults following explosive-type resistance training. Redox biology. 2013;2C:65-72.

60. Franzke B, Halper B, Hofmann M, Oesen S, Jandrasits W, Baierl A, et al. The impact of six months strength training, nutritional supplementation or cognitive training on DNA damage in institutionalised elderly. Mutagenesis. 2015;30(1):147-53.

61. Roig M, O'Brien K, Kirk G, Murray R, McKinnon P, Shadgan B, et al. The effects of eccentric versus concentric resistance training on muscle strength and mass in healthy adults: a systematic review with meta-analysis. British journal of sports medicine. 2009;43(8):556-68.

62. Folland JP, Williams AG. The adaptations to strength training : morphological and neurological contributions to increased strength. Sports medicine. 2007;37(2):145-68.

63. Hakkinen K, Newton RU, Gordon SE, McCormick M, Volek JS, Nindl BC, et al. Changes in muscle morphology, electromyographic activity, and force production characteristics during progressive strength training in young and older men. The journals of gerontology Series A, Biological sciences and medical sciences. 1998;53(6):B415-23.

64. Maughan RJ, Watson JS, Weir J. Strength and cross-sectional area of human skeletal muscle. The Journal of physiology. 1983;338:37-49.

65. Toti L, Bartalucci A, Ferrucci M, Fulceri F, Lazzeri G, Lenzi P, et al. High-intensity exercise training induces morphological and biochemical changes in skeletal muscles. Biology of sport / Institute of Sport. 2013;30(4):301-9.

66. Schoenfeld BJ. The mechanisms of muscle hypertrophy and their application to resistance training. Journal of strength and conditioning research / National Strength & Conditioning Association. 2010;24(10):2857-72.

67. Tesch PA. Skeletal muscle adaptations consequent to long-term heavy resistance exercise. Medicine and science in sports and exercise. 1988;20(5 Suppl):S132-4.

68. Cadore EL, Gonzalez-Izal M, Pallares JG, Rodriguez-Falces J, Hakkinen K, Kraemer WJ, et al. Muscle conduction velocity, strength, neural activity, and morphological changes after eccentric and concentric training. Scandinavian journal of medicine & science in sports. 2014;24(5):e343-52.

69. Guilhem G, Cornu C, Guevel A. Neuromuscular and muscle-tendon system adaptations to isotonic and isokinetic eccentric exercise. Annals of physical and rehabilitation medicine. 2010;53(5):319-41.

70. Narici MV, Hoppeler H, Kayser B, Landoni L, Claassen H, Gavardi C, et al. Human quadriceps cross-sectional area, torque and neural activation during 6 months strength training. Acta physiologica Scandinavica. 1996;157(2):175-86.

71. Fry AC. The role of resistance exercise intensity on muscle fibre adaptations. Sports medicine. 2004;34(10):663-79.

72. Baroni BM, Rodrigues R, Franke RA, Geremia JM, Rassier DE, Vaz MA. Time course of neuromuscular adaptations to knee extensor eccentric training. International journal of sports medicine. 2013;34(10):904-11.

73. Gabriel DA, Kamen G, Frost G. Neural adaptations to resistive exercise: mechanisms and recommendations for training practices. Sports medicine. 2006;36(2):133-49.

74. Wernbom M, Augustsson J, Thomee R. The influence of frequency, intensity, volume and mode of strength training on whole muscle cross-sectional area in humans. Sports medicine. 2007;37(3):225-64.

75. Aagaard P, Andersen JL, Dyhre-Poulsen P, Leffers AM, Wagner A, Magnusson SP, et al. A mechanism for increased contractile strength of human pennate muscle in response to strength training: changes in muscle architecture. The Journal of physiology. 2001;534(Pt. 2):613-23.

76. Campos GE, Luecke TJ, Wendeln HK, Toma K, Hagerman FC, Murray TF, et al. Muscular adaptations in response to three different resistance-training regimens: specificity of repetition maximum training zones. European journal of applied physiology. 2002;88(1-2):50-60.

77. Holm L, Reitelseder S, Pedersen TG, Doessing S, Petersen SG, Flyvbjerg A, et al. Changes in muscle size and MHC composition in response to resistance exercise with heavy and light loading intensity. Journal of applied physiology. 2008;105(5):1454-61.

78. Barauna VG, Magalhaes FC, Krieger JE, Oliveira EM. AT1 receptor participates in the cardiac hypertrophy induced by resistance training in rats. American journal of physiology Regulatory, integrative and comparative physiology. 2008;295(2):R381-7.

79. Stefani GP, Nunes RB, Dornelles AZ, Alves JP, Piva MO, Domenico MD, et al. Effects of creatine supplementation associated with resistance training on oxidative stress in different tissues of rats. Journal of the International Society of Sports Nutrition. 2014;11(1):11.

80. Reid KF, Fielding RA. Skeletal muscle power: a critical determinant of physical functioning in older adults. Exercise and sport sciences reviews. 2012;40(1):4-12.

81. Tamaki T, Uchiyama S, Nakano S. A weight-lifting exercise model for inducing hypertrophy in the hindlimb muscles of rats. Medicine and science in sports and exercise. 1992;24(8):881-6.

82. Krisan AD, Collins DE, Crain AM, Kwong CC, Singh MK, Bernard JR, et al. Resistance training enhances components of the insulin signaling cascade in normal and high-fat-fed rodent skeletal muscle. Journal of applied physiology. 2004;96(5):1691-700.

83. Duncan ND, Williams DA, Lynch GS. Adaptations in rat skeletal muscle following long-term resistance exercise training. European journal of applied physiology and occupational physiology. 1998;77(4):372-8.

84. Aguiar AF, Aguiar DH, Felisberto AD, Carani FR, Milanezi RC, Padovani CR, et al. Effects of creatine supplementation during resistance training on myosin heavy chain (MHC) expression in rat skeletal muscle fibers. Journal of strength and conditioning research / National Strength & Conditioning Association. 2010;24(1):88-96.

85. Fluckey JD, Dupont-Versteegden EE, Montague DC, Knox M, Tesch P, Peterson CA, et al. A rat resistance exercise regimen attenuates losses of musculoskeletal mass during hindlimb suspension. Acta physiologica Scandinavica. 2002;176(4):293-300.

86. Moncada S, Higgs A. The L-arginine-nitric oxide pathway. The New England journal of medicine. 1993;329(27):2002-12.

87. Dhanakoti SN, Brosnan JT, Herzberg GR, Brosnan ME. Renal arginine synthesis: studies in vitro and in vivo. The American journal of physiology. 1990;259(3 Pt 1):E437-42.

88. Castillo L, Sanchez M, Vogt J, Chapman TE, DeRojas-Walker TC, Tannenbaum SR, et al. Plasma arginine, citrulline, and ornithine kinetics in adults, with observations on nitric oxide synthesis. The American journal of physiology. 1995;268(2 Pt 1):E360-7.

89. Sureda A, Pons A. Arginine and citrulline supplementation in sports and exercise: ergogenic nutrients? Medicine and sport science. 2012;59:18-28.

90. Appleton J. Arginine: Clinical potential of a semi-essential amino acid. Alternative medicine review : a journal of clinical therapeutic. 2002;7(6):512-22.

91. Chen K, Pittman RN, Popel AS. Nitric oxide in the vasculature: where does it come from and where does it go? A quantitative perspective. Antioxidants & redox signaling. 2008;10(7):1185-98.

92. Chen K, Popel AS. Nitric oxide production pathways in erythrocytes and plasma. Biorheology. 2009;46(2):107-19.

93. Luiking YC, Engelen MP, Deutz NE. Regulation of nitric oxide production in health and disease. Current opinion in clinical nutrition and metabolic care. 2010;13(1):97-104.

94. Bescos R, Sureda A, Tur JA, Pons A. The effect of nitric-oxide-related supplements on human performance. Sports medicine. 2012;42(2):99-117.

95. Garthwaite J. Concepts of neural nitric oxide-mediated transmission. The European journal of neuroscience. 2008;27(11):2783-802.

96. Omar SA, Webb AJ. Nitrite reduction and cardiovascular protection. Journal of molecular and cellular cardiology. 2014;73:57-69.

97. Nosarev AV, Smagliy LV, Anfinogenova Y, Popov SV, Kapilevich LV. Exercise and NO production: relevance and implications in the cardiopulmonary system. Frontiers in cell and developmental biology. 2014;2:73.

98. Brunori M, Forte E, Arese M, Mastronicola D, Giuffre A, Sarti P. Nitric oxide and the respiratory enzyme. Biochimica et biophysica acta. 2006;1757(9-10):1144-54.

99. Mocellin S, Bronte V, Nitti D. Nitric oxide, a double edged sword in cancer biology: searching for therapeutic opportunities. Medicinal research reviews. 2007;27(3):317-52.

100. Campbell BI, La Bounty PM, Roberts M. The ergogenic potential of arginine. Journal of the International Society of Sports Nutrition. 2004;1(2):35-8.

101. Santos RS, Pacheco MTT, Martins RABL, Villaverde AB, Giana HE, Baptista F, et al. Study of the effect of oral administration of L-arginine on muscular performance in healthy volunteers: An isokinetic study. Isokinetics and Exercise Science. 2002;10(3):153-8.

102. Alvares TS, Conte CA, Paschoalin VM, Silva JT, Meirelles Cde M, Bhambhani YN, et al. Acute l-arginine supplementation increases muscle blood volume but not strength performance. Applied physiology, nutrition, and metabolism = Physiologie appliquee, nutrition et metabolisme. 2012;37(1):115-26.

103. Bailey SJ, Winyard PG, Vanhatalo A, Blackwell JR, DiMenna FJ, Wilkerson DP, et al. Acute L-arginine supplementation reduces the O2 cost of moderate-intensity exercise and enhances high-intensity exercise tolerance. Journal of applied physiology. 2010;109(5):1394-403.

104. da Silva DV, Conte-Junior CA, Paschoalin VM, Alvares Tda S. Hormonal response to L-arginine supplementation in physically active individuals. Food & nutrition research. 2014;58.

105. Vanhatalo A, Bailey SJ, DiMenna FJ, Blackwell JR, Wallis GA, Jones AM. No effect of acute L-arginine supplementation on O(2) cost or exercise tolerance. European journal of applied physiology. 2013;113(7):1805-19.

106. Wax B, Kavazis AN, Webb HE, Brown SP. Acute L-arginine alpha ketoglutarate supplementation fails to improve muscular performance in resistance trained and untrained men. Journal of the International Society of Sports Nutrition. 2012;9(1):17.

107. Roger VL. Epidemiology of heart failure. Circulation research. 2013;113(6):646-59.

108. Mansur AP, Favarato D. Mortalidade por doenças cardiovasculares no Brasil e na região metropolitana de São Paulo: atualização 2011. Arquivos Brasileiros de Cardiologia. 2012;99:755-61.

109. McMurray JJ, Adamopoulos S, Anker SD, Auricchio A, Bohm M, Dickstein K, et al. ESC Guidelines for the diagnosis and treatment of acute and chronic heart failure 2012: The Task Force for the Diagnosis and Treatment of Acute and Chronic Heart Failure 2012 of the European Society of Cardiology. Developed in collaboration with the Heart Failure Association (HFA) of the ESC. European heart journal. 2012;33(14):1787-847.

110. Duscha BD, Schulze PC, Robbins JL, Forman DE. Implications of chronic heart failure on peripheral vasculature and skeletal muscle before and after exercise training. Heart failure reviews. 2008;13(1):21-37.

111. Francis GS. Pathophysiology of chronic heart failure. The American journal of medicine. 2001;110 Suppl 7A:37s-46s.

112. Jaenisch RB, Hentschke VS, Quagliotto E, Cavinato PR, Schmeing LA, Xavier LL, et al. Respiratory muscle training improves hemodynamics, autonomic function, baroreceptor sensitivity, and respiratory mechanics in rats with heart failure. Journal of applied physiology. 2011;111(6):1664-70.

113. Bouchla A, Karatzanos E, Dimopoulos S, Tasoulis A, Agapitou V, Diakos N, et al. The addition of strength training to aerobic interval training: effects on muscle strength and body composition in CHF patients. Journal of cardiopulmonary rehabilitation and prevention. 2011;31(1):47-51.

114. Piepoli MF, Davos C, Francis DP, Coats AJ. Exercise training meta-analysis of trials in patients with chronic heart failure (ExTraMATCH). BMJ (Clinical research ed). 2004;328(7433):189.

115. Ventura-Clapier R, De Sousa E, Veksler V. Metabolic myopathy in heart failure. News in physiological sciences : an international journal of physiology produced jointly by the International Union of Physiological Sciences and the American Physiological Society. 2002;17:191-6.

116. McMurray JJ. Clinical practice. Systolic heart failure. The New England journal of medicine. 2010;362(3):228-38.

117. Barth AS, Kumordzie A, Frangakis C, Margulies KB, Cappola TP, Tomaselli GF. Reciprocal transcriptional regulation of metabolic and signaling pathways correlates with disease severity in heart failure. Circulation Cardiovascular genetics. 2011;4(5):475-83.

118. Rosca MG, Hoppel CL. Mitochondrial dysfunction in heart failure. Heart failure reviews. 2013;18(5):607-22.

119. Javadov S, Karmazyn M, Escobales N. Mitochondrial permeability transition pore opening as a promising therapeutic target in cardiac diseases. The Journal of pharmacology and experimental therapeutics. 2009;330(3):670-8.

120. Whelan RS, Kaplinskiy V, Kitsis RN. Cell death in the pathogenesis of heart disease: mechanisms and significance. Annual review of physiology. 2010;72:19-44.

121. van Empel VP, Bertrand AT, Hofstra L, Crijns HJ, Doevendans PA, De Windt LJ. Myocyte apoptosis in heart failure. Cardiovascular research. 2005;67(1):21-9.

122. Anker SD, von Haehling S. Inflammatory mediators in chronic heart failure: an overview. Heart (British Cardiac Society). 2004;90(4):464-70.

123. Chiong M, Wang ZV, Pedrozo Z, Cao DJ, Troncoso R, Ibacache M, et al. Cardiomyocyte death: mechanisms and translational implications. Cell death & disease. 2011;2:e244.

124. Konstantinidis K, Whelan RS, Kitsis RN. Mechanisms of cell death in heart disease. Arteriosclerosis, thrombosis, and vascular biology. 2012;32(7):1552-62.

125. Guerra S, Leri A, Wang X, Finato N, Di Loreto C, Beltrami CA, et al. Myocyte death in the failing human heart is gender dependent. Circulation research. 1999;85(9):856-66.

126. Olivetti G, Abbi R, Quaini F, Kajstura J, Cheng W, Nitahara JA, et al. Apoptosis in the failing human heart. The New England journal of medicine. 1997;336(16):1131-41.

127. Saraste A, Pulkki K, Kallajoki M, Heikkila P, Laine P, Mattila S, et al. Cardiomyocyte apoptosis and progression of heart failure to transplantation. European journal of clinical investigation. 1999;29(5):380-6.

128. Huang M, Yang D, Xiang M, Wang J. Role of interleukin-6 in regulation of immune responses to remodeling after myocardial infarction. Heart failure reviews. 2015;20(1):25-38.

129. Mihl C, Dassen WR, Kuipers H. Cardiac remodelling: concentric versus eccentric hypertrophy in strength and endurance athletes. Netherlands heart journal : monthly journal of the Netherlands Society of Cardiology and the Netherlands Heart Foundation. 2008;16(4):129-33.

130. Kehat I, Molkentin JD. Molecular pathways underlying cardiac remodeling during pathophysiological stimulation. Circulation. 2010;122(25):2727-35.

131. Hutchinson KR, Stewart JA, Jr., Lucchesi PA. Extracellular matrix remodeling during the progression of volume overload-induced heart failure. Journal of molecular and cellular cardiology. 2010;48(3):564-9.

132. Nojiri H, Shimizu T, Funakoshi M, Yamaguchi O, Zhou H, Kawakami S, et al. Oxidative stress causes heart failure with impaired mitochondrial respiration. The Journal of biological chemistry. 2006;281(44):33789-801.

133. Yan X, Anzai A, Katsumata Y, Matsuhashi T, Ito K, Endo J, et al. Temporal dynamics of cardiac immune cell accumulation following acute myocardial infarction. Journal of molecular and cellular cardiology. 2013;62:24-35.

134. Hofmann U, Frantz S. Role of Lymphocytes in Myocardial Injury, Healing, and Remodeling After Myocardial Infarction. Circulation research. 2015;116(2):354-67.

135. Borbely A, van der Velden J, Papp Z, Bronzwaer JG, Edes I, Stienen GJ, et al. Cardiomyocyte stiffness in diastolic heart failure. Circulation. 2005;111(6):774-81.

136. Desjardins B, Crawford T, Good E, Oral H, Chugh A, Pelosi F, et al. Infarct architecture and characteristics on delayed enhanced magnetic resonance imaging and electroanatomic mapping in patients with postinfarction ventricular arrhythmia. Heart rhythm : the official journal of the Heart Rhythm Society. 2009;6(5):644-51.

137. Carabello BA. Concentric versus eccentric remodeling. Journal of cardiac failure. 2002;8(6 Suppl):S258-63.

138. Kempf T, Wollert KC. Nitric oxide and the enigma of cardiac hypertrophy. BioEssays : news and reviews in molecular, cellular and developmental biology. 2004;26(6):608-15.

139. Zornoff LA, Paiva SA, Duarte DR, Spadaro J. Ventricular remodeling after myocardial infarction: concepts and clinical implications. Arq Bras Cardiol. 2009;92(2):150-64.

140. Gandhi MS, Kamalov G, Shahbaz AU, Bhattacharya SK, Ahokas RA, Sun Y, et al. Cellular and molecular pathways to myocardial necrosis and replacement fibrosis. Heart failure reviews. 2011;16(1):23-34.

141. Kass DA, Bronzwaer JG, Paulus WJ. What mechanisms underlie diastolic dysfunction in heart failure? Circulation research. 2004;94(12):1533-42.

142. Pfeffer MA, Braunwald E. Ventricular remodeling after myocardial infarction. Experimental observations and clinical implications. Circulation. 1990;81(4):1161-72.

143. Chaturvedi RR, Herron T, Simmons R, Shore D, Kumar P, Sethia B, et al. Passive stiffness of myocardium from congenital heart disease and implications for diastole. Circulation. 2010;121(8):979-88.

144. Fujimoto N, Shibata S, Hastings JL, Carrick-Ranson G, Bhella PS, Palmer D, et al. Effects of pericardial constraint and ventricular interaction on left ventricular hemodynamics in the unloaded heart. American journal of physiology Heart and circulatory physiology. 2011;300(5):H1688-95.

145. Mirsky I, Rankin JS. The effects of geometry, elasticity, and external pressures on the diastolic pressure-volume and stiffness-stress relations. How important is the pericardium? Circulation research. 1979;44(5):601-11.

146. van Heerebeek L, Borbely A, Niessen HW, Bronzwaer JG, van der Velden J, Stienen GJ, et al. Myocardial structure and function differ in systolic and diastolic heart failure. Circulation. 2006;113(16):1966-73.

147. Hudson B, Hidalgo C, Saripalli C, Granzier H. Hyperphosphorylation of mouse cardiac titin contributes to transverse aortic constriction-induced diastolic dysfunction. Circulation research. 2011;109(8):858-66.

148. Barbieri E, Sestili P. Reactive oxygen species in skeletal muscle signaling. Journal of signal transduction. 2012;2012:982794.

149. Gladden JD, Zelickson BR, Guichard JL, Ahmed MI, Yancey DM, Ballinger S, et al. Xanthine oxidase inhibition preserves left ventricular systolic but not diastolic function in cardiac volume overload. American journal of physiology Heart and circulatory physiology. 2013;305(10):H1440-50.

150. Nagueh SF, Appleton CP, Gillebert TC, Marino PN, Oh JK, Smiseth OA, et al. Recommendations for the evaluation of left ventricular diastolic function by echocardiography.

European journal of echocardiography : the journal of the Working Group on Echocardiography of the European Society of Cardiology. 2009;10(2):165-93.

151. Paulus WJ, Tschope C, Sanderson JE, Rusconi C, Flachskampf FA, Rademakers FE, et al. How to diagnose diastolic heart failure: a consensus statement on the diagnosis of heart failure with normal left ventricular ejection fraction by the Heart Failure and Echocardiography Associations of the European Society of Cardiology. European heart journal. 2007;28(20):2539-50.

152. Chatterjee K, Massie B. Systolic and diastolic heart failure: differences and similarities. Journal of cardiac failure. 2007;13(7):569-76.

153. Borlaug BA, Paulus WJ. Heart failure with preserved ejection fraction: pathophysiology, diagnosis, and treatment. European heart journal. 2011;32(6):670-9.

154. Bagai A, Armstrong PW, Stebbins A, Mahaffey KW, Hochman JS, Weaver WD, et al. Prognostic implications of left ventricular end-diastolic pressure during primary percutaneous coronary intervention for ST-segment elevation myocardial infarction: Findings from the Assessment of Pexelizumab in Acute Myocardial Infarction study. American heart journal. 2013;166(5):913-9.

155. Alves JP, Nunes RB, Stefani GP, Dal Lago P. Resistance training improves hemodynamic function, collagen deposition and inflammatory profiles: experimental model of heart failure. PloS one. 2014;9(10):e110317.

156. Hentschke VS, Jaenisch RB, Schmeing LA, Cavinato PR, Xavier LL, Dal Lago P. Low-level laser therapy improves the inflammatory profile of rats with heart failure. Lasers in medical science. 2013;28(3):1007-16.

157. Nunes RB, Alves JP, Kessler LP, Dal Lago P. Aerobic exercise improves the inflammatory profile correlated with cardiac remodeling and function in chronic heart failure rats. Clinics (Sao Paulo, Brazil). 2013;68(6):876-82.

158. Nunes RB, Tonetto M, Machado N, Chazan M, Heck TG, Veiga AB, et al. Physical exercise improves plasmatic levels of IL-10, left ventricular end-diastolic pressure, and muscle lipid peroxidation in chronic heart failure rats. Journal of applied physiology. 2008;104(6):1641-7.

159. Rossato DD, Lago PD, Hentschke VS, Rucatti AL, Signori LU, Silveira MN, et al. Ultrasound Modulates Skeletal Muscle Cytokine Levels in Rats with Heart Failure. Ultrasound in medicine & biology. 2015.

160. Sjaastad I, Sejersted OM, Ilebekk A, Bjornerheim R. Echocardiographic criteria for detection of postinfarction congestive heart failure in rats. Journal of applied physiology. 2000;89(4):1445-54.

161. Martinez PF, Okoshi K, Zornoff LA, Oliveira SA, Jr., Campos DH, Lima AR, et al. Echocardiographic detection of congestive heart failure in postinfarction rats. Journal of applied physiology. 2011;111(2):543-51.

CAPÍTULO II - Artigo 1 em Inglês

L-Arginine Supplementation and Resistance Training Promotes Increase of Maximum Strength and Protection from DNA Damage in Rats

(Artigo escrito e publicado seguindo o formato do *Journal of Nutritional Health and Food Engineering*)

MedCrave
Step into the World of Research
Journal of Nutritional Health & Food Engineering

L-Arginine Supplementation and Resistance Training Promotes Increase of Maximum Strength and Protection from DNA Damage in Rats

Abstract

L-arginine (Arg) is a precursor of several substances with remarkable physiological functions, such as nitric oxide (NO) and the amino acid creatine. Arg supplementation has been associated with increased strength in high-intensity exercise. However, there is no clear evidence of association of supplementation with Resistance Training (RT) on their antioxidant and ergogenic effects, specifically on their genotoxic protection. Therefore, we evaluated the effect of supplementation of Arg associated with RT 8 weeks about gaining maximum strength and DNA damage in rats. Ten Wistar rats (220-270g, 90 days old) were randomly divided into 3 groups: sedentary (SED, n = 4), Resistance Training (RT, n = 2) and Resistance Training + L-Arginine (RT+Arg, n = 4). Trained rats were submitted to the protocol of RT in a squat apparatus adapted for rats (4 sets of 10-12 reps with 90s interval, 4 times/week, 65-75% of One Maximum Repetition (1MR) for 8 weeks). The supplemented group received Arg (500mg/kg) daily for 8 weeks. After 8 weeks, whole blood was collected from animals to perform the comet assay. It was used CASP software (CASPLabs®) for quantification of DNA damage. To quantify the maximum strength the 1MR test was performed at baseline and after the RT protocol. For comparisons among groups it was performed One-way ANOVA followed by post hoc test of Student-Newman-Keuls. For associations, it was used the Pearson correlation test. We considered the level of significance of 5%.The RT was able to protect DNA damage in rats. However, the association with Arg supplementation was able to promote greater genotoxic protection, compared to sedentary rats. These results indicate remarkable ergogenic action and genotoxic protection of Arg supplementation in association with RT.

Keywords

Arginine; Resistance training; Supplementation; Exercise; DNA damage; Genotoxicity; Rats

Short Communication

Volume 1 Issue 4 - 2014

Stefani GP[1,2]*, Nunes RB[1,2], Alves JP[1,2], Domenico MD[1,3], Marmett B[1,2], Moller GB[1,2], Dal Lago P[1,2] and Rhoden CR[1,3]

[1]Federal University of Health Sciences of Porto Alegre (UFCSPA), Brazil
[2]Laboratory of Physiology, UFCSPA, Brazil
[3]Laboratory of Oxidative Stress and Air Pollution, UFCSPA, Brazil

*Corresponding author: Giuseppe Potrick Stefani, Laboratory of Physiology, Federal University of Health Sciences of Porto Alegre (UFCSPA), Sarmento Leite Street, 245, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, Tel: 3303-8820; Fax: 3303-8801; Email: gpotrick@gmail.com

Received: June 09, 2014 | Published: July 18, 2014

Abbreviations

1MR: One Maximum Repetition; Arg: L-Arginine; cGMP: cyclic Guanosine Monophosphate; DNA: Deoxyribonucleic Acid; GTP: Guanosine Triphosphate; NO: Nitric Oxide; NOS: Nitric Oxide Synthase; OTM: Olive Tail Moment; RONS: Reactive Oxygen and Nitrogen Species; RT: Resistance Training; TM: Tail Moment

Introduction

The supplementation of L-arginine (Arg) has been showed to improve performance in high intensity and short duration exercises, such as weightlifting [1,2], possibly due to its vasodilating action. In this reaction mediated by the conversion of Arg to citrulline, the production of nitric oxide (NO) occurs by the enzymatic catalysis of nitric oxide synthase (NOS). The NO is a Reactive Oxygen and Nitrogen Specie (RONS), found in the form of molecular gas. The responsible enzyme to produce NO is NOS, which may be expressed constitutively in endothelial isoform (eNOS), neuronal (nNOS) and inducible form (iNOS) [3]. The decoupling of NOS constitutive forms lead to the overproduction of two oxidants in endothelium: the superoxide anion-radical ($O_2^{\cdot-}$) and peroxynitrite ($ONOO^-$). These both free radicals are associated with the development of endothelial disfunction [4].

Under normal conditions, endothelium produces NO by Arg in the presence of oxygen catalyzed by eNOS. The NO diffuses into the adjacent smooth muscle, where it is modulated by guanylate cyclase. This enzyme has the function of converting guanosine triphosphate (GTP) into cyclic guanosine monophosphate (cGMP), thereby causing relaxation of vascular wall [5]. In situations where it is established a dysfunction of vascular endothelium, production of NO occurs in the same manner, together with high concentrations of $O_2^{\cdot-}$, which is caused by the decoupling of electrons in the reaction of eNOS. In this case, the $O_2^{\cdot-}$ can be converted into hydrogen peroxide.

The NO may react with $O_2^{\cdot-}$ and form $ONOO^-$, which is a highly cytotoxic compound [6]. Free radicals have high reactivity to adjacent biomolecules. It is well established that reactive species leads to the impairment of important cellular structures such as lipid peroxidation (mainly in plasmatic membranes), damage in

proteins (signaling proteins, enzymes and other proteins) and genomic damage (oxidation of nucleic acids).

The Resistance Training (RT) has been widely utilized by the general population as a very effective method in promoting gains of muscle strength, increase power performance in sports, preventing muscle lesions and increased quality of life [7]. Despite of the scientific literature demonstrate benefits of Arg supplementation in exercised conditions, there are few evidence of associating of supplementation with RT on their ergogenic effects, as well as on genotoxic protection. For that reason, we evaluated the effect of supplementation of Arg associated with RT 8 weeks about gaining maximum strength and DNA damage in rats.

Methodology

Ten Wistar rats (220-270g, 90 days old) were randomly divided into 3 groups: Sedentary (SED, n = 4), Resistance Training (RT, n = 2) and Resistance Training + L-Arginine (RT+Arg, n = 4). The animals were housed under standard conditions (food and water *ad libitum*, temperature between 22 and 24 °C, light - dark cycle of 12 hours). This study was approved by CEUA/UFCSPA, under the protocol number 114/13.

Resistance training protocol

Trained rats were submitted to a RT protocol in a squat apparatus adapted for rats [8,9] (4 sets of 10-12 reps with 90s interval, 4 times/week, 65-75% of One Maximum Repetition (1MR) for 8 weeks). An electrical stimulus (4-5 mA , 0.3 seconds long, with a 3 second interval between each repetition) [10] was applied in the rat's tail using a surface electrode, in order to provoke the extension movement of the lower limbs of the rat.

To quantify the maximum strength, it was performed the 1MR test at baseline and after the RT protocol. To determine the maximum lifted load in one repetition, the One Maximum Repetition (1MR) was utilized. From the obtained value, the load percentage required to perform the training protocol were determined. In response to training, it is expected strength gains along the training, making the realization of retests every two weeks necessary, in order to adjust the training load.

L-Arginine supplementation

It was utilized L-Arginine (presentation form: powder, with purity of 99.9%, Sigma-Aldrich®, Brazil). The supplementation was given by gavage solution, as this resembles human oral consumption and ensures that the desired dosage is achieved. The supplemented group received Arg (500mg/kg) daily for 8 weeks [11]. The animals received the supplement every day before training for the entire period of the protocol (including the days on which they did not train).

Comet assay (alkaline version)

After 8 weeks, whole blood was collected from animals to perform the comet assay. The alkaline Comet Assay in peripheral blood was performed as described in the literature [12,13] with minor changes. It was used 20 µL of whole peripheral blood embedded in 90 µL of 0.75% low-melting point agarose at 37 °C. This mixture was placed into a slide previously coated with 1.5% of normal melting point agarose processed at 60 °C. A cover glass was placed on top and the agar allowed to set at 4 °C and, after gel solidifying, the cover glass were removed. Then, the slides were immersed in iced-cold lysis solution (2.5 M NaCl, 100 mM EDTA and 10 mM Tris, pH 10.0; containing freshly added 1% (v/v) Triton X-100 and 10% (v/v) dimethylsulfoxide (DMSO) at 4 °C in dark for a minimum of 1 h. Afterwards, to allow DNA unwinding, slides were incubated in a freshly made alkaline electrophoresis buffer (0.3 M NaOH and 1 mM EDTA; pH > 13) at 4 °C for 5 min in a horizontal electrophoresis box. The alkaline electrophoresis was carried out for 15 min at 25 V and 300 mA. Every step was carried in dark. After electrophoresis, slides were washed three times in a neutralization buffer (0.4 M Tris; pH 7.5) for 5 min, rinsed twice in distilled water, and left to dry overnight at room temperature. Then, the slides were fixed for 10 min in trichloroacetic acid 15% w/v, zinc sulfate 5% w/v, glycerol 5% v/v, rinsed three times in distilled water, and dried for 2 h at 37 °C. Finally, the slides were stained with silver nitrate as previously described by Nadin et al. [14].

For DNA damage quantification, it was used CASP software (CASPLabs®) [15]. The software can detect three different types of markers of genotoxic damage, such as percentage of tail DNA, tail moment (represents the distance of DNA migration from the head of the comet) and olive tail moment (represents the product of the tail length and the fraction of DNA in the tail). For image analysis it was scored 100 comets per slide.

Statistical analysis

The results are expressed in mean ± SD. For comparisons among groups it was performed One-way ANOVA followed by post hoc test of Student-Newman-Keuls. For associations, it was used the Pearson correlation test. We considered the level of significance of 5%.

Results

All of the groups showed no differences at the baseline of resistance training protocol ($P>0.05$). After 8 weeks of training, it was observed higher maximum strength in the trained groups, when compared to the sedentary group ($P<0.05$). However, the RT + Arg group showed greater maximum strength than the other groups ($P<0.05$) (Figure 1).

Regarding damage to DNA, % Tail DNA was lower in RT + Arg, compared with RT and SED groups ($P<0.05$) (Figure 2) as well as in other genotoxic markers: Tail Moment (TM) ($P<0.05$) (Figure 3) and Olive Tail Moment (OTM) ($P<0.05$) (Figure 4).

It was observed a strong inversely proportional correlation between different markers of DNA damage with maximum strength. Percentage of Tail DNA with 1MR (r=-0.9719, $P<0.05$), TM with 1MR (r=-0.9046, $P<0.05$) and OTM with 1MR (r=-0.9079, $P<0.05$).

Conclusion

The RT was able to protect DNA damage in rats. However,

Citation: Stefani GP, Nunes RB, Alves JP, Domenico MD, Marmett B, et al. (2014) L-Arginine Supplementation and Resistance Training Promotes Increase of Maximum Strength and Protection from DNA Damage in Rats. J Nutritional Health Food Engg 1(4): 00019.

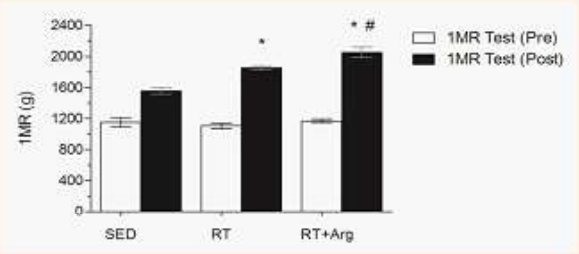


Figure 1: Maximum strength pre and post 8 weeks of study protocol.

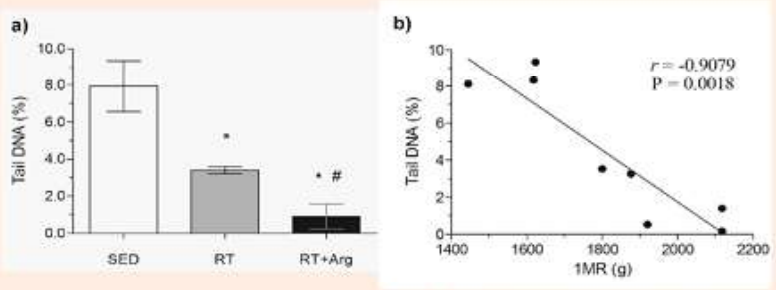


Figure 2: DNA damage in lymphocytes measured by alkaline comet assay. a) % Tail DNA; b) Pearson correlation test between % Tail DNA and the final test of 1MR.

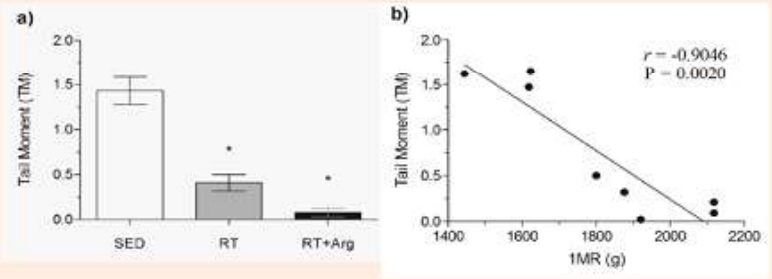


Figure 3: DNA damage in lymphocytes measured by alkaline comet assay. a) Tail Moment (TM); b) Pearson correlation test between Tail Moment (TM) and the final test of 1MR.

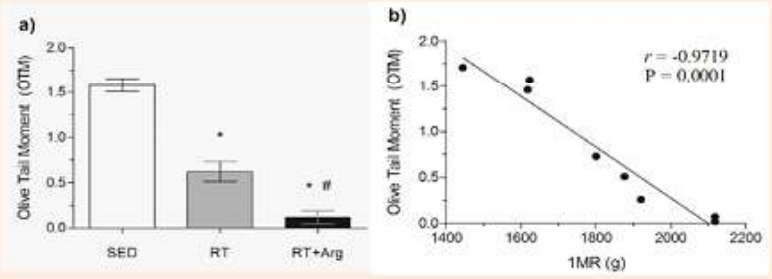


Figure 4: DNA damage in lymphocytes measured by alkaline comet assay. a) Olive Tail Moment (OTM); b) Pearson correlation test between Olive Tail Moment (OTM) and the final test of 1MR.

Citation: Stefani GP, Nunes RB, Alves JP, Domenico MD, Marmett B, et al. (2014) L-Arginine Supplementation and Resistance Training Promotes Increase of Maximum Strength and Protection from DNA Damage in Rats. J Nutritional Health Food Engg 1(4): 00019.

the association with Arg supplementation was able to promote greater genotoxic protection, compared to sedentary rats. Also, the association of RT with Arg supplementation increase maximum strength after the training protocol. These results indicate remarkable ergogenic action and genotoxic protection of Arg supplementation in association with RT.

Acknowledgements

This work was supported by grants from CAPES and CNPq, Brasilia, Brazil.

References

1. Angeli G, de Barros TL, de Barros DFL, Lima M (2007) Investigation of the effects of oral supplementation of arginine in the increase of muscular strength and mass. Rev Bras Med Esporte 139(2): 129-132.
2. Santos RS, Pacheco MTT, Martins RABL, Villaverde AB, Giana HE, et al. (2002) Study of the effect of oral administration of L-arginine on muscular performance in healthy volunteers: An isokinetic study. Isokinetics and Exercise Science 10(3): 153-158.
3. Smith TW, Balligand JL, Kaye DM, Wiviott SD, Simmons WW, et al. (1996) The role of the NO pathway in the control of cardiac function. J Card Fail 2(4 Suppl): S141-S147.
4. Kalinowski L, Dobrucki IT, Malinski T (2004) Race-specific differences in endothelial function: predisposition of African Americans to vascular diseases. Circulation 109(21): 2511-2517.
5. Malinski T (2005) Understanding nitric oxide physiology in the heart: a nanomedical approach. Am J Cardiol 96 (7B): 13i-24i.
6. Brovkovych V, Dobrucki LW, Brovkovych S, Dobrucki I, Do Nascimento CA, et al. (1999) Nitric oxide release from normal and dysfunctional endothelium. J Physiol Pharmacol 50(4): 575-586.
7. Roig M, O'Brien K, Kirk G, Murray R, McKinnon P, et al. (2009) The effects of eccentric versus concentric resistance training on muscle strength and mass in healthy adults: a systematic review with meta-analysis. Br J Sports Med 43(8): 556-568.
8. Barauna VG, Batista ML, Costa Rosa LF, Casarini DE, Krieger JE, et al. (2005) Cardiovascular adaptations in rats submitted to a resistance-training model. Clin Exp Pharmacol Physiol 32(4): 249-254.
9. Krisan AD, Collins DE, Crain AM, Kwong CC, Singh MK, et al. (2004) Resistance training enhances components of the insulin signaling cascade in normal and high-fat-fed rodent skeletal muscle. J Appl Physiol 96(5): 1691-1700.
10. Stefani GP, Nunes RB, Dornelles AZ, Alves JP, Piva MO, et al. (2014) Effects of creatine supplementation associated with resistance training on oxidative stress in different tissues of rats. J Int Soc Sports Nutr 11(1): 11.
11. Krauss H, Bogdanski P, Sosnowski P, Suliburska J, Jablecka A, et al. (2012) Influence of short-term L-arginine supplementation on carbohydrate balance in rats with ischemia-reperfusion syndrome. Pharmacol Rep 64(3): 635-642.
12. Singh NP, McCoy MT, Tice RR, Schneider EL (1988) A simple technique for quantitation of low levels of DNA damage in individual cells. Exp Cell Res 175(1): 184-191.
13. Tice RR, Agurell E, Anderson D, Burlinson B, Hartmann A, et al. (2000) Single cell gel/comet assay: guidelines for in vitro and in vivo genetic toxicology testing. Environ Mol Mutagen 35(3): 206-221.
14. Nadin SB, Vargas-Roig LM, Ciocca DR (2001) A silver staining method for single-cell gel assay. J Histochem Cytochem 49(9): 1183-1186.
15. Konca K, Lankoff A, Banasik A, Lisowska H, Kuszewski T, et al. (2003) A cross-platform public domain PC image-analysis program for the comet assay. Mutat Res 534(1-2): 15-20.

Citation: Stefani GP, Nunes RB, Alves JP, Domenico MD, Marmett B, et al. (2014) L-Arginine Supplementation and Resistance Training Promotes Increase of Maximum Strength and Protection from DNA Damage in Rats. J Nutritional Health Food Engg 1(4): 00019.

CAPÍTULO II - Artigo 2 em Inglês

L-Arginine supplementation alone influences in genomic stability and cardiac contractility and muscle mass in rats with low L-arginine diet, but is not associated with resistance training adaptations

(Artigo escrito seguindo o formato do *Amino Acids;* Fator de Impacto: 3.653)

L-Arginine supplementation alone influences in genomic stability and cardiac contractility and muscle mass in rats with low L-arginine diet, but is not associated with resistance training adaptations

Giuseppe Potrick Stefani, Bruna Marmett, Jadson Pereira Alves, Gabriella Berwig Moller, Thiago Gomes Heck, Yana Picinin Sandri, Marlise Di Domenico, Gabriela Almeida Motta, Pedro Dal Lago, Ramiro Barcos Nunes, Cláudia Ramos Rhoden

G. P. Stefani, B. Marmett, J. P. Alves, G. B. Moller, P. Dal Lago, R. B. Nunes
Laboratory of Physiology, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brazil.

T.G. Heck, Y.P. Sandri
Research Group in Physiology, Post Graduate Program in Comprehensive Health Care, Universidade Regional do Noroeste do Estado Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, RS, Brazil.

M. D. Domenico, G.A. Motta, C. R. Rhoden
Laboratory of Oxidative Stress and Air Pollution, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brazil.

Abstract

L-arginine supplementation (Arg) has been related to increase Maximum Strength (MS), improvement of hemodynamic parameters in several diseases. However, there is no clear evidence of its supplementation with Resistance Training (RT) on muscle mass, hemodynamic function, ergogenic effect and genomic stability in leukocytes. The objective was to evaluate the effect of Arg and RT on MS, hemodynamic variables and DNA damage in healthy rats subjected to a low Arg concentration diet. Twenty three Wistar rats (290-320g) were divided into 4 groups: Sedentary (SED,n=6), Sedentary+Arg (SED+Arg,n=6), Resistance Training (RT,n=5), Resistance Training+Arg (RT+Arg,n=6). Trained animals performed RT protocol in a squat apparatus adapted for rats (4 sets of 10-12 repetitions, 90s of interval, 4x/week, 65-75% of One Maximum Repetition (1MR), for 8 weeks). It was used comet assay in blood to measure DNA damage in leukocytes. For comparisons among groups, it was performed two-way ANOVA, post-hoc test of SNK, with a significance level of 5%. The RT induced higher MS in trained groups. The supplementation alone led to increased ratio of gastrocnemius and left ventricle (LV) to body mass, increased LV contractility without changing hemodynamic variables. The SED+Arg group showed higher concentration of extracellular heat shock protein 72 and total testosterone, as well as lower uric acid concentration in blood versus SED group. The administration of isolated Arg and its association with RT promoted less damage in DNA. Arg supplementation with low Arg diet, does not enhance MS gains, however affects increasing muscle mass by increasing testosterone concentration and also demonstrates the positive effect in leukocyte genomic stability in healthy rats.

Key-words: Arginine, Supplementation, DNA Damage, Resistance Training and Rats.

Corresponding Author: Cláudia Ramos Rhoden, PhD
e-mail: crhoden@ufcspa.edu.br
Tel: +55 51 3303-8800 Fax: +55 51 3303-8794

Introduction

L-arginine is a semi-essential amino acid, a precursor in the synthesis of various bioactive substances, such as nitric oxide (NO), growth hormone and creatine (Boger 2007). The administration of L-arginine blood flow could be enhanced mainly through vasodilatation of the endothelium, and also throughout via angiogenesis stimulation induced by NO (Suzuki 2006). This rationale reinforce the hypothesis that providing increased supply of nutrients to skeletal muscle and higher removal of metabolites, L-arginine might act as a promissory ergogenic supplement in strength exercises (Wax et al. 2012).

Conversely, in diets providing low concentrations of L-arginine, circulating levels of L-arginine decreases in different species, such as rodents, pigs and humans (Castillo et al. 1994; Gross et al. 1991; Wu et al. 2013). Since L-arginine demonstrates notable antioxidant properties, such as reactive oxygen species (ROS) scavenging of superoxide and hydroxil radical (Shan et al. 2013), its deficient intake may be detrimental to the homeostasis of several organs. For instance, in stressful situation, such as sepsis, might affect immune function. The supplementation of L-arginine can be important by increasing the number and mitogen function of T cells (Tong and Barbul 2004). For that reason, it is essential to maintain adequate function of immune system, by increasing antioxidant defenses and/or protecting higher cellular damage.

When the excessive chronic production of ROS and other oxidant agents, and this overcome the cellular antioxidant capacity, cellular lesion to distinct biomolecules may occur, such as lipid peroxidation, protein carbonilation, as well as DNA strand breaks (Ciccia and Elledge 2010; De Bont and van Larebeke 2004). DNA damage plays important role in mutagenesis, carcinogenesis and aging. The accumulation of DNA lesions by ROS has been demonstrated to be a significant risk for the development of cardiovascular diseases and cancer (Azqueta et al. 2014).

Thus, hypothesis had been emerging of L-arginine administration as a nutritional supplement on oxidative parameters in exercise and as a preventive supplement. It has been shown by Huang and colleagues (2008) that L-arginine supplementation improved maximum oxygen consumption, and was able to protect against oxidative damage in skeletal and cardiac muscle, as well as in liver, lungs and kidney by exhaustive exercise in rats.

The low intake of L-arginine has prejudicial effects in animal growth and antioxidant status (Ma et al. 2010; Wu et al. 2010). However, its importance in genomic stability in leukocytes has not been investigated. Also, the association of resistance training protocol with L-arginine supplementation on biochemical parameters and a possible synergic effect of physical exercise has not been investigated yet. Therefore, the objective was to evaluate if L-arginine supplementation and resistance training of eight weeks could enhance maximum strength, cardiac contractility, hemodynamic variables, muscle mass, biochemical parameters in plasma and DNA damage in leukocytes in healthy rats subjected to a low L-arginine diet.

Methods

It was used 23 male Wistar rats from the biothery of the Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, with approximately 100 days of age and weighing between 290 and 320 g. The animals were kept in plastic boxes with measures of 220 x 260 x 310 mm, in groups of four animals per cage, in an environment with controlled temperature (21°C) and light-dark cycle of 12 hours. Water and commercial chow (NuviLab CR-1, São Paulo, SP, Brazil) were offered *ad libitum*. The standard chow contained 22% proteins, 61% sugars, 4% fat, 7% fibers, 1% vitamins and 5% minerals. The diet offered low concentrations of L-arginine (0.11%). The development of body weight was monitored weekly.

The handling of animals complied with the provisions of Law No. 11,794 of 08/10/2008, in Law No. 6,899 of 15/07/2009, in Resolution No. 879 of 15/02/2008 (CFMV) and any other rules applicable to the use of animals for teaching and research, especially resolutions of CONCEA. The study was approved by the Ethics Committee and Institution of Animal Use in the process number 114/13.

The animals were randomly assigned to four groups: sedentary group (SED, n = 6), sedentary and supplemented with L-arginine group (SED+Arg, n = 6), resistance training group (RT, n = 5) and resistance training and supplemented with L-arginine group (RT+Arg, n = 6).

Resistance Training Protocol

The animals from trained groups were submitted to a resistance training protocol. It was performed a familiarization period in the adapted squat apparatus of Alves and colleagues (2014) for all animals. The familiarization period consisted in performing 50 to 10 repetitions of 40% to 60% of their body weight three times a week for one week.

The rats were placed in a neoprene vest leaving them in bipedal position in the lower limbs. an electrical stimulus (4-5 mA, 0.3 seconds long, with 3 seconds interval between each repetition) was

applied to the rat's tail through a surface electrode, to cause the extension and flexion movement of the lower limbs of the rat, thus raising the burden in the squat apparatus. This stimulation is of low intensity, not causing any injury to the physical integrity of animals (Tamaki et al. 1992). All training sessions were performed in a dark room.

To determine the maximum load raised in one repetition it was used the One Maximum Repetition test (1MR). From the obtained value, it was determined percentage load for performing the training protocol. In response to training, strength is gained, making it necessary to carry out new test every two weeks to adjust the training load.

The training protocol had total duration of eight weeks, frequency of four times a week, each training session consisted of four sets of 12 repetitions with 65-75% of 1MR load with 90 seconds of rest between each series (Stefani et al. 2014b). The training program followed the recommendations of the American Physiological Society (2006).

L-Arginine Supplementation

The groups were supplemented with a L-arginine solution, which received daily by gavage. The form given the supplement was L-arginine powder with a purity of 99.9% (Sigma-Aldrich, SP, Brazil). It was used 500 mg/kg/day as a supplement dosage, since recent studies showed that this same concentration was able to significantly increase serum levels of L-arginine (Krauss et al. 2012; Shan et al. 2013).

Evaluation of Hemodynamic Function

The records of hemodynamic (blood pressure, heart rate and left ventricular pressure) were performed 24 hours after the end of last training session. The animals were anesthetized with ketamine (80 mg/kg, i.p.) + xylazine (12 mg/kg, i.p.). P50 was used a polyethylene catheter into the left ventricle via cannulation of the right carotid artery. The catheter was inserted into the left ventricle and its position determined by observation of a characteristic of the ventricular pressure waveform.

Record of Blood Pressure, Heart Rate and Left Ventricular Pressure

Before placing the PE50 catheter in the ventricle, the blood pressure was recorded for 5 minutes through the arterial cannula connection to an electromagnetic transducer (P23 Db, Gould-Statham, USA) connected to a signal preamplifier (Hewlett-Packard 8805C, Puerto Rico, USA). Soon after this record, the cannula was positioned in the left ventricle and after 5 minutes of stabilization, the ventricular pressure was recorded for 5 minutes. The analog pressure signals were digitalized (CODAS, 1Kz, DTAQ Instruments, USA) allowing analysis of the pulses of blood pressure moment-to-moment, with a sampling frequency of 1,000 Hz per channel for the study of systolic blood pressure (SBP), diastolic blood pressure (DBP) and mean blood pressure (MBP). The pressure parameters were determined using commercial acquisition software associated with the system. This program allows to detect the maximum and minimum pressure curve beat-to-beat, providing the desirable variables. The MBP was obtained from the integration of pressure values between two consecutive detections of DBP. The heart rate was determined from the systolic interval between two peaks. The left ventricular systolic pressure (LVSP) was determined.

Analysis of Contraction and Relaxation Derivatives of the Left Ventricle

The analysis of the derivatives was based on left ventricular pressure waves recorded in the assessment of hemodynamic function, as performed previously. The analysis was performed using commercial program associated with the acquisition system. This program allows the derivation of the wave of left ventricular pressure and detection of maximal and minimal of these curves beat-to-beat, providing the values of the derivatives of contraction ($+dP/dt_{max}$) and relaxation ($-dP/dt_{max}$) of the left ventricle.

Blood and Tissue Collection

To peform the comet assay and the other biochemical analyzes, it was collected 1.0 ml of whole blood per animal from cannulation through the right carotid artery. After blood collection, the animals were killed by decapitation. At the time of decapitation, the animals were already anesthetized with ketamine (80 mg/kg, i.p.) + xylazine (12 mg/kg, i.p.) for the hemodynamic evaluation. After, it was performed the collection of tissues (heart and gastrocnemius).

Morphological Measures

The morphological measures, namely: the ratio f the mass of the body divided by body mass. This measurement is an indicator of proportionality organs, and the ratio between the left ventricle mass-

to-body mass (LV/BM) is also a reliable marker of left ventricular hypertrophy (Soci et al. 2011). Also, it was performed the ratio of gastrocnemius mass-to-body mass (G/BM).

Biochemical and Molecular Analysis

It was used plasma for determining the concentrations of urea, creatinine, total cholesterol, triglycerides, aspartate aminotransferase (AST), alanine aminotransferase (ALT), uric acid and total testosterone. For obtaining the plasma, the samples were centrifuged at 2,500 rpm for 5 minutes. The analysis were performed by spectrophotometry, using commercial kits of Labtest, following the recommendations of the manufacturer, in a semi-automatic apparatus (Metrolab DR 1600®, Wiener). Total testosterone levels were measured by chemiluminescence (Immulite® 1000, Siemens, USA). Total protein was measured by refractometry. Extracellular heat shock protein 72 kDa (eHSP72) levels were assessed in plasma with colorimetric ELISA test (HSP70 high sensitivity ELISA Kit - ADI-EKS-715, Enzo Life Sciences). This test recognizes stress-induced HSP70 (HSP72) with negligible reactivity from other HSP70 family members.

Comet Assay (SCGE) Alkaline Version

The comet assay was performed avoiding direct incidence of light and according to the method of Singh and colleagues (1988). We used 40 µl of whole blood added to 90 µl of low melting point agarose. After lightly mixed, this material was carefully superimposed on a slide previously covered with a thin agarose gel and covered with a coverslip, and kept in a moist chamber at 4˚C for 10 minutes in order to further secure the suspension of blood cells in the gel. Then, the coverslip was carefully removed, and the slide was packaged in a vertical cuvette containing lysis solution for at least 1 hour at 4˚C.

The next step consisted in the unfolding of the cells for 5 min in an alkaline buffer (pH > 10.0). Thereafter, followed by the electrophoresis process, where the lysed cells contained in the agarose gel were subjected to a voltage of 25 mV and 300 mA for 15 minutes in a vat containing alkaline buffer solution (pH > 10.0). Then the slide was neutralized, stained with silver nitrate, rinsed and kept at room temperature to dry for later analysis. The slides of each animal were made in duplicate. The analysis was performed by light microscopy of 20X increase, through quantifying the size of the comet's tail in 100 cells, according to lengths, diameters and dimensions of individual comets. To quantify the damage, it was used as obtained parameters tail moment, Olive tail moment and percentage of tail DNA.

Quantification of DNA Damage

All these parameters were calculated with CASP Labs®, Poland) (Konca et al. 2003). The percentage of DNA in the tail represents the percentage of DNA stands that have migrated from the comet's head. The tail moment is the product of the tail length and of the percentage of DNA in the tail. The OTM is the product of the distance (relative to the *x*-axis) between the center of gravity of the head with the center of the gravity of the tail of the comet and the % of tail DNA. All formulas are available in supplementary data.

Statistical Analysis

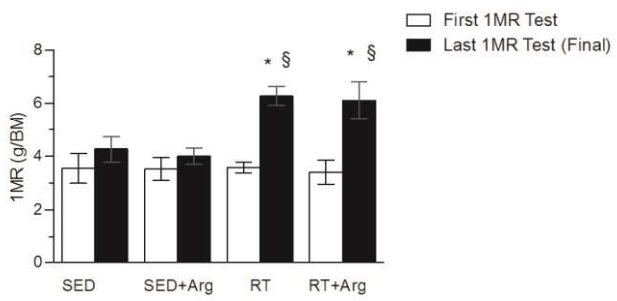
The results are shown as mean ± standard deviation. It was used two-way analysis of variance (ANOVA), followed by the post-hoc of Student-Newman-Keuls, for comparisons among groups. It was considered significant P values < 0.05. Statistical analysis were conducted in SigmaPlot 12.0 software and graphics elaborated in GraphPad Prism 5.0.

Results

Maximum Strength

There was no difference among groups in the first test of 1MR (P>0.05). Regarding the last test of 1MR and its variation between the first and last test, the trained groups showed higher values compared to sedentary groups independent of L-arginine supplementation (P<0.05) (Figure 1a and 1b).

a)



b)

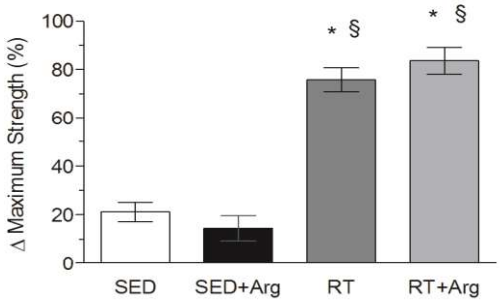


Fig. 1 Maximum strength gain of sedentary animals and of animals submitted to 8 weeks of resistance training supplemented with L-arginine. **a)** Maximum strength by comparing the values of the first and last One Maximum Repetition test (1MR). **b)** Δ Maximum strength (%) of groups. Values in mean ± SD. Two-way ANOVA followed by the post-hoc de Student-Newman-Keuls. n=5-6 animals/group; * P<0,05 vs. SED; § P<0,05 vs. SED+Arg

Gastrocnemius mass and left ventricle mass ratio with final body mass

At the beginning of the study, all groups started equally in body mass (P>0.05). After of eight weeks of experiments, only the group RT remained with the same body mass (P>0.05). All sedentary groups and trained associated with L-arginine supplementation group gained body mass (P<0.05), showing no difference among them(P>0.05). The ratio of mass of the gastrocnemius and body mass was higher in SED+Arg, RT and RT+Arg groups compared to the sedentary group(P<0.05). While the ratio of LV/BM, only the group sedentary and supplemented with L-arginine showed higher values, compared to SED (P<0.05).

Table 1 Morphometric parameters of sedentary, trained and supplemented rats with L-arginine.

	Initial Body Mass (g)	Final Body Mass (g)	Δ Body Mass (%)	LV/BM (mg/g)	G/BM (mg/g)
SED	312.67 ± 18.49	336.60 ± 21.88*	+7.40 ± 5.85*	2.05 ± 0.03	4.60 ± 0.16
SED+Arg	315.20 ± 14.17	343.00 ± 2.35*	+9.01 ± 5.29*	2.34 ± 0.20**	5.13 ± 0.32**
RT	309.40 ± 16.88	312.40 ± 11.41	+1.08 ± 3.34	2.08 ± 0.31	5.07 ± 0.55**
RT+Arg	313.17 ± 15.28	341.33 ± 4.93*	+10.09 ± 5.43*	2.05 ± 0.04	5.32 ± 0.21**

Values in mean ± SD. Two-way ANOVA followed by the *post-hoc* of Student-Newman-Keuls. n=5-6 animals/group. LV/BM, Left Ventricle-to-Body Mass Ratio; G/BM, Gastrocnemius-to-Body Mass Ratio. *, P<0.05 compared to RT group **; P<0.05 compared to SED group

Hemodynamic Variables

The hemodynamic parameters of blood pressure, such as DBP, SBP, MBP, LVSP and HR were not significantly different among groups (P>0.05) (Table 2).

Table 2 Hemodynamic parameters of blood and ventricular pressure of sedentary, trained and supplemented rats with L-arginine

	DBP (mmHg)	SBP (mmHg)	MBP (mmHg)	LVSP (mmHg)	HR (bpm)
SED	79.42 ± 14.72	104.42 ± 18.07	91.68 ± 15.06	113.52 ± 21.52	216.01 ± 23.27
SED+Arg	85.72 ± 14.05	107.71 ± 17.81	97.85 ± 15.72	110.32 ± 15.80	215.16 ± 15.51
RT	75.03 ± 10.77	101.68 ± 17.38	93.25 ± 9.13	100.13 ± 19.19	205.83 ± 19.89
RT+Arg	82.07 ± 17.35	109.69 ± 23.43	90.70 ± 15.63	107.56 ± 21.35	217.18 ± 23.73

Values in mean ± SD. Two-way ANOVA followed by the *post-hoc* of Student-Newman-Keuls. n=5-6 animals/group. DBP, Diastolic Blood Pressure; SBP, Systolic Blood Pressure; MBP, Mean Blood Pressure; LVSP, Left Ventricle Systolic Pressure; HR, Heart Rate

Left Ventricle Derivatives of Contraction and Relaxation ($+dP/dt_{máx}$/ $-dP/dt_{máx}$)

There was an increase in contractility in the groups that received L-arginine compared to sedentary group (P<0.05), with no significant change when compared to the trained group (P>0.05). Regarding the derivative of relaxation, it was observed no difference among groups (P>0.05) (Figure 2).

a) **b)**

Fig. 2 Derivatives of contractility and of relaxation of left ventricle of trained and supplemented rats with L-arginine. **a)** Derivative of contraction ($+dP/dt_{máx}$) in mmHg/s. **b)** Derivative of relaxation ($-dP/dt_{máx}$) in mmHg/s. Values in mean ± SD. Two-way ANOVA followed by the *post-hoc* of Student-Newman-Keuls. n=5-6 animals/group; * P<0,05 vs. SED

Biochemical Parameters

The groups showed no difference regarding the biochemical parameters in plasma (P>0.05). With exception of the sedentary supplemented with L-arginine group, which showed lower levels of uric acid compared to sedentary group (P<0.05).

Table 3 Biochemical parameters of rats submitted to resistance training and rats supplemented with L-arginine

	Urea (mg/dL)	Creatinine (mg/dL)	Total Cholesterol (mg/dL)	Triglycerides (mg/dL)	AST (UI/L)	ALT (UI/L)	Uric Acid (mg/dL)
SED	33.20 ± 4.97	0.59 ± 0.04	46.60 ± 17.81	45.50 ± 20.73	187.33 ± 113.52	66.50 ± 20.33	1.60 ± 0.73
SED+Arg	35.80 ± 4.27	0.54 ± 0.04	49.00 ± 4.95	43.25 ± 17.86	161.00 ± 59.09	67.67 ± 15.98	0.75 ± 0.45*
RT	33.80 ± 3.77	0.56 ± 0.03	41.40 ± 2.70	44.00 ± 4.83	222.20 ± 85.73	65.20 ± 4.27	1.20 ± 0.50
RT+Arg	34.40 ± 4.28	0.56 ± 0.05	50.80 ± 3.11	48.75 ± 5.38	128.67 ± 50.31	57.33 ± 12.79	0.80 ± 0.34

Values in mean ± SD. Two-way ANOVA followed by the *post-hoc* of Student-Newman-Keuls. n=5-6 animals/group. AST, Aspartate Aminotransferase; ALT, Alanine Aminotransferase. *, P<0.05 compared to SED group

eHSP72 and Testosterone

The SED+Arg group showed higher concentrations of eHSP72 and total testosterone compared to the sedentary group (P<0.05). All other groups showed no difference among them (P>0.05) (Figure 3).

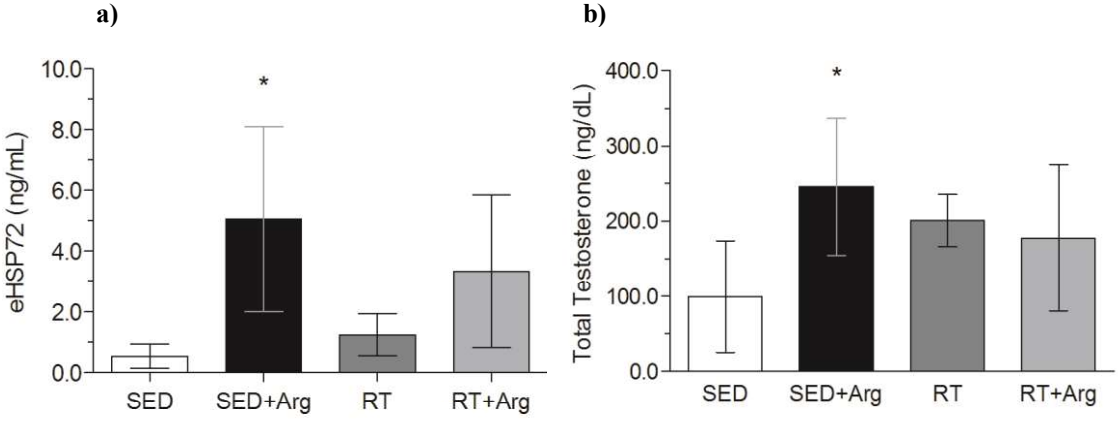


Fig. 3 Concentration of extracellular HSP72 and total testosterone in plasma of sedentary and trained rats supplemented with L-arginine. **a)** eHSP72 concentration in plasma. **b)** Total testosterone concentration in plasma. Values in mean ± SD. Two-way ANOVA followed by the *post-hoc* of Student-Newman-Keuls. n=5-6 animals/group; * P<0,05 vs. SED

DNA Damage

In Figure 4 it is possible to observe the presence and frequency of damaged cells in the experimental groups Trained and supplemented groups showed lower DNA damage compared to the sedentary group in the three variables used to quantify the damage (% tail DNA, tail moment and OTM) (P<0.05), as shown in Figure 5. Nonetheless, when the % tail DNA is evaluated, the supplemented group showed lower damage than the trained and sedentary groups (P<0.05). By analyzing tail moment and OTM, trained and supplemented group showed even lower values, which was significant compared to the trained group (P<0.05).

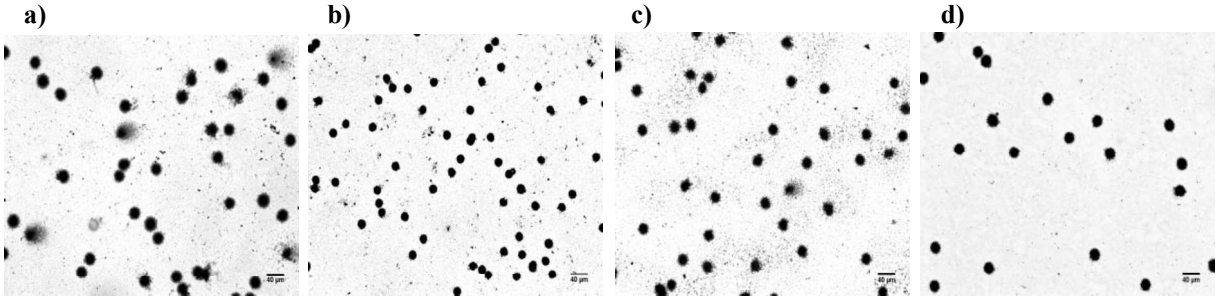


Fig. 4 Images captured by optical microscopy of slides containing isolated leukocytes from whole blood of sedentary and trained rats supplemented with L-arginine. Increase of 10x, image scale of 40µm, slides stained with silver nitrate. n=5-6 animals/group. **a)** Image of cells from SED group. **b)** Image of cells from SED+Arg group. **c)** Image of cells from RT group. **d)** Image of cells from RT+Arg group

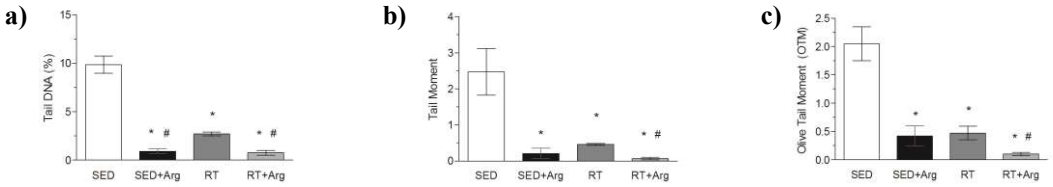


Fig. 5 Quantitative parameters of damage in DNA of sedentary and trained rats supplemented with L-arginine. **a)** DNA percentage present in the comet's tail. **b)** Tail Moment, value of the product of the tail length and the percentage of DNA in the tail. **c)** Olive Tail Moment, value obtained by the difference of center of gravity of the head with the comet's tail. Values in mean ± SD. Two-way ANOVA followed by the *post-hoc* of Student-Newman-Keuls. n=5-6 animals/group; * $P<0,05$ vs. SED; # $P<0,05$ vs. RT

Discussion

Our study shows novel findings regarding the L-arginine supplementation. The supplementation influenced body mass gain, also increased left ventricle and gastrocnemius masses. Our results also exhibit an influence in left ventricle derivatives of systolic pressure and, for the first time, demonstrated to have a relation of HSP72 and testosterone in L-arginine supplemented sedentary animals by increasing its concentrations. In addition, a previous study in our laboratory showed similar findings regarding DNA damage protection by L-arginine supplementation (Stefani et al. 2014a). However, the present study shows a wider scenario of the impact of supplementing L-arginine in biochemical parameters.

Analyzing the results of strength gain, both trained groups showed higher gain compared to sedentary groups. Additionally, the trained with supplementation group did not have any further gain of strength. Therefore, the increase of maximum strength was related to resistance training. A similar study, with healthy animals, shows that L-arginine supplementation did not influence the performance of exercise in rats (Huang et al. 2009). However, an increase in exercise tolerance after L-arginine supplementation is observed only in the presence of pathological conditions accompanied of endothelial dysfunction, such as hypertension and heart failure (Boger 2007; McConell et al. 2006; Schwedhelm et al. 2008). Thus, our results mirrors the condition of healthy animals, and for that reason there was no ergogenic effect of L-arginine in trained groups.

Supplemented groups and trained groups showed higher gastrocnemius mass-to-body mass ratio compared to sedentary group. This higher ratio observed in trained groups can attributed to the hypertrophy generated by the resistance training. Concomitantly, sedentary animals that were supplemented with L-arginine, showed higher G/BM and an increase in the testosterone concentration. This results indicates that the elevated concentration of testosterone may have played a significant role in muscle hypertrophy in the sedentary supplemented group, inducing muscle protein synthesis where it is expressed androgen receptor, such as in skeletal muscle and in cardiac muscle (Marsh et al. 1998). It has been demonstrated that L-arginine can increase mammalian target of rapamycin (mTOR) phosphorilation in skeletal muscle in neonatal piglets (Yao et al. 2008) and increase muscle gain (Tan et al. 2009). Interestingly, it has been already shown that higher L-arginine availability increased growth of neonatal pigs without increasing plasma insulin or growth hormone (Kim and Wu 2004). In our study we used adult rats, this effect may be similar to those observed in neonatal piglets, however, our data suggests that this supplementation affected body composition, not being restricted exclusively to animal growth and development. The trained and supplemented group probably did not showed even higher values of G/BM because of the effects of exercise training. Resistance training increases protein intake requirement (Szedlak and Robins 2012), probably the total intake of L-arginine in chow plus the arginine supplemented could not contemplate total L-arginine requirement for muscle growth.

It is interesting to observe that the sedentary group that received standard chow, which contained low concentrations of L-arginine, showed remarkable differences in left ventricle derivatives of pressure, as well as left ventricle and gastrocnemius mass. Also, a similar investigation of Cremades and colleagues (2004) demonstrated that deficient diets in L-arginine strongly influenced the growth of rats. Deficient diets of only in L-arginine showed to induce remarkable reduction in muscle and cardiac mass development in lower limb, approximately 20% in relation to the group with standard chow. Our results corroborates with this singular investigation. We showed that the L-arginine supplementation in situations without physical training, seemed to exert an important function in animal growth and development, mainly in cardiac and skeletal muscle structures. As for the biochemical parameters, no changes were observed among groups, indicating that low L-arginine diet does not seem to affect negatively markers of liver, kidney damage, as well as alter lipid profile.

We found greater eHSP72 expression only in SED+Arg group compared with the control group. Generally the export of HSP72 denotes a cell signaling and this stress is strongly related to the development and progression of several diseases, including insulin resistance and obesity (Krause et al. 2015). However, in our study we did not observe any changes in biochemical parameters, suggesting that

the increase in the concentration of HSP72 in plasma may be acting as a signaling factor for the increase in the secretion of testosterone. It has been shown that the increase in intracellular expression of HSP70 in enterocytes related to L-arginine supplementation is not always associated with metabolic disorders, but may be acting as intestinal growth signaling factor in early-weaned pigs (Wu et al. 2010).

The higher left ventricle contractility observed in supplemented groups, as demonstrated by the derivative of contractility in left ventricle ($+dP/dt_{max}$), seems to be related to the greater ratio of left ventricular mass-to-body mass. The additional intake of L-arginine seems to have directly influenced the export of HSP72 into the plasma, which was greater in the group that did not performed resistance training. Evidences suggests that cardiomyocyte intracellular HSP70 appears to be associated with the management of myocardial Ca^{2+}. The intracellular HSP70 is capable of modulating by increasing the activity of sarcoplasmatic reticulum Ca^{2+}-ATPase, as well as augmenting the phosphorylation of ryanodine receptor in cardiomyocytes (Lakshmikuttyamma et al. 2006). Therefore, regulating Ca2+ handling factors could increase heart contractility. In addition to this mechanism, the role of HSP72 in the process of cardiac hypertrophy, the same group of sedentary animals showed higher concentration of testosterone which reinforces our findings that possibly exists a relationship between higher export of HSP72 and cardiac hypertrophy. In fact, remains unclear which tissue could be sustaining the export of HSP72 observed in plasma.

The analysis of hemodynamic variable were not statistically different from each other, this finding may be attributed to blood and ventricular pressure levels and heart rate were not changed in the animals. Any alteration of these levels might be observed when there is an endothelial dysfunction, which occurs in several diseases, such as hypertension, heart failure and atherosclerosis (Appleton 2002; Piepoli et al. 2004). As the animals used in our study were healthy, absents of endothelial dysfunction, L-arginine supplementation was not necessary to reverse this situation, since hemodynamic parameters showed no difference among groups.

Our study demonstrates that diets with low concentration of L-arginine could exert major function in genomic stability. It is possible that L-arginine supplementation plays an important role on leukocyte replication. Low L-arginine diets may compromise approximately 90% of sperm density and number, as well as stimulates proliferation in intestinal cells (Tan et al. 2010; Wu et al. 2013). It has been demonstrated protective effects of L-arginine administration by partially protecting liver damage in acute cholestasis (Ozsoy et al. 2011). The results of the analysis of quantification of DNA damage showed higher percentage of DNA damage in untrained group, approximately 10% while the resistance training led values less than 3% of DNA damage. It has been demonstrated that the NO synthesized in blood could act as antioxidant, inhibiting free radical generation from rat peripheral polymorphonuclear leukocytes (Seth et al. 1994). Possibly the lower DNA damage in leukocytes is attributed to lower pro-oxidant generation in the groups that received supplemented L-arginine.

Resistance training has generated protection in DNA damage possibly due to more efficient mechanisms of nuclear DNA repair (Cash et al. 2014), but its association with L-arginine supplementation resulted in an even more powerful protection, since dietary factors appears to be crucial in genomic stability (Brevik et al. 2011). Although of demonstrating for the first time the protective effect of isolated supplementation of L-arginine or associated with resistance training, to our knowledge no study conducted such biochemical approach to assess the damage in DNA. With these results, it is possible to assign a genotoxic protective factor of L-arginine in blood. In addition to enhancing the protection against oxidative stress chronically exercise (training), improving the balance between the formation of reactive oxygen species and antioxidant defenses.

Shan and colleagues (2013) showed that L-arginine levels were reduced when an increase of inducible nitric oxide synthase (iNOS) activity, and also demonstrated that the supplementaton of L-arginine was able to exert antioxidant activity through NO pathway. In the same study it was shown that the supplementation with the same dosage used in our study (500 mg/kg/day) was able to increase the serum bioavailability of L-arginine in sedentary and trained animals. This increase was possibly caused by singnaling higher expression of iNOS, which would justify the protection in sedentary and supplemented groups. It is noteworthy that such work used as endurance training model. This exercise protocol has distincts physiological and biochemical features of the exercise training protocol that we used, however, both works showed antioxidant effect of L-arginine supplementation, even in different biomarkers of oxidative stress.

L-arginine is able to down-regulate the enzymatic activity of xanthine oxidase (XO) in different tissues, such as heart, skeletal muscle, liver and lung, when submitted to exhaustive exercise (Huang et al. 2008) The protective role of NO remains in preventing the formation of superoxide by XO reaction. In XO biochemical reactions uric acid is also formed as by-product, and it is considered a biomarker for chronic heart failure patients monitoring (Braunwald 2008). In our study we observed lower concentration of uric acid in the sedentary supplemented group, compared to sedentary with low L-

arginine diet. This finding reinforces the antioxidant effect observed in the dosage supplemented, assuming it is protecting a diet with low concentration of L-arginine.

This study presents few limitations, for instance, we did not measure the concentration of intracellular HSP72 in heart and in gastrocnemius. These analyzes could justify a possible export of HSP72 for plasma and tissue which could be contributing more significantly to this signaling in muscle hypertrophy.

In summary, our findings shows that L-arginine supplementation did not influenced positively in maximum strength gain. However, showed to increase muscle mass through increasing testosterone concentration. The supplementation was not related to resistance training adaptations in all analyzed parameters, but showed synergistic effect with exercise training in leukocyte genomic stability in healthy rats submitted to low L-arginine diet.

Conflicts of Interest

The authors declare no conflict of interest.

Acknowledgements

This work was funded with support from the Higher Education Personnel Training Coordination (Brasília, Brazil) and National Scientific and Technological Development Council (Brasília, Brazil) and Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (Porto Alegre, Brazil).

References

Alves JP, Nunes RB, Stefani GP, Dal Lago P (2014) Resistance training improves hemodynamic function, collagen deposition and inflammatory profiles: experimental model of heart failure PloS one 9:e110317 doi:10.1371/journal.pone.0110317

Appleton J (2002) Arginine: Clinical potential of a semi-essential amino acid Alternative medicine review : a journal of clinical therapeutic 7:512-522

Azqueta A, Slyskova J, Langie SA, O'Neill Gaivao I, Collins A (2014) Comet assay to measure DNA repair: approach and applications Frontiers in genetics 5:288 doi:10.3389/fgene.2014.00288

Boger RH (2007) The pharmacodynamics of L-arginine The Journal of nutrition 137:1650s-1655s

Braunwald E (2008) Biomarkers in heart failure The New England journal of medicine 358:2148-2159 doi:10.1056/NEJMra0800239

Brevik A, Karlsen A, Azqueta A, Tirado AE, Blomhoff R, Collins A (2011) Both base excision repair and nucleotide excision repair in humans are influenced by nutritional factors Cell biochemistry and function 29:36-42 doi:10.1002/cbf.1715

Cash SW, Beresford SA, Vaughan TL, Heagerty PJ, Bernstein L, White E, Neuhouser ML (2014) Recent physical activity in relation to DNA damage and repair using the comet assay Journal of physical activity & health 11:770-776 doi:10.1123/jpah.2012-0278

Castillo L, Ajami A, Branch S, Chapman TE, Yu YM, Burke JF, Young VR (1994) Plasma arginine kinetics in adult man: response to an arginine-free diet Metabolism: clinical and experimental 43:114-122

Ciccia A, Elledge SJ (2010) The DNA damage response: making it safe to play with knives Molecular cell 40:179-204 doi:10.1016/j.molcel.2010.09.019

Cremades A, Ruzafa C, Monserrat F, Lopez-Contreras AJ, Penafiel R (2004) Influence of dietary arginine on the anabolic effects of androgens The Journal of endocrinology 183:343-351 doi:10.1677/joe.1.05783

De Bont R, van Larebeke N (2004) Endogenous DNA damage in humans: a review of quantitative data Mutagenesis 19:169-185

Gross KL, Hartman WJ, Ronnenberg A, Prior RL (1991) Arginine-deficient diets alter plasma and tissue amino acids in young and aged rats The Journal of nutrition 121:1591-1599

Huang CC, Lin TJ, Lu YF, Chen CC, Huang CY, Lin WT (2009) Protective effects of L-arginine supplementation against exhaustive exercise-induced oxidative stress in young rat tissues The Chinese journal of physiology 52:306-315

Huang CC, Tsai SC, Lin WT (2008) Potential ergogenic effects of L-arginine against oxidative and inflammatory stress induced by acute exercise in aging rats Experimental gerontology 43:571-577 doi:10.1016/j.exger.2008.03.002

Kim SW, Wu G (2004) Dietary arginine supplementation enhances the growth of milk-fed young pigs The Journal of nutrition 134:625-630

Konca K et al. (2003) A cross-platform public domain PC image-analysis program for the comet assay Mutation research 534:15-20

Krause M, Heck TG, Bittencourt A, Scomazzon SP, Newsholme P, Curi R, Homem de Bittencourt PI (2015) The Chaperone Balance Hypothesis: The Importance of the Extracellular to Intracellular HSP70 Ratio to Inflammation-Driven Type 2 Diabetes, the Effect of Exercise, and the Implications for Clinical Management Mediators of Inflammation 2015:12 doi:10.1155/2015/249205

Krauss H et al. (2012) Influence of short-term L-arginine supplementation on carbohydrate balance in rats with ischemia-reperfusion syndrome Pharmacological reports : PR 64:635-642

Kregel KC AD, Booth FW, Fleshner MR, Henriksen EJ, Musch TI, O'Leary DS, Parks CM, Poole DC, Ra'anan AW, Sheriff DD, Sturek MS, Toth LA (2006) Resource Book for the Design of Animal Exercise Protocols. American Physiological Society, Bethesda

Lakshmikuttyamma A, Selvakumar P, Sharma RK (2006) Interaction between heat shock protein 70 kDa and calcineurin in cardiovascular systems (Review) International journal of molecular medicine 17:419-423

Ma X et al. (2010) Dietary arginine supplementation enhances antioxidative capacity and improves meat quality of finishing pigs Amino acids 38:95-102 doi:10.1007/s00726-008-0213-8

Marsh JD, Lehmann MH, Ritchie RH, Gwathmey JK, Green GE, Schiebinger RJ (1998) Androgen receptors mediate hypertrophy in cardiac myocytes Circulation 98:256-261

McConell GK, Huynh NN, Lee-Young RS, Canny BJ, Wadley GD (2006) L-Arginine infusion increases glucose clearance during prolonged exercise in humans American journal of physiology Endocrinology and metabolism 290:E60-e66 doi:10.1152/ajpendo.00263.2005

Ozsoy Y, Coskun T, Yavuz K, Ozbilgin K, Var A, Ozyurt B (2011) The effects of L-arginine on liver damage in experimental acute cholestasis an immunohistochemical study HPB surgery : a world journal of hepatic, pancreatic and biliary surgery 2011:306069 doi:10.1155/2011/306069

Piepoli MF, Davos C, Francis DP, Coats AJ (2004) Exercise training meta-analysis of trials in patients with chronic heart failure (ExTraMATCH) BMJ (Clinical research ed) 328:189 doi:10.1136/bmj.37938.645220.EE

Schwedhelm E et al. (2008) Pharmacokinetic and pharmacodynamic properties of oral L-citrulline and L-arginine: impact on nitric oxide metabolism British journal of clinical pharmacology 65:51-59 doi:10.1111/j.1365-2125.2007.02990.x

Seth P, Kumari R, Dikshit M, Srimal RC (1994) Modulation of rat peripheral polymorphonuclear leukocyte response by nitric oxide and arginine Blood 84:2741-2748

Shan L, Wang B, Gao G, Cao W, Zhang Y (2013) L-Arginine supplementation improves antioxidant defenses through L-arginine/nitric oxide pathways in exercised rats Journal of applied physiology 115:1146-1155 doi:10.1152/japplphysiol.00225.2013

Singh NP, McCoy MT, Tice RR, Schneider EL (1988) A simple technique for quantitation of low levels of DNA damage in individual cells Experimental cell research 175:184-191

Soci UP et al. (2011) MicroRNAs 29 are involved in the improvement of ventricular compliance promoted by aerobic exercise training in rats Physiological genomics 43:665-673 doi:10.1152/physiolgenomics.00145.2010

Stefani GP et al. (2014a) L-Arginine Supplementation and Resistance Training Promotes Increase of Maximum Strength and Protection from DNA Damage in Rats J Nutr Health Food Eng 1:4 doi:10.15406/jnhfe.2014.01.00019

Stefani GP et al. (2014b) Effects of creatine supplementation associated with resistance training on oxidative stress in different tissues of rats Journal of the International Society of Sports Nutrition 11:11 doi:10.1186/1550-2783-11-11

Suzuki J (2006) L-arginine supplementation causes additional effects on exercise-induced angiogenesis and VEGF expression in the heart and hind-leg muscles of middle-aged rats The journal of physiological sciences : JPS 56:39-44

Szedlak C, Robins A (2012) Protein Requirements for Strength Training Strength & Conditioning Journal 34:85-91 doi:10.1519/SSC.0b013e31826dc3c4

Tamaki T, Uchiyama S, Nakano S (1992) A weight-lifting exercise model for inducing hypertrophy in the hindlimb muscles of rats Medicine and science in sports and exercise 24:881-886

Tan B et al. (2010) L-Arginine stimulates proliferation and prevents endotoxin-induced death of intestinal cells Amino acids 38:1227-1235 doi:10.1007/s00726-009-0334-8

Tan B et al. (2009) Dietary L-arginine supplementation increases muscle gain and reduces body fat mass in growing-finishing pigs Amino acids 37:169-175 doi:10.1007/s00726-008-0148-0

Tong BC, Barbul A (2004) Cellular and physiological effects of arginine Mini reviews in medicinal chemistry 4:823-832

Wax B, Kavazis AN, Webb HE, Brown SP (2012) Acute L-arginine alpha ketoglutarate supplementation fails to improve muscular performance in resistance trained and untrained men Journal of the International Society of Sports Nutrition 9:17 doi:10.1186/1550-2783-9-17

Wu G et al. (2013) Dietary requirements of "nutritionally non-essential amino acids" by animals and humans Amino acids 44:1107-1113 doi:10.1007/s00726-012-1444-2

Wu X et al. (2010) Dietary supplementation with L-arginine or N-carbamylglutamate enhances intestinal growth and heat shock protein-70 expression in weanling pigs fed a corn- and soybean meal-based diet Amino acids 39:831-839 doi:10.1007/s00726-010-0538-y

Yao K et al. (2008) Dietary arginine supplementation increases mTOR signaling activity in skeletal muscle of neonatal pigs The Journal of nutrition 138:867-872

CAPÍTULO III - Artigo 3 em Inglês

Quantification of DNA damage in different tissues in rats with chronic heart failure

(Artigo escrito seguindo o formato do *Internation Journal of Cardiology;* Fator de Impacto: 6.175)

Quantification of DNA damage in different tissues in chronic heart failure rats

Giuseppe P. Stefani[a,b1], Ramiro B. Nunes[a,1], Douglas D. Rossato[a,c,1], Vitor S. Hentschke[a,1], Marlise D. Domenico[b,1], ,Pedro D. Lago[a,d,1], Cláudia R. Rhoden[b,e,1]

Authors Affiliations

[a] *Laboratory of Physiology - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil*

[b] *Laboratory of Air Pollution an Oxidative Stress - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil*

[c] *Department of Rehabilitation and Physcial Therapy, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, Brazil*

[d] *Post Graduate Program of Rehabilitation Sciences - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil*

[e] *Departament of Pharmacology - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil*

[1] This author takes responsibility for all aspects of the reliability and freedom from bias of the data presented and their discussed interpretation

Corresponding Author

Cláudia Ramos Rhoden, PhD

Laboratory of Air Pollution an Oxidative Stress and Department of Pharmacology - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil

E-mail address: crhoden@ufcspa.edu.br

Tel: +55 51 3303-8800 Fax: +55 51 3303-8794

Competing Interests: The authors declare that they have no competing interests.

Grant Support: This work was funded by CAPES and CNPq, Brasília, Brazil and by the Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil.

Abstract

Background Chronic heart failure (CHF) is a complex syndrome which comprises structural and functional alterations in the heart in maintaining the adequate blood demand to all tissues. Few investigations sought to evaluate oxidative DNA damage in CHF. However, it has not been characterized DNA damage in distinct tissues in CHF. Therefore, our objective was to quantify the DNA damage using the comet assay in left ventricle (LV), lungs, diaphragm, gastrocnemius and soleus in rats with CHF.

Methods Twelve male Wistar rats (300 to 330 g) were selected for the study: Sham (n=6) and CHF (n=6). The animals underwent myocardial infarction by the ligation of the left coronary artery. After six weeks, the animals were euthanized. It was performed a cell suspension of the tissues. The comet assay was performed to evaluate single and double strand breaks in DNA.

Results The CHF group showed higher values of left ventricle end-diastolic pressure (LVEDP), pulmonary congestion, cardiac hypertrophy and lower values of maximal positive and negative derivatives of LV pressure, LV systolic pressure ($P<0.05$). CHF group showed higher DNA damage (% tail DNA, tail moment and Olive tail moment) compared to Sham ($P<0.001$). The tissue with the highest damage was the soleus, compared to LV and gastrocnemius in CHF group ($P<0.05$). DNA damage was positively correlated with LVEDP in all tissues ($P<0.05$).

Conclusion Our results indicates that the CHF affects all tissues, both centrally and peripherically, being more affected in skeletal muscle (soleus) and is positively correlated with LV dysfunction.

Keywords: Chronic heart failure, rats, DNA damage, single cell gel electrophoresis, comet assay

Introduction

Heart failure is a complex syndrome which characterizes structural and functional abnormalities in the heart in maintaining the adequate blood demand. The chronic heart failure (CHF) affects approximately 1 to 2% of the population in developed countries and its prevalence increases of at least 10% in older adults [1]. One of the most common causes to heart failure is myocardial infarction (MI), which induces pathologic cardiac remodeling [2].

This syndrome does not affect only the heart, it also broadly affects other organs, such as lungs and skeletal muscle [3]. The hypoperfusion, which is sustained with a ventricular dysfunction in a vicious cycle, induces oxidative stress in the majority of tissues [4]. It has been proposed elsewhere that oxidative stress biomarkers, such as concentration of malondyaldehyde and uric acid, could enlighten the extent of oxidative damage and guide the treatment in patients with CHF [5, 6].

Since the reactive oxygen species (ROS) can damage different biomolecules, such as lipids, proteins and DNA, the damage in the nucleic acids has not been consistently investigated in CHF. One of the biomarkers that has been already target of investigation is the concentration of 8-hydroxy-2'-deoxyguanosine (8-OHdG) [7]. However, its measurement mirrors the oxidative damage in one type of DNA lesion, which does not reflect the total genotoxic damage in the DNA helix [8]. For that, toxicological assays, such as the single cell gel electrophoresis (SCGE), or comet assay, has never been tested in CHF, aiming to assess the global DNA damage in different tissues. This technique is broadly used in environmental toxicology studies and is considered to be consistent, sensitive and highly reproductive in *in vitro* and *in vivo* studies [9-11].

The comet assay directly measures the extent of DNA damage, which is constituted by single strand and double strand breaks of DNA [12]. This method is possible to measure in blood and all tissues of interest, expanding the analysis of local damage and to correlate with physiological and functional parameters [13].

So, the objective of this study was to evaluate the DNA damage in different tissues, such as the left ventricle, lungs, diaphragm and skeletal muscle (gastrocnemius and soleus) in rats with CHF.

Methods

Animals

It was selected 12 male Wistar rats (from 300 g to 330 g) from Animal Breeding Unit of the Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA, Brazil). The animals were housed in groups of three/animals per cage, which received food and water *ad libitum* in an specific room maintained at 22^{o}C under 12:12 hours light-dark cycle.

The handling of the animals obeyed Law nº 11,794 of 10/08/ 2008, Law nº 6,899 of 07/15/2009, and Resolution nº 879 of 02/15/2008 (CFMV), as well as other provisions applicable to the use of animals for teaching and research, in particular the resolutions of the National Council on Animal Experimentation. This study was approved by CEUA/UFCSPA, under the protocol number 114/13.

Induction of Myocardial Infarction (MI)

The animals were anesthetized with xylazine (12 mg/kg ip) and ketamine (90 mg/kg ip), intubated and artificially ventilated. It was performed the ligation of the left coronary artery. Sham operations were performed according to Pfeffer et al (1979).

After the surgeries, the animals received one injection of cetoprophane (5.4 mg/kg ip) at each 6 hours completing 48 hours and penicillin (70,000 units/ml ip). The surgeries were performed by one surgeon. The mortality rate post-surgery of the animals was of 15%. After the induction of MI, it was designated 6 weeks of recovery, which was necessary to the animals develop chronic heart failure.

Hemodynamic Evaluation

After the sixth week, the animals were anesthetized with xylazine (12 mg/kg i.p.) and ketamine (90 mg/kg i.p.). A polyethylene catheter (PE-50) was placed into the right carotid artery. The arterial pressure was recorded and the catheter was positioned into the left ventricle to perform the ventricular pressure recording. The data was registered by a pressure transducer (strain-gauge, Narco Biosystem Miniature Pulse Transducer RP-155, Houston, Texas, USA), which was coupled to a pressure amplifier (Stoelting, wood dated, Illinois, USA). Pressure analogical signals were digitalised by a data-acquisiton system (CODAS-Data Acquisition System, Akron, Ohio, USA) with a sampling rate of 2,000 Hz. These data were used to determine diastolic blood pressure (DBP), systolic blood pressure (SBP), mean blood pressure (MBP), heart rate (HR), left ventricular systolic pressure (LVSP), left ventricular end diastolic pressure (LVEDP) and left ventricular maximum positive and negative dP/dt ($+dP/dt_{max}$, $-dP/dt_{max}$), as previously described [15].

Tissue Collection

The animals were euthanized through an intravenous infusion of an overdose of the anesthetic pentobarbital (80 mg/kg i.p.) [16]. After that, the lungs, diaphragm, the right gastrocnemius, the right soleus and the heart were removed. The left ventricle was

separated from the right ventricle for the comet assay. All samples were stored at -80°C for posterior analysis.

Determination of Infarct Size, Cardiac Hypertrophy and Pulmonary and Hepatic Congestion

The hearts were removed and weighted, without blood within the chamber and without atria. The size of the infarct area was determined by planimetry [17]. To evaluate cardiac hypertrophy, the organ mass were expressed as a proportion of body mass (tissue mass/body mass - mg/g) [18]. To determine pulmonary and hepatic congestion, the lungs and liver of each animal were removed, weighted and dehydrated (80°C) for 48 hours, and then weighted again to evaluate the water percentage.

Single Cell Gel Eletrophoresis (SCGE)

The SCGE was performed in alkaline conditions (pH > 13.0), according to Singh and colleagues (1988). All the procedures were performed avoiding any direct incidence of light. For the assay, it was first made a cell suspension of the tissue (left ventricle, lungs, diaphragm, right gastrocnemius and right soleus) in PBS buffer (pH = 7.40) with standard and gentle manual homogenization. For this step it was necessary to observe the density of cells that would be used in each slide. It was used Neubauer's chamber to count, approximately 7.3×10^5 cells/slide.

The suspension of cells (40 µl) was added to agarose of low melting point (90 µl). After gently mixed, this material was carefully superimposed over a slide previously covered with a thin agarose gel layer with a coverslip, and kept in a humid chamber at 4°C for 10 minutes, in order to further secure the suspension of tissue cells

in the gel. Then, the coverslip was carefully removed and the slide, conditioned in a vertical cuvette containing lysis solution for at least 1 hour at 4°C.

The following step consisted in the unfolding of the cells, for 30 minutes in an alkaline buffer (pH > 10.0). Thereafter, was followed by the process of electrophoresis, where the lysed cells contained in the agarose gel were subjected to a voltage of 25 mV and 300 mA for 15 minutes in alkaline buffer solution (pH > 10.0). Then the plate was neutralized, stained with silver nitrate, rinsed and kept at room temperature to dry for later analysis. The slides of each animal were made in duplicate and a positive control of DNA damage with hydrogen peroxide (30 µl/slide). The analysis was conducted under an optical microscope with a 20x increase by quantifying the size of the comet's tail in 50 to 100 cells, according to the lengths, diameters , radii and dimensions of individual comets. To quantify the damage it was used as parameters obtained percentage of tail DNA, tail moment and Olive tail moment.

Quantification of DNA Damage

All the parameters presented in the results session regarding the SCGE were calculated by the software CASP (CASP Labs®, Poland) [20]. The percentage of DNA in the tail, tail moment and Olive tail moment formulas are available for consult in the supplementary data. The tail moment is characterized as the product of tail length and the percentage of DNA in the tail. The Olive tail moment, which is another parameter of representing DNA damage, comprises as the product of the distance (relative to the x-axis) between the center of gravity of the head with the center of gravity of the tail of the comet and the percentage of tail DNA.

Sample Size and Statistical Analysis

For a minimum difference of 23 arbitrary units of tail moment of ± 4 of standard deviation, it was possible to determine a minimum statistical difference in two groups with three animals each [21]. In our investigation, we decided to use six animals in each group. The data are presented in mean ± SD. For comparisons between groups it was performed t test and two-way analysis of variance among different tissues. For associations between hemodynamic variables and pulmonary congestion, it was performed Pearson's correlation test. It was considered significance of 5%. For statistical analysis it was used SigmaPlot version 12.0 for Windows and for creating the graphics it was used GraphPad Prism version 5.0 for Windows.

Results

Morphological Parameters

The animals showed no difference regarding neither initial body mass, nor the final body mass (P >0.05). The animals submitted to MI showed mean of infarction area of 36%. It was observed higher ratio of myocardial mass, right ventricle and left ventricle-to-body mass compared to sham group (P<0.05), indicating cardiac remodeling in both ventricles. Regarding the congestion in lungs and in liver, it was only observed higher congestion in lungs in the CHF group (P<0.05) (Table 1).

Hemodynamic Parameters

When compared to sham group, it was observed lower mean blood pressure in CHF group (P<0.05). Systolic and diastolic blood pressure, as well as heart rate showed no difference between the control group (Table 2). Regarding the ventricular pressure variables, it was observed lower left ventricle systolic pressure (P<0.05) and higher left

ventricle end diastolic pressure in CHF group (P<0.05), when compared to sham group (Table 2).

The maximal positive derivative of ventricular pressure (+dP/dt_{max}) showed alterations in CHF group, presenting lower values (P<0.05), as well as the maximal negative derivative of ventricular pressure (-dP/dt_{max}), which showed lower values, compared to the control group (P<0.05) (Table 2).

DNA Damage Parameters

It was observed higher values of DNA damage in all variables (% tail DNA, tail moment and Olive tail moment) in CHF group, in all analyzed tissues (P<0.05) (Table 3). The DNA damage can be observed in the formation and frequency of comets in the left ventricle, pulmonary, diaphragmatic, gastrocnemius and soleus cells (Figure 1).

Despite the genotoxic damage was remarkably higher in CHF rats in all tissues, when compared to other tissues in the same pathologic condition, it was observed higher damage in soleus compared to gastrocnemius and left ventricle in CHF group (P<0.05). The difference of DNA damage among tissues in sham-operated animals and in CHF animals can be observed in Figure 6. Also, the presence of pulmonary congestion in CHF group showed positive association with DNA damage in lung cells (Figure 3A). It was found significant correlation between DNA damage in the different tissues, with LVEDP (Figures 3B to 3F).

Discussion

To the best of our knowledge, this is the first study to report the total extent of DNA damage in different tissues in a CHF rat model. The major finding of this investigation is the reproductive and applicability of SCGE in experimental model of

MI. We showed that the animals with CHF demonstrated higher extent of DNA damage than the control group in heart, lungs, diaphragm and skeletal muscle. This finding supports the main hypothesis that the CHF affects the stability of DNA not locally, but systemically. We also demonstrated that the DNA damage was positive correlated with pulmonary congestion in lung cells and to the diastolic dysfunction.

Since the CHF is a complex syndrome, it is essential to investigate the extent of damage that the hypoperfusion may promote. We showed an *in vivo* model of CHF that the damage was ranging from two-fold to six-fold higher than in the absence of heart failure. The animals of this study demonstrated traditional alterations observable in the ligation of the left coronary artery model of heart failure in rats [22-24]. It was observed a mean LVEDP above 30 mmHg, which characterizes a ventricular dysfunction [25, 26]. It was also observed traditional hemodynamic alterations in animals with CHF, such as lower LVSP, maximum positive and negative derivatives of ventricular pressure. The morphological parameters also showed noteworthy alterations in left and right ventricle hypertrophy. All these parameters (hemodynamic and morphological) characterize the presence of CHF.

The method of SCGE performed in alkaline conditions allows the evaluation of global genotoxic damage. The damage observed in the comets is formed by single and double strand breaks that are unattached of the cromatin, in DNA fragments [13]. Recently, it has been developed fluorescent probes to detect different types of DNA damage in *in situ* hybridization [27]. However, this method has been used almost entirely in *in vitro* studies.

Recently has been proposed the evaluation of 8-OHdG in patients with CHF. The 8-OHdG is an oxidized purinic base, one of the most frequent oxidative products of DNA [28]. Most of the lesions in DNA may be manifested in single and double strand

breaks, not only in oxidative by-products. Reactive oxygen species may damage DNA and form oxidative bases, such as 8-OHdG, 5-hydroxyuracil, 2-hydroxyadenine and 4,6-diamino-5-formamidopyridine. However, the quantification of 8-OHdG mirrors the oxidative DNA damage, not the global DNA damage [29, 30].

Kono and colleagues (2006) first demonstrated that patients with CHF showed remarkably higher concentration of 8-OHdG in serum. Also, our findings corroborates with the results of higher 8-OHdG concentrations in the left ventricle [31]. Since this initial investigation, other clinical trials aimed to reproduce this finding. Kobayashi and colleagues (2011) sought to evaluate the clinical usefulness of quantification of 8-OHdG as a biomarker in patients with CHF. In this investigation, it was found that the 8-OHdG was higher in CHF patients, when compared to the control group, but also became higher as the New York Heart Association class increased [7]. Also, the authors found negative correlation between 8-OHdG concentration with the left ventricle ejection fraction (r = -0.27). Although in our study we used a different measurement of ventricular dysfunction, LVEDP, we found a significant positive correlation between the total DNA damage in left ventricle and LVEDP (r = 0.85). Our findings supports even more the results of oxidative DNA damage, indicating that other factors could be influencing a wider scenario of DNA damage in CHF.

In a prospective study of Susa and colleagues (2012) with approximately 650 days of follow-up duration, demonstrated that urinary concentration of 8-OHdG patients that had fatal event had higher levels of 8-OHdG than in CHF patients without cardiac events.

In our study, we demonstrated that the left ventricle diastolic dysfunction is positively correlated with the total DNA strand breaks in all tissues (left ventricle, lungs, diaphragm, gastrocenemius and soleus). These findings supports previous results

from Suzuki and colleagues (2011), which firstly demonstrated that the elevation of only one oxidative DNA lesion in serum, 8-OHdG, was an important prognostic information for stratifying risk in patients with heart failure. In addition, it was showed significant changes in left ventricle end-diastolic diameter, creatinine concentration and the cumulative event-free survival in patients with CHF with higher concentrations of 8-OHdG ($\geq$ 40 ng/mL).

In a recent meta-analysis, it was demonstrated that eight studies evaluated the oxidative DNA damage to the specific DNA lesion of 8-OHdG. All of the investigations demonstrated higher concentrations of 8-OHdG in CHF patients [34]. The rationale for higher concentrations of DNA oxidative products indicates that the higher extent of genotoxic damage is highly contributed to the oxidation of mitochondrial DNA [35]. Cardiac myocytes present the highest content of mitochondria, which could indicate higher formation of ROS and contribute significantly to mitochondrial dysfunction. To the best of our knowledge, our study is the first to quantificate the total extent of nuclear DNA damage in CHF.

One interesting finding of this study was the higher damage of DNA in soleus cells, than in left ventricle cells. This results supports the fact that after the MI the ventricle functionally and morphologically adapts and the peripheral muscle suffers histological and biochemical alterations [36-38]. The acute phase of MI is characterized by the necrosis of cardiac myocytes, which expands the area of necrosis of the left ventricle in the following hours, affecting adjacent structures [39]. In this phase of MI, the extent of DNA damage probably is higher than in any other tissue, as can be observed in pro-inflammatory citokines and autophagic mediators [40, 41].

Days after the MI, the left ventricle adapts, showing a different scenario, mainly in developing a scar area in the area affect by the ischemia and thus, modifying its

geometry to a globoid format [42]. In this chronic phase after MI, the left ventricle shows lower apoptotic and necrotic rate, when compared next to the MI [43]. According to the investigation of Yndestad and colleagues (2009), the border of the infarction area of the left ventricle showed higher capacity to repair major oxidative damage, such as formamidopyridine and 5-hydroxycytosine, than the non-infarcted area. Also, in the same study, no difference was observed of the accumulation of 8-OHdG in the border zone of the infarcted area and the non-infarcted area. This finding suggests that the adjacent area that was affect by the myocardial infarction, shows higher adaptability to repair this type of oxidative damage, which contributes to the cardiac remodeling. Our results corroborates with this fact, once the soleus muscle showed higher damage in DNA, compared to the left ventricle.

Since the cardiomyocytes have a renewal rate of approximately of 1% in young people, and about 0.45% in elderly [45], this fact reinforce our findings regarding the difference of DNA damage among the tissues of CHF rats. The left ventricle shows high adaptability to modify its geometry, ability to repair major oxidative products of DNA. It has been demonstrated that the main problem of CHF is not the central alterations in the heart, but it also affects, indirectly, all other organs [46]. The hypoperfusion leads to formation of free radicals of different ways. For instance, several sources of ROS are increased in the failing heart, such as the xantine oxidase pathway, NAD(P)H oxidase, the uncoupling of nitric oxide synthase in cardiomyocyte and the leakage of superoxide of mitochondria [47, 48].

The skeletal muscle in CHF is highly affected by the hypoperfusion which augments the oxidative damage within. Since the oxidative skeletal muscle depends more of the oxidative metabolism, it is expected to observe higher damage in our findings. The animals in our study were sedentary and by that, the antioxidant defense

system in soleus muscle might be constantly decreased by the CHF [49]. Compared to the left ventricle, the soleus muscle does not have the same ability for adaptation, which may explain why the DNA damage was higher.

Limitations

This work shows few limitations, such as the absence of evaluating the DNA damage in other tissues (liver, encephalic structures and other skeletal muscles). Our experimental design to perform the hemodynamic evaluation via carotid artery, does not permit to securely measure DNA damage of encephalic structures, once the procedure showed to induce ischemia in central nervous system. Other limitation that may enrich our findings is the measurement of mutagenesis. Evaluating the mutagenesis of the CHF, along with the SCGE, might lead to a more robust scenario of DNA damage and its lack of repair of DNA lesions. Our design aims to evaluate the longitudinal damage that experimental model of CHF might lead and its differences among tissues, for that, the ability of the DNA to repair its lesions could not be performed.

Conclusion

Our results shows DNA damage using SCGE in CHF experimental model by MI. The left ventricle dysfunction clearly affects the cardiac tissue, lungs, diaphragm, gastrocenemius and soleus and showed to be associated with the extent of DNA damage, being the more affected the soleus muscle than left ventricle and gastrocnemius. The presence of pulmonary congestions showed to be associated with DNA damage in lung cells. We demonstrated that the comet assay can be a reliable tool for quantifying genotoxic damage in different tissues of animals with CHF and that the

soleus muscle is more affected by the heart failure than the left ventricle and gastrocnemius.

Authors Contribution

SGP, NRB, RDD, HVS, DMD, LPD, RCR conception and design of research; SGP, NRB, RDD, HVS, DMD performed experiments; SGP, NRB, RDD, HVS, DMD, LPD, RCR analyzed data; SGP, NRB, RDD, HVS, DMD, LPD, RCR interpreted results of experiments; SGP, NRB, RDD, HVS, DMD, RCR prepared figures; SGP, NRB, RDD, HVS, DMD, LPD, RCR drafted manuscript; SGP, NRB, RDD, HVS, DMD, LPD, RCR edited and revised manuscript; SGP, NRB, RDD, HVS, DMD, LPD, RCR approved final version of manuscript. All authors read and approved the final manuscript.

Conflict of Interest

The authors declare that they have no competing interests.

Acknowledgements

This work was funded by CAPES and CNPq, Brasília, Brazil and by the Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil.

References

[1] McMurray JJ, Adamopoulos S, Anker SD, Auricchio A, Bohm M, Dickstein K, et al. ESC Guidelines for the diagnosis and treatment of acute and chronic heart failure 2012: The Task Force for the Diagnosis and Treatment of Acute and Chronic Heart Failure 2012 of the European Society of Cardiology. Developed in collaboration with

the Heart Failure Association (HFA) of the ESC. European heart journal. 2012;33:1787-847.

[2] Yamaguchi T, Izumi Y, Nakamura Y, Yamazaki T, Shiota M, Sano S, et al. Repeated remote ischemic conditioning attenuates left ventricular remodeling via exosome-mediated intercellular communication on chronic heart failure after myocardial infarction. International journal of cardiology. 2015;178:239-46.

[3] Zizola C, Schulze PC. Metabolic and structural impairment of skeletal muscle in heart failure. Heart failure reviews. 2013;18:623-30.

[4] Tsutsui H, Kinugawa S, Matsushima S. Oxidative stress and heart failure. American journal of physiology Heart and circulatory physiology. 2011;301:H2181-90.

[5] Braunwald E. Biomarkers in heart failure. The New England journal of medicine. 2008;358:2148-59.

[6] Kobulnik J, Delgado D. Experimental biomarkers in heart failure: an update. Expert review of cardiovascular therapy. 2012;10:1119-32.

[7] Kobayashi S, Susa T, Tanaka T, Wada Y, Okuda S, Doi M, et al. Urinary 8-hydroxy-2'-deoxyguanosine reflects symptomatic status and severity of systolic dysfunction in patients with chronic heart failure. European journal of heart failure. 2011;13:29-36.

[8] Evans MD, Dizdaroglu M, Cooke MS. Oxidative DNA damage and disease: induction, repair and significance. Mutation research. 2004;567:1-61.

[9] Azqueta A, Shaposhnikov S, Collins AR. DNA oxidation: investigating its key role in environmental mutagenesis with the comet assay. Mutation research. 2009;674:101-8.

[10] Collins AR. The comet assay: a heavenly method! Mutagenesis. 2015;30:1-4.

[11] Valverde M, Rojas E. Environmental and occupational biomonitoring using the Comet assay. Mutation research. 2009;681:93-109.

[12] Olive PL, Banath JP. The comet assay: a method to measure DNA damage in individual cells. Nature protocols. 2006;1:23-9.

[13] Collins AR. Measuring oxidative damage to DNA and its repair with the comet assay. Biochimica et biophysica acta. 2014;1840:794-800.

[14] Pfeffer MA, Pfeffer JM, Fishbein MC, Fletcher PJ, Spadaro J, Kloner RA, et al. Myocardial infarct size and ventricular function in rats. Circulation research. 1979;44:503-12.

[15] Nunes RB, Tonetto M, Machado N, Chazan M, Heck TG, Veiga AB, et al. Physical exercise improves plasmatic levels of IL-10, left ventricular end-diastolic pressure, and muscle lipid peroxidation in chronic heart failure rats. Journal of applied physiology. 2008;104:1641-7.

[16] Jaenisch RB, Hentschke VS, Quagliotto E, Cavinato PR, Schmeing LA, Xavier LL, et al. Respiratory muscle training improves hemodynamics, autonomic function, baroreceptor sensitivity, and respiratory mechanics in rats with heart failure. Journal of applied physiology. 2011;111:1664-70.

[17] Lindpaintner K, Lu W, Neidermajer N, Schieffer B, Just H, Ganten D, et al. Selective activation of cardiac angiotensinogen gene expression in post-infarction ventricular remodeling in the rat. Journal of molecular and cellular cardiology. 1993;25:133-43.

[18] Soci UP, Fernandes T, Hashimoto NY, Mota GF, Amadeu MA, Rosa KT, et al. MicroRNAs 29 are involved in the improvement of ventricular compliance promoted by aerobic exercise training in rats. Physiological genomics. 2011;43:665-73.

[19] Singh NP, McCoy MT, Tice RR, Schneider EL. A simple technique for quantitation of low levels of DNA damage in individual cells. Experimental cell research. 1988;175:184-91.

[20] Konca K, Lankoff A, Banasik A, Lisowska H, Kuszewski T, Gozdz S, et al. A cross-platform public domain PC image-analysis program for the comet assay. Mutation research. 2003;534:15-20.

[21] Ahmed MA, El Morsy EM, Ahmed AA. Pomegranate extract protects against cerebral ischemia/reperfusion injury and preserves brain DNA integrity in rats. Life sciences. 2014;110:61-9.

[22] Alves JP, Nunes RB, Stefani GP, Dal Lago P. Resistance training improves hemodynamic function, collagen deposition and inflammatory profiles: experimental model of heart failure. PloS one. 2014;9:e110317.

[23] Hentschke VS, Jaenisch RB, Schmeing LA, Cavinato PR, Xavier LL, Dal Lago P. Low-level laser therapy improves the inflammatory profile of rats with heart failure. Lasers in medical science. 2013;28:1007-16.

[24] Rossato DD, Lago PD, Hentschke VS, Rucatti AL, Signori LU, Silveira MN, et al. Ultrasound Modulates Skeletal Muscle Cytokine Levels in Rats with Heart Failure. Ultrasound in medicine & biology. 2015.

[25] Martinez PF, Okoshi K, Zornoff LA, Oliveira SA, Jr., Campos DH, Lima AR, et al. Echocardiographic detection of congestive heart failure in postinfarction rats. Journal of applied physiology. 2011;111:543-51.

[26] Sjaastad I, Sejersted OM, Ilebekk A, Bjornerheim R. Echocardiographic criteria for detection of postinfarction congestive heart failure in rats. Journal of applied physiology. 2000;89:1445-54.

[27] Guo J, Hanawalt PC, Spivak G. Comet-FISH with strand-specific probes reveals transcription-coupled repair of 8-oxoGuanine in human cells. Nucleic acids research. 2013;41:7700-12.

[28] Wu LL, Chiou CC, Chang PY, Wu JT. Urinary 8-OHdG: a marker of oxidative stress to DNA and a risk factor for cancer, atherosclerosis and diabetics. Clinica chimica acta; international journal of clinical chemistry. 2004;339:1-9.

[29] Cooke MS, Evans MD, Dizdaroglu M, Lunec J. Oxidative DNA damage: mechanisms, mutation, and disease. FASEB journal : official publication of the Federation of American Societies for Experimental Biology. 2003;17:1195-214.

[30] Kryston TB, Georgiev AB, Pissis P, Georgakilas AG. Role of oxidative stress and DNA damage in human carcinogenesis. Mutation research. 2011;711:193-201.

[31] Kono Y, Nakamura K, Kimura H, Nishii N, Watanabe A, Banba K, et al. Elevated levels of oxidative DNA damage in serum and myocardium of patients with heart failure. Circulation journal : official journal of the Japanese Circulation Society. 2006;70:1001-5.

[32] Susa T, Kobayashi S, Tanaka T, Murakami W, Akashi S, Kunitsugu I, et al. Urinary 8-hydroxy-2'-deoxyguanosine as a novel biomarker for predicting cardiac events and evaluating the effectiveness of carvedilol treatment in patients with chronic systolic heart failure. Circulation journal : official journal of the Japanese Circulation Society. 2012;76:117-26.

[33] Suzuki S, Shishido T, Ishino M, Katoh S, Sasaki T, Nishiyama S, et al. 8-Hydroxy-2'-deoxyguanosine is a prognostic mediator for cardiac event. European journal of clinical investigation. 2011;41:759-66.

[34] Kroese LJ, Scheffer PG. 8-hydroxy-2'-deoxyguanosine and cardiovascular disease: a systematic review. Current atherosclerosis reports. 2014;16:452.

[35] Tsutsui H, Ide T, Kinugawa S. Mitochondrial oxidative stress, DNA damage, and heart failure. Antioxidants & redox signaling. 2006;8:1737-44.

[36] Drexler H, Riede U, Munzel T, Konig H, Funke E, Just H. Alterations of skeletal muscle in chronic heart failure. Circulation. 1992;85:1751-9.

[37] Sullivan MJ, Green HJ, Cobb FR. Skeletal muscle biochemistry and histology in ambulatory patients with long-term heart failure. Circulation. 1990;81:518-27.

[38] Ventura-Clapier R, De Sousa E, Veksler V. Metabolic myopathy in heart failure. News in physiological sciences : an international journal of physiology produced jointly by the International Union of Physiological Sciences and the American Physiological Society. 2002;17:191-6.

[39] Jessup M, Brozena S. Heart failure. The New England journal of medicine. 2003;348:2007-18.

[40] Chiong M, Wang ZV, Pedrozo Z, Cao DJ, Troncoso R, Ibacache M, et al. Cardiomyocyte death: mechanisms and translational implications. Cell death & disease. 2011;2:e244.

[41] Whelan RS, Kaplinskiy V, Kitsis RN. Cell death in the pathogenesis of heart disease: mechanisms and significance. Annual review of physiology. 2010;72:19-44.

[42] Gajarsa JJ, Kloner RA. Left ventricular remodeling in the post-infarction heart: a review of cellular, molecular mechanisms, and therapeutic modalities. Heart failure reviews. 2011;16:13-21.

[43] Konstantinidis K, Whelan RS, Kitsis RN. Mechanisms of cell death in heart disease. Arteriosclerosis, thrombosis, and vascular biology. 2012;32:1552-62.

[44] Yndestad A, Neurauter CG, Oie E, Forstrom RJ, Vinge LE, Eide L, et al. Up-regulation of myocardial DNA base excision repair activities in experimental heart failure. Mutation research. 2009;666:32-8.

[45] Bergmann O, Bhardwaj RD, Bernard S, Zdunek S, Barnabe-Heider F, Walsh S, et al. Evidence for cardiomyocyte renewal in humans. Science (New York, NY). 2009;324:98-102.

[46] Callahan DM, Toth MJ. Skeletal muscle protein metabolism in human heart failure. Current opinion in clinical nutrition and metabolic care. 2013;16:66-71.

[47] Bechara LR, Moreira JB, Jannig PR, Voltarelli VA, Dourado PM, Vasconcelos AR, et al. NADPH oxidase hyperactivity induces plantaris atrophy in heart failure rats. International journal of cardiology. 2014;175:499-507.

[48] Nickel A, Loffler J, Maack C. Myocardial energetics in heart failure. Basic research in cardiology. 2013;108:358.

[49] Rosca MG, Hoppel CL. Mitochondrial dysfunction in heart failure. Heart failure reviews. 2013;18:607-22.

Tables

Table 1: Body Mass, morphometric cardiac characteristics, infarct area and pulmonary and hepatic congestion of sham-operated rats and rats with left ventricular dysfunction.

Variables	Sham	CHF
Initial Body Mass (g)	330.25 ± 17.24	328.29 ± 18.12
Final Body Mass (g)	400.50 ± 29.61	356.38 ± 32.23
Infarcted Area (%)	---	36.39 ± 8.11
MM/BM (mg/g)	2.56 ± 0.08	3.29 ± 0.46*
LV/BM (mg/g)	1.88 ± 0.21	2.36 ± 0.47*
RV/BM (mg/g)	0.58 ± 0.12	1.40 ± 1.01*
Pulmonary Congestion (%)	65.67 ± 9.34	87.31 ± 3.36*
Hepatic Congestion (%)	70.46 ± 1.05	71.43 ± 1.07

Values are presented in mean ± SD; n=6 for all groups. Sham, sham-operated rats; CHF, chronic heart failure rats. Myocardial mass-to-body mass ratio (MM/BM), left ventricle mass-to-body mass ratio (LV/BM), right ventricle mass-to-body mass ratio (RV/BM). * $P < 0.05$ compared to Sham group.

Table 2: Mean, diastolic and systolic blood pressure, left ventricle end diastolic pressure, left ventricle systolic pressure and left ventricular maximum/minimum change over time of sham-operated rats and rats with left ventricular dysfunction.

Variables	Sham	CHF
MBP (mmHg)	93.01 ± 14.70	76.78 ± 5.83*
DBP (mmHg)	73.54 ± 16.28	67.54 ± 7.15
SBP (mmHg)	99.75 ± 20.91	85.93 ± 5.51
Heart Rate (bpm)	253.56 ± 70.84	245.19 ± 57.69
LVEDP (mmHg)	5.40 ± 2.26	32.55 ± 5.32*
LVSP (mmHg)	104.24 ± 6.03	89.15 ± 3.15*
+ dP/dt_{max} (mmHg/s)	6264.33 ± 1566.47	4281.63 ± 708.75*
- dP/dt_{max} (mmHg/s)	5209.63 ± 1274.09	2823.80 ± 540.65*

Values are presented in mean ± SD; n=6 for all groups. Sham, sham-operated rats; CHF, chronic heart failure rats. Mean blood pressure (MBP), diastolic blood pressure (DBP), systolic blood pressure (SBP), left ventricular end-diastolic pressure (LVEDP), left ventricular systolic pressure (LVSP), maximal positive derivative of ventricular pressure ($+dP/dt_{max}$) and maximal negative derivative of ventricular pressure ($-dP/dt_{max}$). * $P < 0.05$ compared to Sham group.

Table 3: DNA quantification in different tissues of sham-operated animals and rats with chronic heart failure.

	Sham			CHF		
	% Tail DNA	Tail Moment	Olive Tail Moment	% Tail DNA	Tail Moment	Olive Tail Moment
Left Ventricle	7.65 ± 3.35	0.77 ± 0.44	1.37 ± 0.59	33.29 ± 7.70*	10.51 ± 3.31*	7.04 ± 1.71*
Lungs	17.86 ± 3.93	6.76 ± 2.59	7.31 ± 2.15	36.20 ± 5.17*	23.30 ± 7.25*	19.10 ± 4.65*
Diaphragm	6.86 ± 2.63	1.40 ± 0.93	1.82 ± 0.79	41.23 ± 13.86*	14.06 ± 6.51*	9.82 ± 3.03*
Gastrocnemius	7.63 ± 4.66	1.04 ± 0.88	1.43 ± 0.70	28.07 ± 15.53*	8.69 ± 5.14*	6.17 ± 3.53*
Soleus	11.54 ± 2.46	1.53 ± 0.96	1.84 ± 0.76	55.79 ± 11.53*	20.90 ± 5.32*	12.83 ± 3.68*

Values are presented in mean ± SD; n=6 for all groups. Sham, sham-operated rats; CHF, chronic heart failure rats.

* = P <0.01 versus Sham in relation to the variable and to its correspondent tissue.

Figure Captions

Figure 1 Image of cells submitted to SCGE (comet assay) of left ventricle, lungs, diaphragm, gastrocnemius and soleus of Sham-operated and rats with CHF.

Panel A: Isolated cells of the respective tissue of Sham-operated rat. Panel B: Isolated cells of the respective tissue of rat with CHF induced by MI. Slides stained with silver nitrate. The image shows no formation of comets in Panel A, but in Panel B the image shows the formation of comets with distinct tails. The length of the tail represents the single strand and double strand breaks of nuclear DNA (magnification of 20x, scale bar of 20 μm).

Figure 2 DNA damage in different tissues, according to % tail DNA, induced by CHF.

Quantification of DNA damage in isolated cells of left ventricle, lungs, diaphragm, gastrocnemius and soleus muscle in Sham-operated rats and rats with CHF. Sham (n=6), CHF (n=6). Quatification of DNA damage performed with CASP® (CASP Labs, Poland) using 50 to 100 cells per slide in duplicate. One-way ANOVA, with post-hoc test of Student-Newman-Keuls. * P <0.05 vs Soleus.

Figure 3 Correlation of DNA damage in different tissues with %H_2O in lungs and with LVEDP in Sham-operated and rats with CHF.

The graphics shows black circles (●) of Sham-operated animals and white circles (○) of animals with CHF. Correlation were performed using Pearson's correlation test. Panel A: The graphic shows positive correlation between lung cells DNA damage (% tail

DNA) with the %H_2O in lungs (r = 0.4815, P<0.05) . Panel B: positive correlation between DNA damage (% tail DNA) with left ventricle end-diastolic pressure (LVEDP) in left ventricle (r = 0.8527, P<0.0001). Panel C: positive correlation between DNA damage (% tail DNA) with LVEDP in lungs (r = 0.6863, P<0.001). Panel D: positive correlation between DNA damage (% tail DNA) with LVEDP in diaphragm (r = 0.7658, P<0.001). Panel E: positive correlation between DNA damage (% tail DNA) with LVEDP in gastrocnemius (r = 0.5586, P<0.01). Panel F: positive correlation between DNA damage (% tail DNA) with LVEDP in soleus (r = 0.9047, P<0.0001).

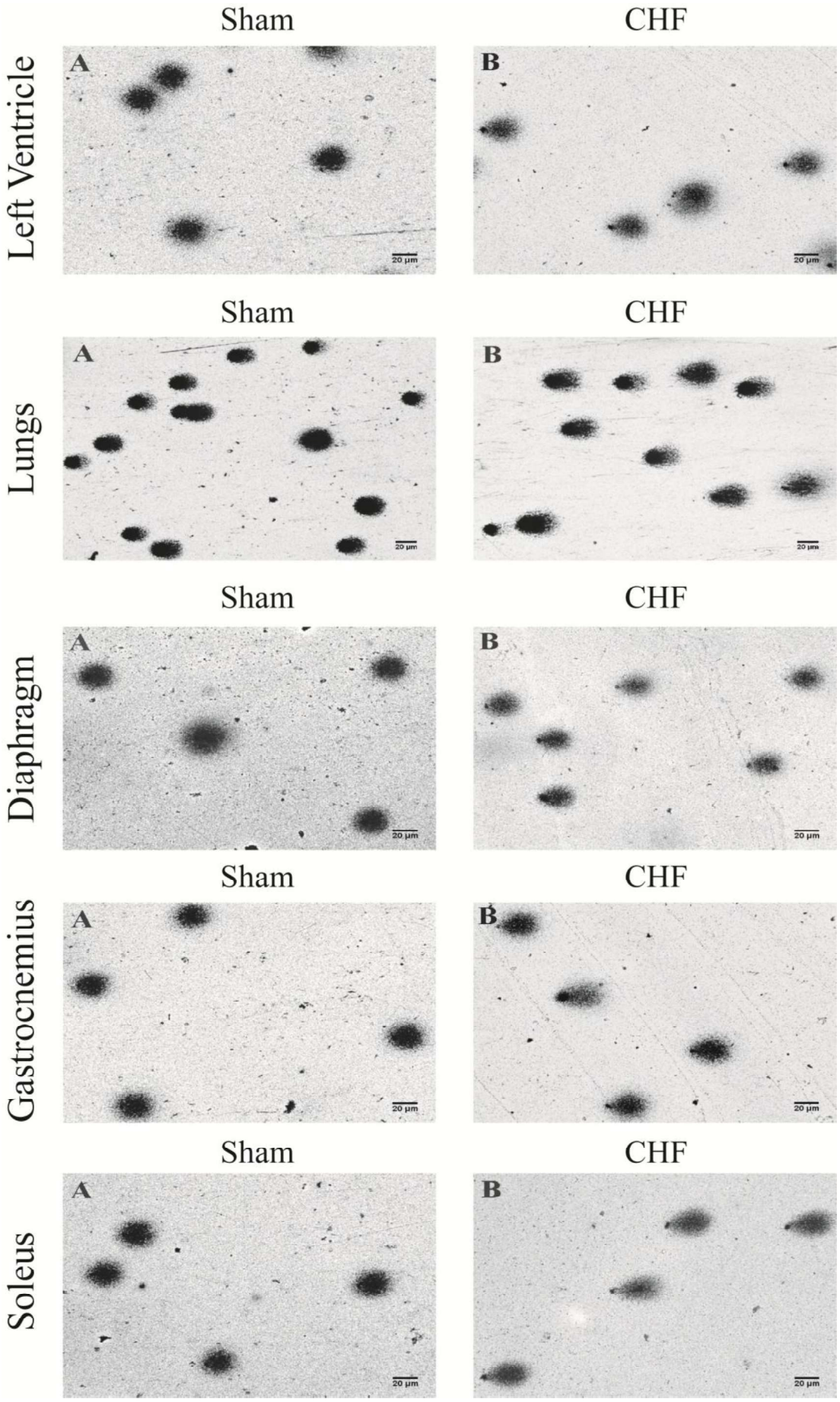

Sham
CHF
Left Ventricle
A
B
Sham
CHF
Lungs
A
B
Sham
CHF
Diaphragm
A
B
Sham
CHF
Gastrocnemius
A
B
Sham
CHF
Soleus
A
B

Fig. 1

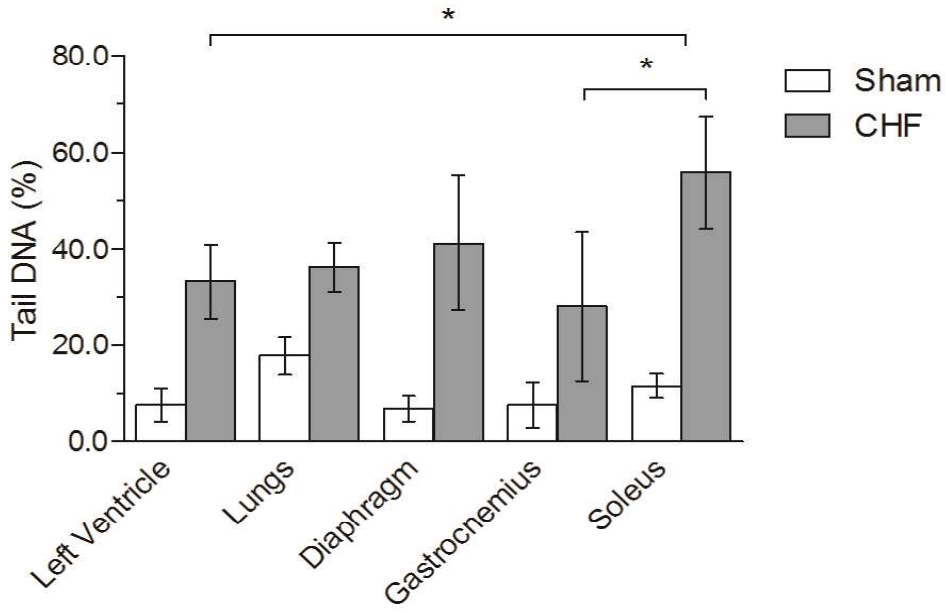

*
*
80.0
60.0
40.0
20.0
0.0
Tail DNA (%)
Sham
CHF
Left Ventricle
Lungs
Diaphragm
Gastrocnemius
Soleus

Fig. 2

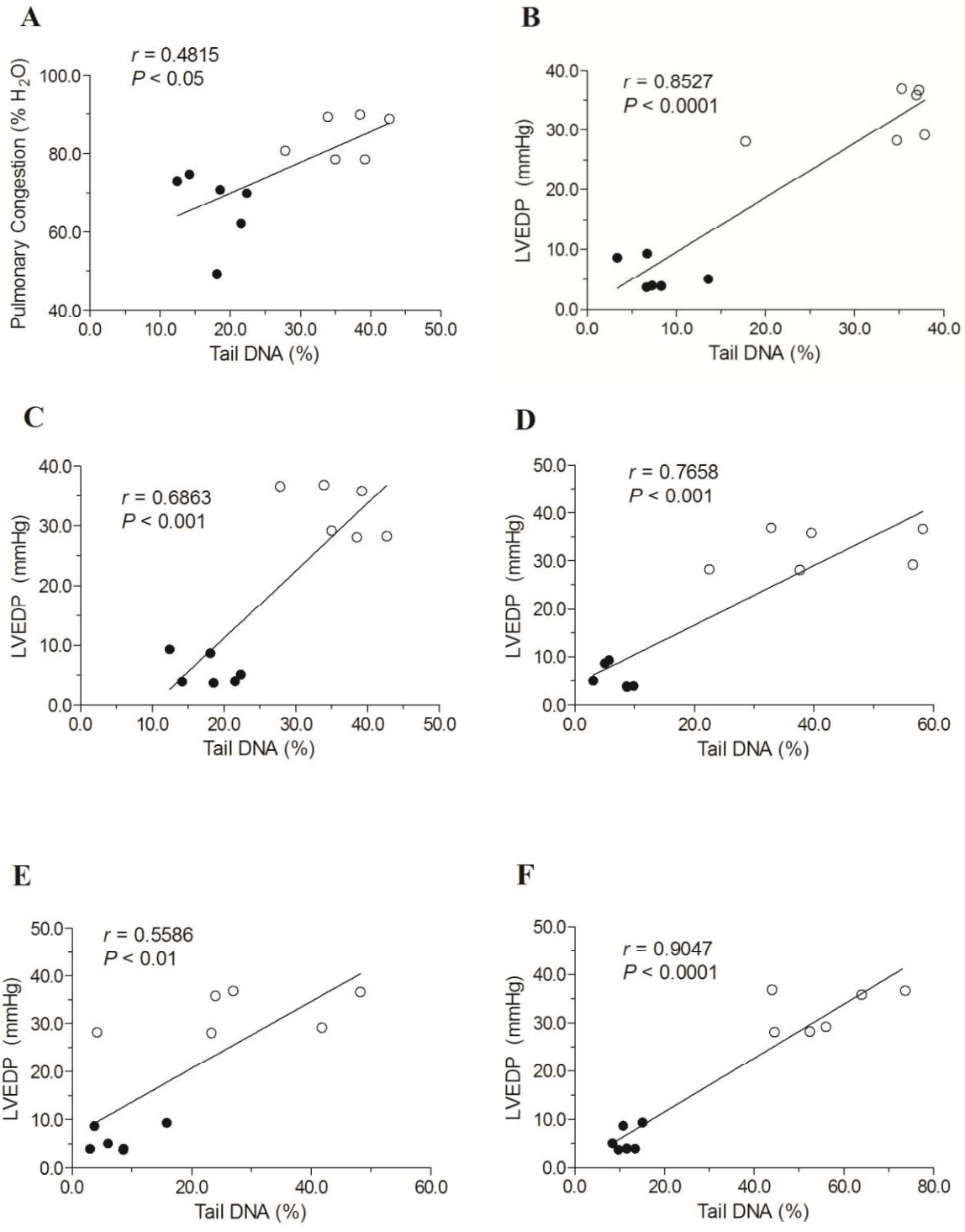
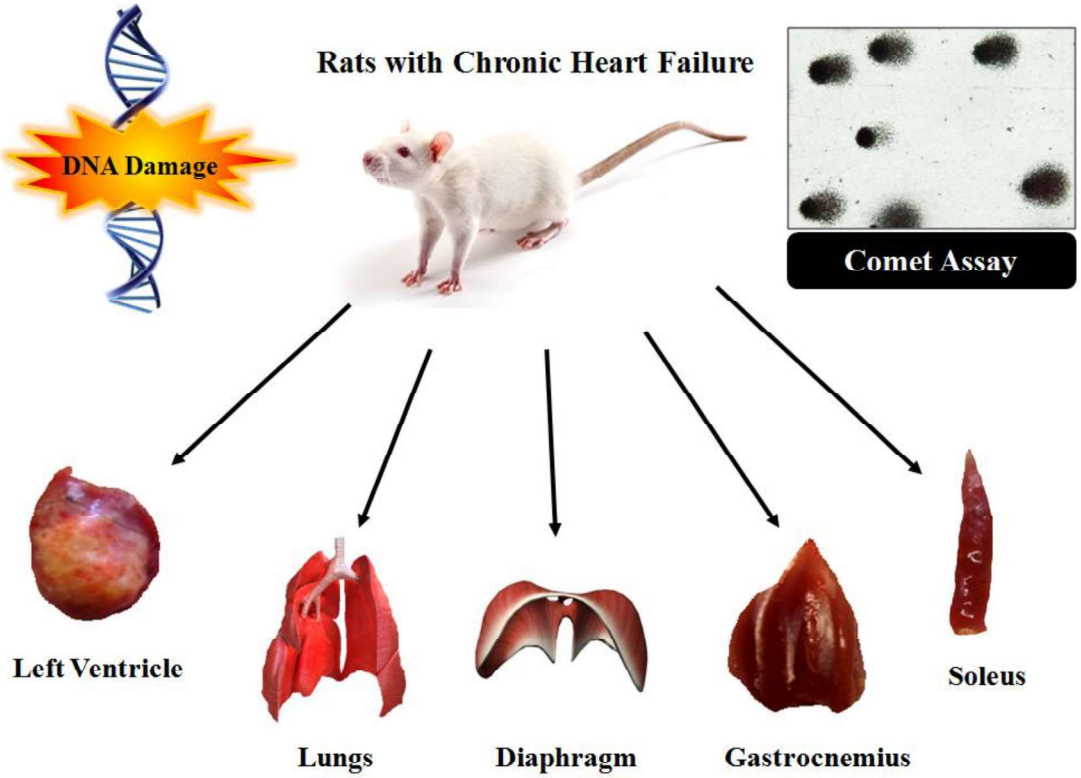

A
r = 0.4815
P < 0.05
Pulmonary Congestion (% H2O)
Tail DNA (%)
B
r = 0.8527
P < 0.0001
LVEDP (mmHg)
Tail DNA (%)
C
r = 0.6863
P < 0.001
LVEDP (mmHg)
Tail DNA (%)
D
r = 0.7658
P < 0.001
LVEDP (mmHg)
Tail DNA (%)
E
r = 0.5586
P < 0.01
LVEDP (mmHg)
Tail DNA (%)
F
r = 0.9047
P < 0.0001
LVEDP (mmHg)
Tail DNA (%)

Fig. 3

Graphical Abstract



CONCLUSÕES

O ensaio cometa tem sido aplicado em diferentes situações, como no monitoramento de dano genotóxico em doenças, por exemplo no câncer, bem como em situações agudas de exercício físico ou até mesmo em situações onde o desfecho principal observado é a proteção de dano.

O treinamento de força isolado e associado à suplementação de um aminoácido semi-essencial (L-arginina) demonstrou efeitos interessantes, ainda não descritos na literatura científica, como a modulação de contratilidade cardíaca e estabilidade genômica. A suplementação de L-arginina demonstrou não atuar sobre marcadores bioquímicos (hepáticos, perfil lipídico, entre outros), tanto quando administrada isoladamente, quanto associada ao treinamento de força.

Em função de ainda ser pouco utilizada em modelos animais, o ensaio cometa demonstrou ser uma ferramenta essencial para responder as hipóteses de efeitos protetores de intervenções crônicas, como o treinamento de força, a suplementação de L-arginina e a associação entre estas intervenções. No futuro, mais estudos devem se apropriar do uso do ensaio cometa em ensaios clínicos em humanos.

Quanto à abordagem transversal fisiopatológica, o ensaio cometa demonstrou ser um parâmetro altamente sensível à alterações observadas em animais com insuficiência cardíaca. Os seus parâmetros (% DNA da cauda, momento da cauda e momento da cauda de Olive) demonstraram índices de correlação positivos com parâmetros de disfunção ventricular esquerda, bem como com o grau de congestão pulmonar.

Portanto, através de desenhos experimentais apropriados é possível utilizar o ensaio cometa como uma ferramenta sensível e enriquecedora da investigação científica a fim de tornar o resultado observado mais robusto.

ANEXO I

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UFCSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS – UFCSPA

A Comissão de Ética no Uso de Animais, analisou o Projeto:

Projeto: 114/13

Pesquisadores:
Cláudia Rhoden
Guiseppe Stefani
Ramiro nunes
Jadson Alves
André Dornelles
Pedro Dal Lago

Título: EFEITOS DA SUPLEMENTAÇÃO DE I-ARGININA ASSOCIADA OU NÃO AO TREINAMENTO DE FORÇA SOBRE O GANHO DE FORÇA MÁXIMA, FUNÇÃO HEMODINÂMICA E ESTRESSE OXIDATIVO EM DIFERENTES TECIDOS EM RATOS COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA.

Este Projeto foi aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos. Todo e qualquer alteração do projeto, assim como eventos adversos graves, deverão ser comunicados a esta CEUA.

Porto Alegre, 12 de junho de 2013.

Katya V. Rigatto
Coordenadora do CEUA
UFCSPA

Rua Sarmento Leite, 245 • Porto Alegre, RS • CEP 90050-170 • Fone: 0 xx 51 3303 8000 • Fax: 0 xx 51 3303.8810 • www.ufcspa.edu.br

ANEXO II

Author Guidelines Journal of Nutritional Health and Food Engineering

(ISSN 2373-4310)

The MedCrave Open Access Journals welcomes authors from all over the world to share their innovative research and findings. The contents submitted to MedCrave enjoy more visibility and are peer reviewed too.

You can submit your works on any topic of your expertise. MedCrave only shares high quality content, so there is no room for copied or doubtful content here.

You can submit work on any topic relevant to science. The content should be unique, original and the presentation must be of potential interest to the readers.

You can submit your research articles too. These research papers must be original and must be in the major field of science. The research articles can include the findings and the methodology you used. You can also compile your evidences that lead to your conclusions.

MedCrave also invites authors to join the Editorial Board. If you are an expert in your field of study or your field of work, you can contribute by joining the MedCrave Open Access Journal.

The rules for content submission

When you submit content to MedCrave, you are implying that the manuscript submitted here is unique and original. Also, most of the Editorial Board members will ask for a cover letter from an author. The cover letter should include the names of the co authors of the content. It also must contain the sources of the citation if you have used any.

Manuscript Template for Short Communications

TITLE PAGE

Running Head

Characters: Up to 50

Font: Cambria (Headings)

Size: 12

Alignment: Left

Running head should be added in the Header along with the page numbers.

Type of Article

Research Article/ Case Report/ Review Article/ Opinion/ Short Communication/ Mini Review/ Letter to Editor

Title

Words: Up to 20

Font: Cambria (Headings)

Size: 15

Alignment: Center

Title should be in Bold and in Title Case.

Authors

List here all author names Authors[1], Author[2] and Author[3]

[1]Author department, University, Country

[2]Author department, University, Country

[3]Author department, University, Country

*Corresponding author

Author name, Affiliation, Address, City, State, Country, Tel: ; Fax: ; E-mail:

Manuscript Organization

Title

Words: Up to 20
Font: Cambria (Headings)
Size: 15
Alignment: Center
Title should be in Bold and in Title Case.

1. Abstract

Words: Up to 300
Font: Cambria
Size: 10
Abstract should include a brief content of the article.

2. Keywords

Words: Up to 10
Font: Cambria
Size: 10
The major keywords used in the article have to be mentioned.

3. Abbreviations

Font: Cambria
Size: 10
If there are any abbreviations in the article they have to be mentioned.

4. Introduction

Font: Cambria
Size: 10
Introduction should provide background, comprehensive insight on the purpose of the study and its significance.

5. Conclusion

Font: Cambria
Size: 10
Conclusion should elucidate how the results communicate to the theory presented as the basis of the study and provide a concise explanation of the allegation of the findings.

6. Acknowledgements

Font: Cambria
Size: 10
Provide list of individuals who contributed in the work and grant details.

7. Conflict of Interest

Font: Cambria
Size: 10
Declare if any financial interest or any conflict of interest exists.

Note* If there are any sub headings in the body text, sub-categorize them accordingly under the heading in which they fall.

For example: 1. Heading

1.1. Sub-heading

1.1.1. Sub-sub-heading

References

Font: Cambria
Size: 10
All references should be cited in the article in a consecutive order. List here all the references in numbered order of citation in the text. List all authors if less than six. If more than five authors, list the first five followed by "et.al."
Note* Provide the link for the listed references

General style of reference

1. **Journal References**

Author name/s (Year) Title of article. Journal short name Volume(Issue): Full inclusive page numbers.

2. **Book References**

Author name/s (Year) Title of the book. (Edition), Publisher name, place, city, country, pp. full inclusive page numbers.

Author name/s (Year) Chapter/ topic name. In: Author name/s (Editors.), Book name. (Edition), Publisher name, place, city, country, pp. full inclusive page numbers.

3. **Conferences**

Author name/s (Year) Conference topic. Name of the conference, Country.

Figures

Figures should be clear with high resolution.
Figure Legends: Description of figures/image.
Font: Cambria
Size: 10

Tables

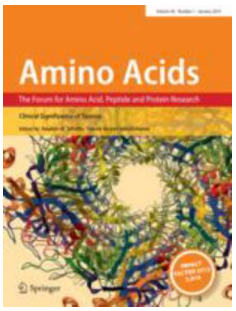
Font: Cambria
Size: 10

Alignment: Center

Table: Brief descriptive title of the table

Table Abbreviations: Give here full form of all abbreviations used in the table. Give the full form even if it has been explained in the text.

ANEXO III



Springer

Instructions for Authors - Amino Acids

(ISSN 0939-4451) Print Version
(ISSN 1438-2199) Electronic Version

Types of papers

- Original Article manuscript length should not exceed 10 printed pages including tables and figures.
- Rapid Communication manuscripts can be submitted to any editor and should deal with a single point. Their entire length should not exceed 4 printed pages. The author must explain in a covering letter why publication is urgent. Manuscripts must include a very brief abstract of no more than 35 words, and keywords. They may include one figure or table. Editorial review will be accelerated; papers will either be accepted or rejected, not allowing any modification of a paper.
- Short Communications should be prepared as described above except for the following: The average length of short communications should not exceed 1500 words and a maximum of two figures or tables is accepted. The abstract should not exceed 80 words.
- Review Articles will be invited by one of the Section Editors. Authors who consider to write a review please contact one of the Section Editors.
- Letters to the Editor have to refer to an article published in Amino Acids and should be sent to Prof. G. Lubec.
- For papers involving human subjects, adequate documentation should be provided to certify that appropriate ethical safeguards and protocols have been followed. Animal experiments should include a clear description of the method of anesthesia and killing.
- Amino Acids Protocols are peer reviewed manuscripts which should include the following sections: Abstract, introduction, extensive Material and Methods section including additional information on critical steps in the protocol, trouble shooting, equipment and timing, anticipated results and references. For further information please refer to the sample Amino Acids Protocols manuscript, which may be downloaded in pdf format at the link below:

Manuscript Submission

Submission of a manuscript implies: that the work described has not been published before; that it is not under consideration for publication anywhere else; that its publication has been approved by all co-authors, if any, as well as by the responsible authorities – tacitly or explicitly – at the institute where the work has been carried out. The publisher will not be held legally responsible should there be any claims for compensation.

Permissions

Authors wishing to include figures, tables, or text passages that have already been published elsewhere are required to obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format and to include evidence that such permission has been granted when submitting their papers. Any material received without such evidence will be assumed to originate from the authors.

Online Submission

Authors should submit their manuscripts online. Electronic submission substantially reduces the editorial processing and reviewing times and shortens overall publication times. Please follow the hyperlink "Submit online" on the right and upload all of your manuscript files following the instructions given on the screen.

Title Page

The title page should include:

The name(s) of the author(s)
A concise and informative title
The affiliation(s) and address(es) of the author(s)
The e-mail address, telephone and fax numbers of the corresponding author

Abstract

Please provide an abstract of 150 to 250 words. The abstract should not contain any undefined abbreviations or unspecified references.

Keywords

Please provide 4 to 6 keywords which can be used for indexing purposes.

Text

Text Formatting

Manuscripts should be submitted in Word.

- Use a normal, plain font (e.g., 10-point Times Roman) for text.
- Use italics for emphasis.
- Use the automatic page numbering function to number the pages.
- Do not use field functions.
- Use tab stops or other commands for indents, not the space bar.
- Use the table function, not spreadsheets, to make tables.
- Use the equation editor or MathType for equations.
- Save your file in docx format (Word 2007 or higher) or doc format (older Word versions).

Manuscripts with mathematical content can also be submitted in LaTeX.

- LaTeX macro package (zip, 182 kB)

Headings

Please use no more than three levels of displayed headings.

Abbreviations

Abbreviations should be defined at first mention and used consistently thereafter.

Footnotes

Footnotes can be used to give additional information, which may include the citation of a reference included in the reference list. They should not consist solely of a reference citation, and they should never include the bibliographic details of a reference. They should also not contain any figures or tables. Footnotes to the text are numbered consecutively; those to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data). Footnotes to the title or the authors of the article are not given reference symbols.
Always use footnotes instead of endnotes.

Acknowledgments

Acknowledgments of people, grants, funds, etc. should be placed in a separate section before the reference list. The names of funding organizations should be written in full.

Scientific style

- Please always use internationally accepted signs and symbols for units (SI units).
- Nomenclature: Insofar as possible, authors should use systematic names similar to those used by Chemical Abstract Service or IUPAC.
- Genus and species names should be in italics.
- Generic names of drugs and pesticides are preferred; if trade names are used, the generic name should be given at first mention.

References

Citation

Cite references in the text by name and year in parentheses. Some examples:

- Negotiation research spans many disciplines (Thompson 1990).
- This result was later contradicted by Becker and Seligman (1996).
- This effect has been widely studied (Abbott 1991; Barakat et al. 1995; Kelso and Smith 1998; Medvec et al. 1999).

Reference list

The list of references should only include works that are cited in the text and that have been published or accepted for publication. Personal communications and unpublished works should only be mentioned in the text. Do not use footnotes or endnotes as a substitute for a reference list.
Reference list entries should be alphabetized by the last names of the first author of each work.

- Journal article

  Gamelin FX, Baquet G, Berthoin S, Thevenet D, Nourry C, Nottin S, Bosquet L (2009) Effect of high intensity intermittent training on heart rate variability in prepubescent children. Eur J Appl Physiol 105:731-738. doi: 10.1007/s00421-008-0955-8

  Ideally, the names of all authors should be provided, but the usage of “et al” in long author lists will also be accepted:

  Smith J, Jones M Jr, Houghton L et al (1999) Future of health insurance. N Engl J Med 965:325–329

- Article by DOI

  Slifka MK, Whitton JL (2000) Clinical implications of dysregulated cytokine production. J Mol Med. doi:10.1007/s001090000086

- Book

South J, Blass B (2001) The future of modern genomics. Blackwell, London

- Book chapter

Brown B, Aaron M (2001) The politics of nature. In: Smith J (ed) The rise of modern genomics, 3rd edn. Wiley, New York, pp 230-257

- Online document

Cartwright J (2007) Big stars have weather too. IOP Publishing PhysicsWeb. http://physicsweb.org/articles/news/11/6/16/1. Accessed 26 June 2007

- Dissertation

Trent JW (1975) Experimental acute renal failure. Dissertation, University of California

Always use the standard abbreviation of a journal's name according to the ISSN List of Title Word Abbreviations, see

- ISSN.org LTWA

If you are unsure, please use the full journal title.
For authors using EndNote, Springer provides an output style that supports the formatting of in-text citations and reference list.

EndNote style (zip, 2 kB)

Tables

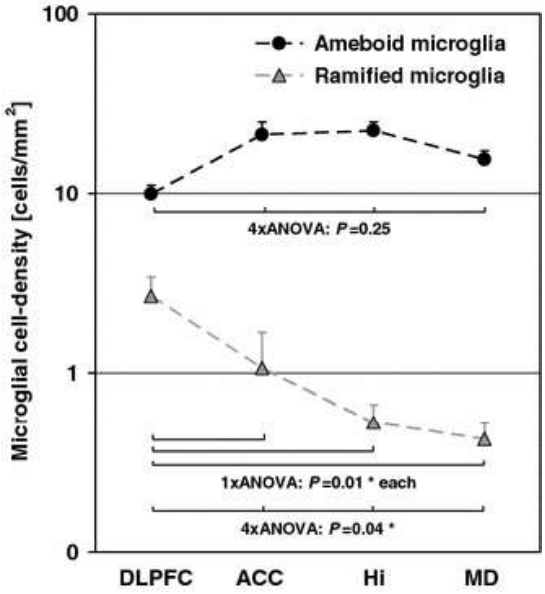
- All tables are to be numbered using Arabic numerals.
- Tables should always be cited in text in consecutive numerical order.
- For each table, please supply a table caption (title) explaining the components of the table.
- Identify any previously published material by giving the original source in the form of a reference at the end of the table caption.
- Footnotes to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data) and included beneath the table body.

Artwork and Illustrations Guidelines

Electronic Figure Submission

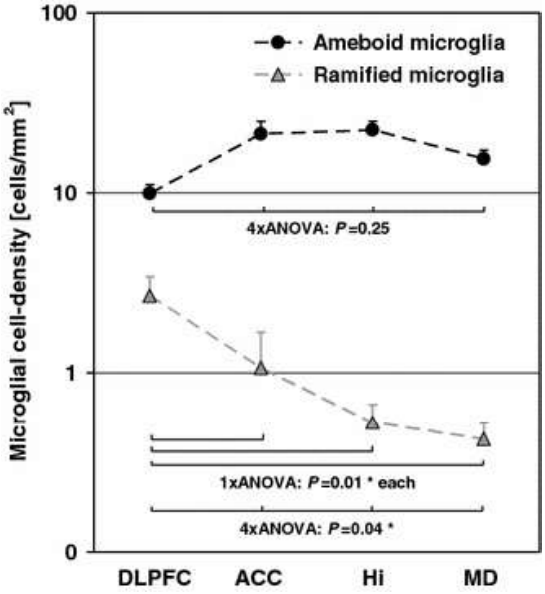
- Supply all figures electronically.
- Indicate what graphics program was used to create the artwork.
- For vector graphics, the preferred format is EPS; for halftones, please use TIFF format. MSOffice files are also acceptable.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.
- Name your figure files with "Fig" and the figure number, e.g., Fig1.eps.

Line Art



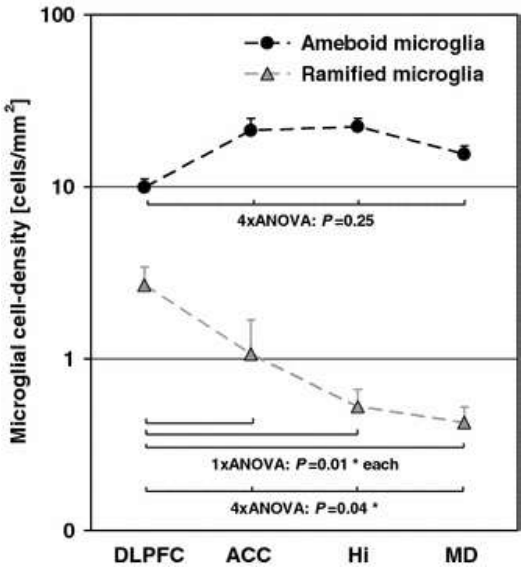
- Definition: Black and white graphic with no shading.
- Do not use faint lines and/or lettering and check that all lines and lettering within the figures are legible at final size.
- All lines should be at least 0.1 mm (0.3 pt) wide.
- Scanned line drawings and line drawings in bitmap format should have a minimum resolution of 1200 dpi.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.

Halftone Art



- Definition: Photographs, drawings, or paintings with fine shading, etc.
- If any magnification is used in the photographs, indicate this by using scale bars within the figures themselves.
- Halftones should have a minimum resolution of 300 dpi.

Combination Art



- Definition: a combination of halftone and line art, e.g., halftones containing line drawing, extensive lettering, color diagrams, etc.
- Combination artwork should have a minimum resolution of 600 dpi.

Color Art

- Color art is free of charge for online publication.
- If black and white will be shown in the print version, make sure that the main information will still be visible. Many colors are not distinguishable from one another when converted to black and white. A simple way to check this is to make a xerographic copy to see if the necessary distinctions between the different colors are still apparent.
- If the figures will be printed in black and white, do not refer to color in the captions.
- Color illustrations should be submitted as RGB (8 bits per channel).

Figure Lettering

- To add lettering, it is best to use Helvetica or Arial (sans serif fonts).
- Keep lettering consistently sized throughout your final-sized artwork, usually about 2–3 mm (8–12 pt).
- Variance of type size within an illustration should be minimal, e.g., do not use 8-pt type on an axis and 20-pt type for the axis label.
- Avoid effects such as shading, outline letters, etc.
- Do not include titles or captions within your illustrations.

Figure Numbering

- All figures are to be numbered using Arabic numerals.
- Figures should always be cited in text in consecutive numerical order.
- Figure parts should be denoted by lowercase letters (a, b, c, etc.).
- If an appendix appears in your article and it contains one or more figures, continue the consecutive numbering of the main text. Do not number the appendix figures, "A1, A2, A3, etc." Figures in online appendices (Electronic Supplementary Material) should, however, be numbered separately.

Figure Captions

- Each figure should have a concise caption describing accurately what the figure depicts. Include the captions in the text file of the manuscript, not in the figure file.
- Figure captions begin with the term Fig. in bold type, followed by the figure number, also in bold type.
- No punctuation is to be included after the number, nor is any punctuation to be placed at the end of the caption.
- Identify all elements found in the figure in the figure caption; and use boxes, circles, etc., as coordinate points in graphs.
- Identify previously published material by giving the original source in the form of a reference citation at the end of the figure caption.

Figure Placement and Size

- When preparing your figures, size figures to fit in the column width.
- For most journals the figures should be 39 mm, 84 mm, 129 mm, or 174 mm wide and not higher than 234 mm.
- For books and book-sized journals, the figures should be 80 mm or 122 mm wide and not higher than 198 mm.

Permissions

If you include figures that have already been published elsewhere, you must obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format. Please be aware that some publishers do not grant electronic rights for free and that Springer will not be able to refund any costs that may have occurred to receive these permissions. In such cases, material from other sources should be used.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your figures, please make sure that

- All figures have descriptive captions (blind users could then use a text-to-speech software or a text-to-Braille hardware)
- Patterns are used instead of or in addition to colors for conveying information (colorblind users would then be able to distinguish the visual elements)
- Any figure lettering has a contrast ratio of at least 4.5:1

Electronic Supplementary Material

Springer accepts electronic multimedia files (animations, movies, audio, etc.) and other supplementary files to be published online along with an article or a book chapter. This feature can add dimension to the author's article, as certain information cannot be printed or is more convenient in electronic form.

Submission

- Supply all supplementary material in standard file formats.
- Please include in each file the following information: article title, journal name, author names; affiliation and e-mail address of the corresponding author.
- To accommodate user downloads, please keep in mind that larger-sized files may require very long download times and that some users may experience other problems during downloading.

Audio, Video, and Animations

- Always use MPEG-1 (.mpg) format.

Text and Presentations

- Submit your material in PDF format; .doc or .ppt files are not suitable for long-term viability.
- A collection of figures may also be combined in a PDF file.

Spreadsheets

- Spreadsheets should be converted to PDF if no interaction with the data is intended.
- If the readers should be encouraged to make their own calculations, spreadsheets should be submitted as .xls files (MS Excel).

Specialized Formats

- Specialized format such as .pdb (chemical), .wrl (VRML), .nb (Mathematica notebook), and .tex can also be supplied.

Collecting Multiple Files

- It is possible to collect multiple files in a .zip or .gz file.

Numbering

- If supplying any supplementary material, the text must make specific mention of the material as a citation, similar to that of figures and tables.
- Refer to the supplementary files as “Online Resource”, e.g., "... as shown in the animation (Online Resource 3)", “... additional data are given in Online Resource 4”.
- Name the files consecutively, e.g. “ESM_3.mpg”, “ESM_4.pdf”.

Captions

- For each supplementary material, please supply a concise caption describing the content of the file.

Processing of supplementary files

- Electronic supplementary material will be published as received from the author without any conversion, editing, or reformatting.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your supplementary files, please make sure that

- The manuscript contains a descriptive caption for each supplementary material
- Video files do not contain anything that flashes more than three times per second (so that users prone to seizures caused by such effects are not put at risk)

Ethical Responsibilities of Authors

This journal is committed to upholding the integrity of the scientific record. As a member of the Committee on Publication Ethics (COPE) the journal will follow the COPE guidelines on how to deal with potential acts of misconduct.

Authors should refrain from misrepresenting research results which could damage the trust in the journal, the professionalism of scientific authorship, and ultimately the entire scientific endeavour. Maintaining integrity of the research and its presentation can be achieved by following the rules of good scientific practice, which include:

- The manuscript has not been submitted to more than one journal for simultaneous consideration.

- The manuscript has not been published previously (partly or in full), unless the new work concerns an expansion of previous work (please provide transparency on the re-use of material to avoid the hint of text-recycling ("self-plagiarism")).
- A single study is not split up into several parts to increase the quantity of submissions and submitted to various journals or to one journal over time (e.g. "salami-publishing").
- No data have been fabricated or manipulated (including images) to support your conclusions
- No data, text, or theories by others are presented as if they were the author's own ("plagiarism"). Proper acknowledgements to other works must be given (this includes material that is closely copied (near verbatim), summarized and/or paraphrased), quotation marks are used for verbatim copying of material, and permissions are secured for material that is copyrighted.

  Important note: the journal may use software to screen for plagiarism.
- Consent to submit has been received explicitly from all co-authors, as well as from the responsible authorities - tacitly or explicitly - at the institute/organization where the work has been carried out, **before** the work is submitted.
- Authors whose names appear on the submission have contributed sufficiently to the scientific work and therefore share collective responsibility and accountability for the results.

In addition:

- Changes of authorship or in the order of authors are not accepted **after** acceptance of a manuscript.
- Requesting to add or delete authors at revision stage, proof stage, or after publication is a serious matter and may be considered when justifiably warranted. Justification for changes in authorship must be compelling and may be considered only after receipt of written approval from all authors and a convincing, detailed explanation about the role/deletion of the new/deleted author. In case of changes at revision stage, a letter must accompany the revised manuscript. In case of changes after acceptance or publication, the request and documentation must be sent via the Publisher to the Editor-in-Chief. In all cases, further documentation may be required to support your request. The decision on accepting the change rests with the Editor-in-Chief of the journal and may be turned down. Therefore authors are strongly advised to ensure the correct author group, corresponding author, and order of authors at submission.
- Upon request authors should be prepared to send relevant documentation or data in order to verify the validity of the results. This could be in the form of raw data, samples, records, etc.

If there is a suspicion of misconduct, the journal will carry out an investigation following the COPE guidelines. If, after investigation, the allegation seems to raise valid concerns, the accused author will be contacted and given an opportunity to address the issue. If misconduct has been established beyond reasonable doubt, this may result in the Editor-in-Chief's implementation of the following measures, including, but not limited to:

- If the article is still under consideration, it may be rejected and returned to the author.
- If the article has already been published online, depending on the nature and severity of the infraction, either an erratum will be placed with the article or in severe cases complete retraction of the article will occur. The reason must be given in the published erratum or retraction note.
- The author's institution may be informed.

Compliance with Ethical Standards

To ensure objectivity and transparency in research and to ensure that accepted principles of ethical and professional conduct have been followed, authors should include information regarding sources of funding, potential conflicts of interest (financial or non-financial), informed consent if the research involved human participants, and a statement on welfare of animals if the research involved animals. Authors should include the following statements (if applicable) in a separate section entitled "Compliance with Ethical Standards" before the References when submitting a paper:

- Disclosure of potential conflicts of interest
- Research involving Human Participants and/or Animals
- Informed consent

Please note that standards could vary slightly per journal dependent on their peer review policies (i.e. double blind peer review) as well as per journal subject discipline. Before submitting your article check the Instructions for Authors carefully.

The corresponding author should be prepared to collect documentation of compliance with ethical standards and send if requested during peer review or after publication.

The Editors reserve the right to reject manuscripts that do not comply with the above-mentioned guidelines. The author will be held responsible for false statements or failure to fulfill the above-mentioned guidelines.

Disclosure of potential conflicts of interest

Authors must disclose all relationships or interests that could have direct or potential influence or impart bias on the work. Although an author may not feel there is any conflict, disclosure of relationships and interests provides a more complete and transparent process, leading to an accurate and objective assessment of the work. Awareness of a real or perceived conflicts of interest is a perspective to which the readers are entitled. This is not meant to imply that a financial relationship with an organization that sponsored the research or compensation received for consultancy work is inappropriate. Examples of potential conflicts of interests **that are directly or indirectly related to the research** may include but are not limited to the following:

- Research grants from funding agencies (please give the research funder and the grant number)
- Honoraria for speaking at symposia
- Financial support for attending symposia
- Financial support for educational programs
- Employment or consultation
- Support from a project sponsor
- Position on advisory board or board of directors or other type of management relationships
- Multiple affiliations
- Financial relationships, for example equity ownership or investment interest
- Intellectual property rights (e.g. patents, copyrights and royalties from such rights)
- Holdings of spouse and/or children that may have financial interest in the work

In addition, interests that go beyond financial interests and compensation (non-financial interests) that may be important to readers should be disclosed. These may include but are not limited to personal relationships or competing interests directly or indirectly tied to this research, or professional interests or personal beliefs that may influence your research.

The corresponding author collects the conflict of interest disclosure forms from all authors. In author collaborations where formal agreements for representation allow it, it is sufficient for the corresponding author to sign the disclosure form on behalf of all authors. Examples of forms can be found here:

The corresponding author will include a summary statement in the text of the manuscript in a separate section before the reference list, that reflects what is recorded in the potential conflict of interest disclosure form(s).
See below examples of disclosures:
Funding: This study was funded by X (grant number X).
Conflict of Interest: Author A has received research grants from Company A. Author B has received a speaker honorarium from Company X and owns stock in Company Y. Author C is a member of committee Z.
If no conflict exists, the authors should state:
Conflict of Interest: The authors declare that they have no conflict of interest.

Research involving human participants and/or animals

1) Statement of human rights
When reporting studies that involve human participants, authors should include a statement that the studies have been approved by the appropriate institutional and/or national research ethics committee and have been performed in accordance with the ethical standards as laid down in the 1964 Declaration of Helsinki and its later amendments or comparable ethical standards.
If doubt exists whether the research was conducted in accordance with the 1964 Helsinki Declaration or comparable standards, the authors must explain the reasons for their approach, and demonstrate that the independent ethics committee or institutional review board explicitly approved the doubtful aspects of the study.
The following statements should be included in the text before the References section:
Ethical approval: "All procedures performed in studies involving human participants were in accordance with the ethical standards of the institutional and/or national research committee and with the 1964 Helsinki declaration and its later amendments or comparable ethical standards."
For retrospective studies, please add the following sentence:
"For this type of study formal consent is not required."

2) Statement on the welfare of animals
The welfare of animals used for research must be respected. When reporting experiments on animals, authors should indicate whether the international, national, and/or institutional guidelines for the care and use of animals have been followed, and that the studies have been approved by a research ethics committee at the institution or practice at which the studies were conducted (where such a committee exists).
For studies with animals, the following statement should be included in the text before the References section:
Ethical approval: "All applicable international, national, and/or institutional guidelines for the care and use of animals were followed."
If applicable (where such a committee exists): "All procedures performed in studies involving animals were in accordance with the ethical standards of the institution or practice at which the studies were conducted."
If articles do not contain studies with human participants or animals by any of the authors, please select one of the following statements:
"This article does not contain any studies with human participants performed by any of the authors."
"This article does not contain any studies with animals performed by any of the authors."
"This article does not contain any studies with human participants or animals performed by any of the authors."

Informed consent

All individuals have individual rights that are not to be infringed. Individual participants in studies have, for example, the right to decide what happens to the (identifiable) personal data gathered, to what they have said during a study or an interview, as well as to any photograph that was taken. Hence it is important that all participants gave their informed consent in writing prior to inclusion in the study. Identifying details (names, dates of birth, identity numbers and other information) of the participants that were studied should not be published in written descriptions, photographs, and genetic profiles unless the information is essential for scientific purposes and the participant (or parent or guardian if the participant is incapable) gave written informed consent for publication. Complete anonymity is difficult to achieve in some cases, and informed consent should be obtained if there is any doubt. For example, masking the eye region in photographs of participants is inadequate protection of anonymity. If identifying characteristics are altered to protect anonymity, such as in genetic profiles, authors should provide assurance that alterations do not distort scientific meaning.

The following statement should be included:

Informed consent: "Informed consent was obtained from all individual participants included in the study."

If identifying information about participants is available in the article, the following statement should be included:

"Additional informed consent was obtained from all individual participants for whom identifying information is included in this article."

Does Springer provide English language support?

Manuscripts that are accepted for publication will be checked by our copyeditors for spelling and formal style. This may not be sufficient if English is not your native language and substantial editing would be required. In that case, you may want to have your manuscript edited by a native speaker prior to submission. A clear and concise language will help editors and reviewers concentrate on the scientific content of your paper and thus smooth the peer review process.

The following editing service provides language editing for scientific articles in all areas Springer publishes in:

- Edanz English editing for scientists

Use of an editing service is neither a requirement nor a guarantee of acceptance for publication.
Please contact the editing service directly to make arrangements for editing and payment.

After acceptance

Upon acceptance of your article you will receive a link to the special Author Query Application at Springer's web page where you can sign the Copyright Transfer Statement online and indicate whether you wish to order OpenChoice, offprints, or printing of figures in color.

Once the Author Query Application has been completed, your article will be processed and you will receive the proofs.

Open Choice

In addition to the normal publication process (whereby an article is submitted to the journal and access to that article is granted to customers who have purchased a subscription), Springer provides an alternative publishing option: Springer Open Choice. A Springer Open Choice article receives all the benefits of a regular subscription-based article, but in addition is made available publicly through Springer's online platform SpringerLink.

- Springer Open Choice

Copyright transfer

Authors will be asked to transfer copyright of the article to the Publisher (or grant the Publisher exclusive publication and dissemination rights). This will ensure the widest possible protection and dissemination of information under copyright laws.
Open Choice articles do not require transfer of copyright as the copyright remains with the author. In opting for open access, the author(s) agree to publish the article under the Creative Commons Attribution License.

Offprints

Offprints can be ordered by the corresponding author.

Color illustrations

Online publication of color illustrations is free of charge. For color in the print version, authors will be expected to make a contribution towards the extra costs.

Proof reading

The purpose of the proof is to check for typesetting or conversion errors and the completeness and accuracy of the text, tables and figures. Substantial changes in content, e.g., new results, corrected values, title and authorship, are not allowed without the approval of the Editor.
After online publication, further changes can only be made in the form of an Erratum, which will be hyperlinked to the article.

Online First

The article will be published online after receipt of the corrected proofs. This is the official first publication citable with the DOI. After release of the printed version, the paper can also be cited by issue and page numbers.

ANEXO IV

Instructions for Authors
International Journal of Cardiology
(ISSN 0167-5273)

The International Journal of Cardiology is a global journal of cardiology, cardio-metabolic and vascular sciences. Articles reporting clinical observations and interventions, experimental studies and theoretical concepts are all welcome provided they are of major scientific importance and clinical relevance. The journal covers all aspects of cardiology from genes to populations. The journal commissions high quality review articles from distinguished authors; unsolicited reviews will also be considered and will be subject to peer review. Letters to the editor are welcome. Case reports can only be considered if formatted as a letter. Submission of a manuscript to this journal gives the publisher the right to publish that paper if it is accepted. Manuscripts may be edited to improve clarity and expression

Types of Manuscripts

TYPES OF MANUSCRIPT

The journal invites Original Articles, Reviews, Editorials and Letters to the Editor. Case Reports will be considered only in the form of Letters to the Editor. Please follow the instructions relevant to type of manuscript being submitted. If the article to be submitted reports a randomized trial the authors are requested to consult the CONSORT (Consolidated Standards of Reporting Trials) Statement (see web link www.consort-statement.org) for advice on specific features of the trial to report on in the manuscript.

1. ORIGINAL ARTICLES

Original Articles should report original research not previously published or being considered for publication elsewhere, meeting high standards of scientific integrity. There is no maximum word count. The standard layout is given below.
Layout Of Original Articles

Divide the manuscript into the following sections: Title page, Structured Abstract, Key words (3-6), Introduction, Methods, Results, Discussion, Acknowledgments, References. The editors will consider the use of other sections if more suitable for certain manuscripts. Type double-spaced. The Title Page should include: 1. The title (not to exceed 25 words) 2. The full list of authors and for each author a numbered footnote. The footnote should state the author's academic affiliation and the following statement of authorship: "This author takes responsibility for all aspects of the reliability and freedom from bias of the data presented and their discussed interpretation". Any author unable to make this statement must instead state their specific contribution to the manuscript. 3. Corresponding author and contact details 4. Acknowledgement of grant support 5. Any potential conflicts of interest, including related consultancies, shareholdings and funding grants 6. A list of up to 6 keywords The Next Page Should Include:

A Structured Abstract, of no more than 250 words. As this may be the only part of the article read by some readers it must include sufficient detail for an adequate summary of the whole manuscript. The preferred subheadings are Background, Methods, Results and Conclusions, although a merged Methods and Results subheading is also permitted if this permits more economical expression. The Next Page should commence the main article subdivided into the following sections:

The Introduction should be brief and set out why the study has been performed along with a review of relevant previous work only where essential.

The Methods should be sufficiently detailed so that readers and reviewers can understand precisely what has been done. Standard methods can be referenced. Manuscripts reporting data obtained from research conducted in human subjects must include a statement of assurance in the Methods section of the manuscript that (1) informed consent was obtained from each patient and (2) the study protocol conforms to the ethical guidelines of the 1975 Declaration of Helsinki as reflected in a priori approval by the institution's human research committee. Manuscripts reporting experiments using animals must include a statement giving assurance that all animals received humane care and that study protocols comply with the institution's guidelines.

A Statistical Methods Section must be included where relevant. This should include the statistical methods used with sufficient clarity for the findings to be reproduced by independent analysis of the dataset, a statement on how the data presented were selected including prospective sample size calculations, the reasons for including/excluding subjects or data points, and what steps the authors have taken, if any, to exclude intentional or unintentional bias in recruitment, measurement, data retention, analysis, reporting and comment.

The Results should be presented precisely. Keep discussion of their importance to a minimum in this section of the manuscript. Present 95% confidence intervals with p values. When describing normal distributions, denote the standard deviation explicitly, e.g. with the abbreviation SD, rather than a ± sign. When describing uncertainty of a mean, denote

the standard error of the mean explicitly, e.g. with the abbreviation SEM, rather than a ± sign. It is a condition of final acceptance of manuscripts, for the purpose of scientific integrity, that for each figure, raw numerical values should be uploaded in an Online Data Supplement. These supplement files should be one or more standard spreadsheet files. Raw x and y values for all scatterplots should be given. For bar charts and histograms, underlying raw values and categories should be given. For each Kaplan-Meier survival curve, for each patient a time-to-event-or-censoring and censor status should be given. Authors may additionally optionally upload comprehensive numerical datasets of the study.

The Discussion should directly relate to the study being reported rather than a general review of the topic.

A Study limitations subsection must be included and should disclose any reasons the findings may not be applicable more broadly.

Conclusions should be limited to a brief summary and the implications of the data presented.

References Discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links within ScienceDirect and to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef or PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent the link creation. When copying references, please be careful as they may already contain an error.

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume and issue/book chapter and the pagination must be present. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that incorrect or missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.The reference style used by this journal is Vancouver Numbered. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples Examples: [1] De Soyza N, Thenabadu PN, Murphy ML, Kane JJ, Doherty JE. Ventricular arrhythmia before and after aortocoronary bypass surgery. Int J Cardiol 1981; 1:123-130. [2] Akutsu T. Artificial heart: total replacement and partial support. Amsterdam: Elsevier/North-Holland, 1975. [3] Goldman RH. Digitalis toxicity. In: Bristow MR, editors. Drug-induced heart disease. Amsterdam: Elsevier/North-Holland, 1980:217-40.

Please note that all authors should be listed when six or less; when seven or more, list only the first three and add et al. Do not include references to personal communications, unpublished data or manuscripts either "in preparation" or "submitted for publication". If essential, such material may be incorporated into the appropriate place in the text. Recheck references in the text against reference list after your manuscript has been revised.

Tables should be typed with double spacing and each should be on a separate sheet. They should be numbered consecutively with Arabic numerals, and contain only horizontal lines. Provide a short descriptive heading above each table with footnotes and/or explanations underneath. Figures should ideally be submitted in high-resolution TIF format, or alternatively in GIF, JPEG/JPG, or EPS format. The figures should be placed in separate files, named only with the figure numbers (e.g. "Figure1.tif".) The cost of colour figures will be paid by the author.

Please ensure figures have the appropriate resolution: Line art: 1000 dpi Halftones: 300 dpi Combinations: 500 dpi Colour: 300 dpi Colour combinations: 500 dpi.

Figures can appear in colour in the online journal at no additional cost to the author, but if the author requires the paper journal to show the figures in colour there is an additional cost to pay.

For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://authors.elsevier.com/artwork. Legends for Figures should be typed with double-spacing on a separate sheet.

For each and every gene accession number cited in an article, authors should type the accession number in bold, underlined text. Letters in the accession number should always be capitalised. Example: (GenBank accession nos. AI631510, AI631511, AI632198, and BF223228,) a B-cell tumor from a chronic lymphatic leukemia (GenBank accession no. BE675048,) and a T-cell lymphoma (GenBank accession no. AA361117).

2. REVIEW ARTICLES Reviews of recent developments are welcome, and will undergo peer review. Reviews should have an unstructured abstract of up to 250 words. Authors are encouraged to use section headings for ease of reading. They do not have an introduction, methods, results or discussion sections. Type double-spaced. For instructions on references and figures please refer to the section on original manuscripts.

3. EDITORIALS Editorials are written on invitation but unsolicited topical commentaries of interest of maximum 1500 words will also be welcomed for consideration. Editorials should have an unstructured abstract of up to 250 words and a maximum of 12 references and 2 figures/tables. They do not have an introduction, methods, results or discussion sections. Type double-spaced. For instructions on references and figures please refer to the section on original manuscripts.

4. LETTERS TO THE EDITOR Readers are encouraged to write about any topic that relates to cardiology: clinical, scientific, educational, social or economic and may include discussions on material previously printed in the Journal. The International Journal of Cardiology publishes Letters to the Editor as either printed pages or in the on-line correspondence section. On-line letters will have a volume/issue and e-number and will be citable and searchable via Medline. Authors will be informed at the time of acceptance as to the publication format for their letters. Case Reports will only be considered if formatted as a letter.

Letters may include up to 1000 words, 2 figures/tables and 10 references. These should have no abstract and no sub-

headings. Type double-spaced. If the letter contains original research findings a short description of methods, results and conclusions is required. Letters reporting data obtained from research conducted in human subjects must include a statement of assurance that (1) informed consent was obtained from each patient and (2) the study protocol conforms to the ethical guidelines of the 1975 Declaration of Helsinki as reflected in a priori approval by the institution's human research committee. Letters reporting experiments using animals must include a statement giving assurance that all animals received humane care and that study protocols comply with the institution's guidelines.

Process of Submission

The International Journal of Cardiology is a fully electronic journal. All manuscripts MUST be submitted via the Internet to the following Elsevier website: http://www.ees.elsevier.com/ijc/. DO NOT email the manuscript to the journal or editors.

Author Agreement Form All authors and contributors must submit a form stating their role in the article. This form is available to download directly from the last screen in the submission process. The International Journal of Cardiology requires all authors to sign this form. Articles will not be published until these are received.

Changes to Authorship This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts: Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written signed confirmation from ALL authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above.

Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed. After the accepted manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article already published online must follow the same policies as noted above. If accepted, the change will be noted by the publication of a corrigendum.

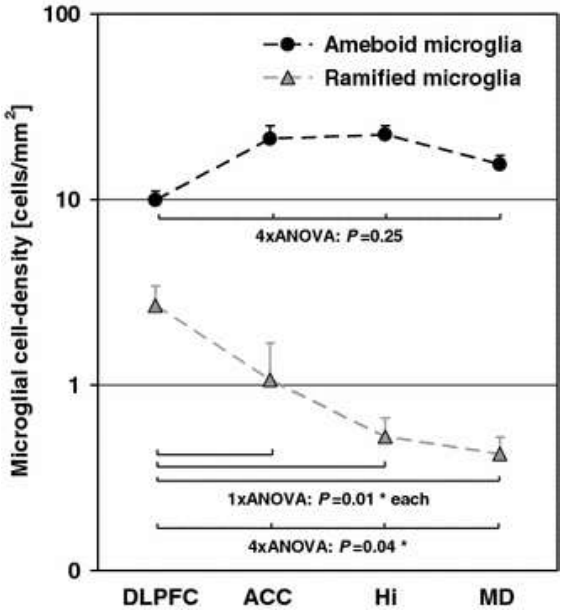
Preparation of supplementary data International Journal of Cardiology publishes electronic supplementary material to enhance your scientific research presentation, increase transparency, and support scientific integrity. It is required that raw data for figures should be presented, and the author is invited voluntarily to publish in full the detailed dataset of the study. Supplementary files may also include supporting applications, movies, animation sequences, high-resolution images, background datasets, sound clips or other helpful items. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com.

Audio Slides The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Language Editing The language of the Journal is English. International Science Editing and Asia Science Editing can provide English language and copyediting services to authors who want to publish in scientific, technical and medical journals and need assistance before they submit their article or, before it is accepted for publication. Authors can contact these services directly: International Science Editing (http://www.internationalscienceediting.com) and Asia Science Editing (http://www.asiascienceediting.com) or, for more information about language editing services, please contact authorsupport@elsevier.com who will be happy to deal with any questions.

Page charges

Page Charges will not be levied.



Ethics in publishing

For information on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication see http://www.elsevier.com/publishingethicsand http://www.elsevier.com/journal-authors/ethics.

Human and animal rights

If the work involves the use of animal or human subjects, the author should ensure that the work described has been carried out in accordance with The Code of Ethics of the World Medical Association (Declaration of Helsinki) for experiments involving humans http://www.wma.net/en/30publications/10policies/b3/index.html; EU Directive 2010/63/EU for animal experiments http://ec.europa.eu/environment/chemicals/lab_animals/legislation_en.htm; Uniform Requirements for manuscripts submitted to Biomedical journals http://www.icmje.org. Authors should include a statement in the manuscript that informed consent was obtained for experimentation with human subjects. The privacy rights of human subjects must always be observed.

Conflict of interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding. If there are no conflicts of interest then please state this: 'Conflicts of interest: none'. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://help.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923.

Conflict of interest statements for authors

All authors are requested to disclose any actual or potential conflict of interest including any financial, personal or other relationships with other people or organizations within three years of beginning the submitted work that could inappropriately influence, or be perceived to influence, their work. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest.

The International Journal of Cardiology requires full disclosure of all potential conflicts of interest. Please download the disclosure from the submission site, http://ees.elsevier.com/ijc/default.asp at the 'Attach Files' stage of manuscript submission

Potential Conflicts of Interest Related to Individual Authors' Commitments When authors submit a manuscript, whether an article or a letter, they are responsible for disclosing all financial and personal relationships that might bias their work. To prevent ambiguity, authors must state explicitly whether potential conflicts do or do not exist.

Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://help.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see http://www.elsevier.com/postingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its

publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck http://www.elsevier.com/editors/plagdetect.

Contributors

Each author is required to declare his or her individual contribution to the article: all authors must have materially participated in the research and/or article preparation, so roles for all authors should be described. The statement that all authors have approved the final article should be true and included in the disclosure.

Authorship

All authors should have made substantial contributions to all of the following: (1) the conception and design of the study, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, (3) final approval of the version to be submitted.

Changes to authorship

This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts:
Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written confirmation (e-mail, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed.
After the accepted manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Clinical trial results

In line with the position of the International Committee of Medical Journal Editors, the journal will not consider results posted in the same clinical trials registry in which primary registration resides to be prior publication if the results posted are presented in the form of a brief structured (less than 500 words) abstract or table. However, divulging results in other circumstances (e.g., investors' meetings) is discouraged and may jeopardise consideration of the manuscript. Authors should fully disclose all posting in registries of results of the same or closely related work.

Reporting clinical trials

Randomized controlled trials should be presented according to the CONSORT guidelines. At manuscript submission, authors must provide the CONSORT checklist accompanied by a flow diagram that illustrates the progress of patients through the trial, including recruitment, enrollment, randomization, withdrawal and completion, and a detailed description of the randomization procedure. The CONSORT checklist and template flow diagram can be found on http://www.consort-statement.org.

Registration of clinical trials

Registration in a public trials registry is a condition for publication of clinical trials in this journal in accordance with International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE, http://www.icmje.org) recommendations. Trials must register at or before the onset of patient enrolment. The clinical trial registration number should be included at the end of the abstract of the article. A clinical trial is defined as any research study that prospectively assigns human participants or groups of humans to one or more health-related interventions to evaluate the effects of health outcomes. Health-related interventions include any intervention used to modify a biomedical or health-related outcome (for example drugs, surgical procedures, devices, behavioural treatments, dietary interventions, and process-of-care changes). Health outcomes include any biomedical or health-related measures obtained in patients or participants, including pharmacokinetic measures and adverse events. Purely observational studies (those in which the assignment of the medical intervention is not at the discretion of the investigator) will not require registration.

Article transfer service

This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically on your behalf with no need to reformat. Please note that your article will be reviewed again by the new journal. More information about this can be found here: http://www.elsevier.com/authors/article-transfer-service.

Copyright

This journal offers authors a choice in publishing their research: Open access and Subscription.

For subscription articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.
Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consult http://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions.

For open access articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (for more information see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (see http://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Retained author rights
As an author you (or your employer or institution) retain certain rights. For more information on author rights for:
Subscription articles please see http://www.elsevier.com/journal-authors/author-rights-and-responsibilities.
Open access articles please see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established agreements and developed policies to allow authors whose articles appear in journals published by Elsevier, to comply with potential manuscript archiving requirements as specified as conditions of their grant awards. To learn more about existing agreements and policies please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open access
• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse
• An open access publication fee is payable by authors or their research funder
Subscription
• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our access programs (http://www.elsevier.com/access)
• No open access publication fee

All articles published open access will be immediately and permanently free for everyone to read and download.
Permitted reuse is defined by your choice of one of the following Creative Commons user licenses:
Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike (CC BY-NC-SA): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text and data mine the article, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation, and license their new adaptations or creations under identical terms (CC BY-NC-SA).
Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

Elsevier has established agreements with funding bodies, http://www.elsevier.com/fundingbodies. This ensures authors can comply with funding body open access requirements, including specific user licenses, such as CC BY. Some authors may also be reimbursed for associated publication fees. If you need to comply with your funding body policy, you can apply for the CC BY license after your manuscript is accepted for publication.

To provide open access, this journal has a publication fee which needs to be met by the authors or their research funders for each article published open access.
Your publication choice will have no effect on the peer review process or acceptance of submitted articles.

The open access publication fee for this journal is **USD 3000**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: http://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/languageediting/) or visit our customer support site (http://support.elsevier.com) for more information.

Informed consent and patient details

Studies on patients or volunteers require ethics committee approval and informed consent, which should be documented in the paper. Appropriate consents, permissions and releases must be obtained where an author wishes to include case details or other personal information or images of patients and any other individuals in an Elsevier publication. Written consents must be retained by the author and copies of the consents or evidence that such consents have been obtained must be provided to Elsevier on request. For more information, please review the *Elsevier Policy on the Use of Images or Personal Information of Patients or other Individuals*, http://www.elsevier.com/patient-consent-policy. Unless you have written permission from the patient (or, where applicable, the next of kin), the personal details of any patient included in any part of the article and in any supplementary materials (including all illustrations and videos) must be removed before submission.

Submission

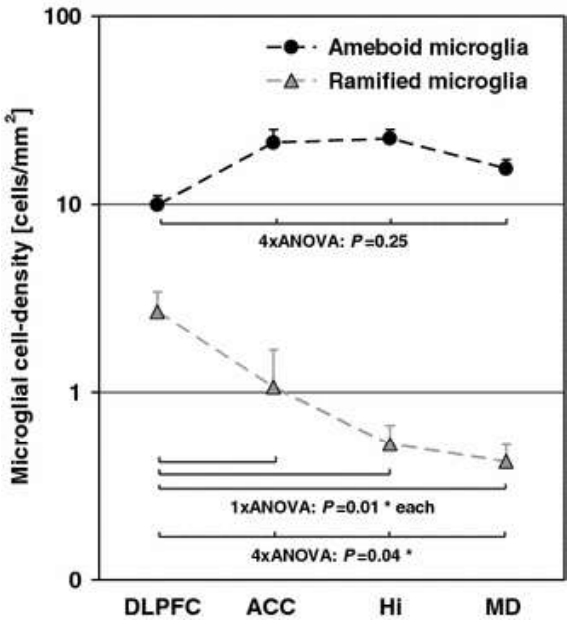
Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Submit your article

Please submit your article via http://ees.elsevier.com/ijc.

Referees

Please submit the names and institutional e-mail addresses of several potential referees. For more details, visit our Support site. Note that the editor retains the sole right to decide whether or not the suggested reviewers are used.



Use of word processing software

It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the

Guide to Publishing with Elsevier: http://www.elsevier.com/guidepublication). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Subdivision - numbered sections

Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction

State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods

Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Theory/calculation

A Theory section should extend, not repeat, the background to the article already dealt with in the Introduction and lay the foundation for further work. In contrast, a Calculation section represents a practical development from a theoretical basis.

Results

Results should be clear and concise.

Discussion

This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions

The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices

If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.
• ***Author names and affiliations.*** Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that phone numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address. Contact details must be kept up to date by the corresponding author.**
• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in

the abstract itself.

Graphical abstract

Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. See http://www.elsevier.com/graphicalabstractsfor examples.
Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are a short collection of bullet points that convey the core findings of the article. Highlights are optional and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point).
See http://www.elsevier.com/highlights for examples.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Units

Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other units are mentioned, please give their equivalent in SI.

Math formulae

Present simple formulae in the line of normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article, using superscript Arabic numbers. Many wordprocessors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Artwork

Electronic artwork

General points
• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Embed the used fonts if the application provides that option.
• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Provide captions to illustrations separately.
• Size the illustrations close to the desired dimensions of the printed version.
• Submit each illustration as a separate file.
A detailed guide on electronic artwork is available on our website:
http://www.elsevier.com/artworkinstructions
You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.
Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.
Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):
EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.
TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.
TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.
TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.
Please do not:
• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;
• Supply files that are too low in resolution;
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color on the Web (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article**.
Please indicate your preference for color: in print or on the Web only. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions.
Please note: Because of technical complications that can arise by converting color figures to 'gray scale' (for the printed version should you not opt for color in print) please submit in addition usable black and white versions of all the color illustrations.

Illustration services

Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/illustrationservices) offers Illustration Services to authors preparing to submit a manuscript but concerned about the quality of the images accompanying their article. Elsevier's expert illustrators can produce scientific, technical and medical-style images, as well as a full range of charts, tables and graphs. Image 'polishing' is also available, where our illustrators take your image(s) and improve them to a professional standard. Please visit the website to find out more.

Figure captions

Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text. Place footnotes to tables below the table body and indicate them with superscript lowercase letters. Avoid vertical rules. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in tables do not duplicate results described elsewhere in the article.

References
Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links

Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference style

Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given.
Example: '..... as demonstrated [3,6]. Barnaby and Jones [8] obtained a different result ....'
List: Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text.
Examples:
Reference to a journal publication:
[1] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, The art of writing a scientific article, J. Sci. Commun. 163 (2010) 51–59.
Reference to a book:
[2] W. Strunk Jr., E.B. White, The Elements of Style, fourth ed., Longman, New York, 2000.
Reference to a chapter in an edited book:
[3] G.R. Mettam, L.B. Adams, How to prepare an electronic version of your article, in: B.S. Jones, R.Z. Smith (Eds.), Introduction to the Electronic Age, E-Publishing Inc., New York, 2009, pp. 281–304.

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations: http://www.issn.org/services/online-services/access-to-the-ltwa/.

Video data

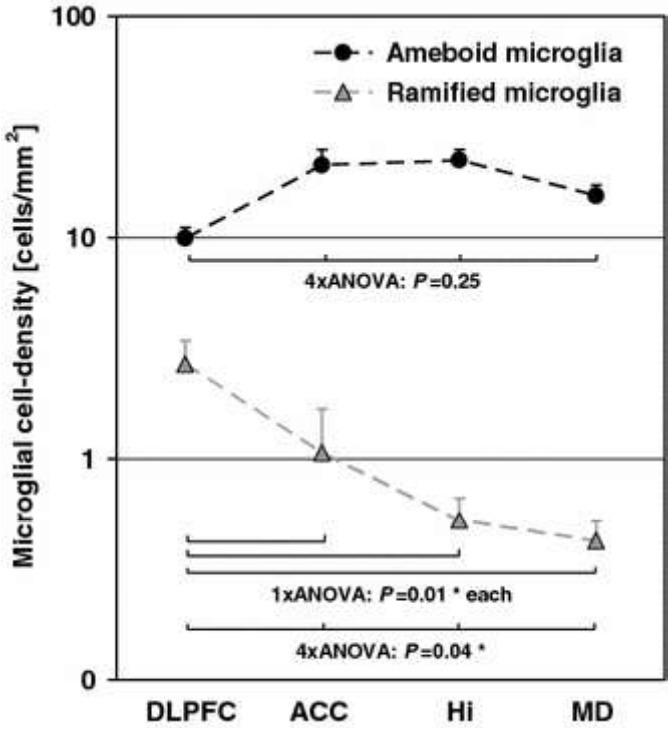
Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 50 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Supplementary data

Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please provide the data in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.
Ensure that the following items are present:
One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address
• Phone numbers
All necessary files have been uploaded, and contain:
• Keywords
• All figure captions
• All tables (including title, description, footnotes)
Further considerations
• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'
• References are in the correct format for this journal
• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Web)
• Color figures are clearly marked as being intended for color reproduction on the Web (free of charge) and in print, or to be reproduced in color on the Web (free of charge) and in black-and-white in print
• If only color on the Web is required, black-and-white versions of the figures are also supplied for printing purposes
For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.



Use of the Digital Object Identifier

The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly 'Articles in press' because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal *Physics Letters B*):
http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059
When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Proofs

One set of page proofs (as PDF files) will be sent by e-mail to the corresponding author (if we do not have an e-mail address then paper proofs will be sent by post) or, a link will be provided in the e-mail so that authors can download the files themselves. Elsevier now provides authors with PDF proofs which can be annotated; for this you will need to download Adobe Reader version 9 (or higher) available free from http://get.adobe.com/reader. Instructions on how to annotate PDF files will accompany the proofs (also given online). The exact system requirements are given at the Adobe site: http://www.adobe.com/products/reader/tech-specs.html.
If you do not wish to use the PDF annotations function, you may list the corrections (including replies to the Query Form) and return them to Elsevier in an e-mail. Please list your corrections quoting line number. If, for any reason, this is not possible, then mark the corrections and any other comments (including replies to the Query Form) on a printout of your proof and return by fax, or scan the pages and e-mail, or by post. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication: please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Proofs will be sent to the authors to be carefully checked for printer's errors. Changes or additions to the edited manuscript cannot be allowed at this stage. Corrected proofs should be returned to the publisher within 2 days of receipt.

Offprints

The corresponding author, at no cost, will be provided with a personalized link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. This link can also be used for sharing via email and social networks. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints). Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/booklets).